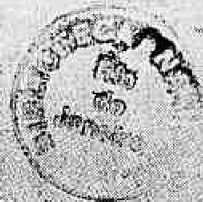
REVISTA DA SEMANA

Nº 2[illegible] ★ 22-7-50

CR$ 3.00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

O RIO CÔRRE PARA O MARACANÃ

★

UMA OPERAÇÃO DE TIREÓIDE

AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFERTAS

CASAS ROULIEN

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS

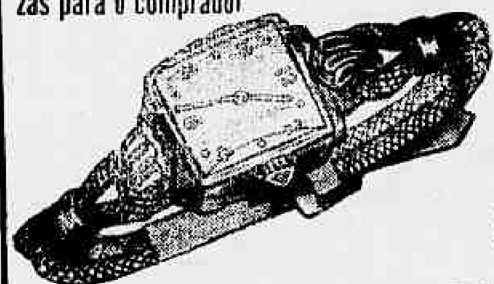
Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso.

GRATIS

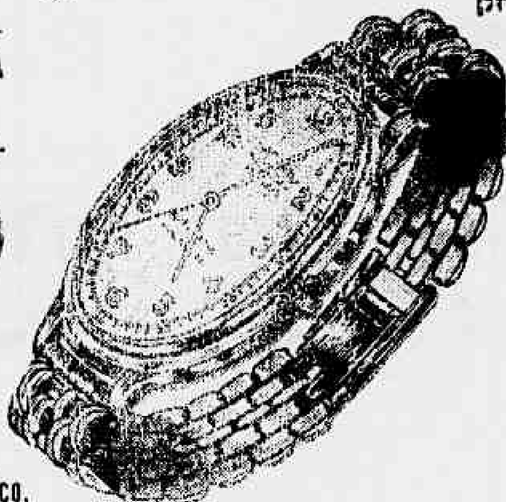
Para compras acima de Cr$ 150,00, eviaremos junto ao pedido, uma pulseira folheada para Senhora. Façam seus pedidos a nossa Casa, e ganhem este lindo presente.

TODOS OS NOSSOS ARTIGOS SÃO RIGOROSAMENTE SELECIONADOS E GARANTIDOS NA SUA QUALIDADE.

Remessas rapidas por via aérea, sem despezas para o comprador



2110 - LINDO relógio para Senhora, Suiço, Ancora, 15 rubis, folheado a ouro, vidro lente alto e abaulado. Um relógio muito durável, junto ao qual enviaremos certificado de garantia. Cr$ 435,00



2170 MARAVILHO RELOGIO, AUTOMATICO WHITE STAR, Suiço, ANCORA, 17 rubis, folheado inalteravel, fundo de aço inoxidavel e de absoluta precisão, com pulseira tambem folheada a ouro 18 quilates. Da corda com a propria pulsação Cr$ 890,00



2111 - MARAVILHOSO relógio para Senhora, SUIÇO, Ancora, 15 rubis, vidro alto, lente abaulada, folheado a ouro 18 quilates, com pulseira tambem folheada. Um relogio de grande durabilidade, junto ao qual, enviaremos certificado de garantia. Cr$ 495,00



2139 - DISTINTO relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ 196,00.



2165 - AUTOMATICO WHITE STAR, Suiço, Ancora, 17 rubis, folheado, fundo de aço e de absoluta precisão. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 790,00

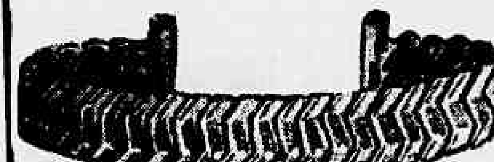


2171 - LINDO relógio ANCORA, 15 rubis, folheado, antimagnetico e extra-fino, absoluta precisão. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 495,00

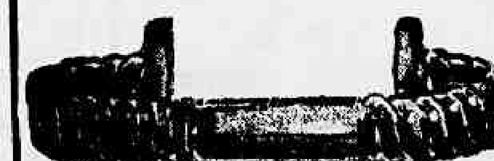


2166 - SENSACIONAL relógio de absoluta precisão, Suiço, Ancora, 15 rubis, cromado, caixa extra-fina, com pulseira de aço cromado. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 340,00

2172 - GRANDE RECLAME. Relógio de bôlso, máquina forte, Suiço, niquelado. Cr$ 83,00
DOURADO Cr$ 95,00

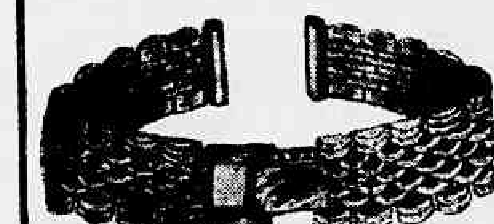


2167 - DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada, de primeirissima qualidade Cr$ 95,00



2168 - MAGNIFICA e moderna pulseira para relógio, extensiva, folheada, grande durabilidade e finissimo acabamento. Cr$ 90,00

2144 - DESPERTADOR SUIÇO, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão Cr$ 128,00



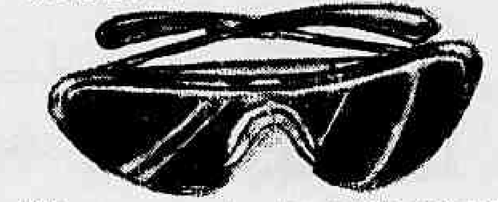
2169 - BELISSIMA pulseira para relogio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptavel a qualquer tipo de relógio. Mantem o brilho inalteravel. Cr$ 155,00



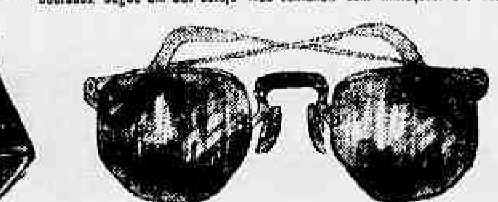
2100 - DISTINTO óculos tipo RAY-BAM, com áro dourado ou cromado, com vidro verde. Cr$ 67,00



2099 - ELEGANTE óculos sem áro, com armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça. Cr$ 120,00



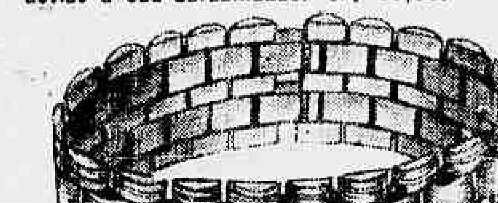
2174 - PARAFLEX, oculos ultra modernos, com lentes extras de materia plástica. Armações nas cores branca, preta ou azul com lindos bordados dourados. Segue um util estojo Não confundir com imitações. Cr$ 88,00



2175 ELEGANTE oculos sem aro, com armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça. Cr$ 95,00



2107 - MARAVILHOSA caneta tinteiro, Norte-Americana com parte superior e pena folheada a ouro, imitando a melhor caneta Norte-Americana. Uma caneta de grande venda, devido a sua durabilidade. Cr$ 39,00.



2108 - Valiosa pulseira

Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno. Mantem o brilho inalteravel à perfeita aparência de legítimo ouro.

Com cinco voltas . . . . . . Cr$ 295,00

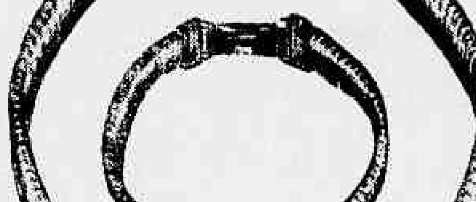


2137 - MARAVILHOSA PULSEIRA Bracelete para Senhora, folheado a ouro, com cravação de linda água-marinha, em artistica lapidação. MAIS BONITA DO QUE DEMONSTRA A FIGURA. Cr$ 255,00.

LINDOS COLARES DE OURO 18 QUILATES



2161 - CORRENTE . . . . . . Cr$ 96,00



2167 DESLUMBRANTE . . . . Cr$ 152,00

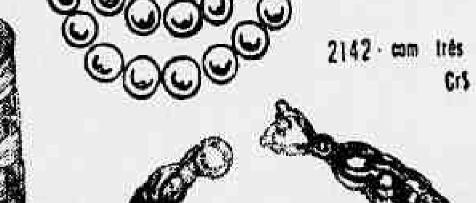


2163 - GRACIOSO (Fio Torcido). . Cr$ 162,00

2164 - MARAVILHOSO. . . . . Cr$ 152,00



2143 - COLAR E PULSEIRA, gargantilha, fabricação Suiça, dourado inalteravel, GRANDE MODA. Duas peças ao preço de uma. Cr$ 108,00.



COLARES DE PEROLA Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fechode seguranca, cravejado com lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalteravel. BELEZA e distinção de pérolas legítimas. Não confundir com imitações de qualidades inferiores.

2140 - com uma volta Cr$ 48,00



2141 - com duas voltas Cr$ 96,00

2142 - com três voltas Cr$ 146,00



2145 - DESLUMBRANTE E ORIGINAL conjunto de pulseira e colar, folheado a ouro. Mantem inalteravel a perfeita aparência de ouro legitimo. A pulseira tem um trevo da felicidade, um coração e dois circulos, sendo um giratório, com as seguintes palavras: I LOVE YU.

Conjunto 2 peças . . . . Cr$ 278,00
2146 - O Colar . . . . Cr$ 152,00
2147 - A PULSEIRA. . . . . . Cr$ 138,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIA... S

Depois de haver tomado a medida do dedo, junto ... de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta ... os envie juntamente ao seu pedido.

2148 - ALIANÇAS DE OURO 1... com polimento de excelente bri...
Uma . . . . Cr$
Par. . . . . Cr$
Envie-nos a medida do ...

2151 - DISTINTO anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi de excepcional brilho e perfeita lapidação. Cr$ 240,00
Envie-nos a medida do dedo

2178 - ANEL em prata ... a estrêla da República ... quilates. Envie-nos a me...da dedo, em papel estreito, ... pontas. Cr$ 56,00

2149 - GRANDE RECLAME. Distinto anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi. Cr$ 135,00.
Envie-nos a medida do dedo.

2150 - MARAVILHOSO anel ouro 18 quilates, com rubi e ... safiras de excepcional brilho ... linda jóia. Cr$ 285,00.
Envie-nos medida do dedo.

2152 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi e safiras. APROVEITEM - Cr$ 138,00
Envie-nos a medida do dedo.

2156 - BRINCOS CORAÇÃO, em ... quilates, com cravação de rubi ARTISTICO ACABAMENTO - Cr$ 1...

2157 - BRINCOS AFRICANA. Em ouro 18 quilates
Tamanho pequeno . . . . . . Cr$ 98,00
Tamanho Médio . . . . Cr$ 128,00
Tamanho Grande . . . . . . Cr$ 156,00

2151 - BRINCOS de bola em ... quilates, tamanho grande Cr$ ...
91155 Tamanho pequeno Cr$ ...

2153 - DESLUMBRANTE par de ... plogentes em ouro 18 quilates, com ... e rubi, de excepcional brilho, Uma ... e artistica jóia. Cr$ 198,00

2158 - APROVEITEM Original medalha ... colar em ouro 18 quilates ... as imagens dos santos mais conhecidos ... Cr$ 112,00

2159 - DEUS TE GUIE - Em ouro 18 quilates. Linda cravação de rubi.
-Tamanho pequeno . . . . . Cr$ 68,00
Tamanho grande . . . . . Cr$ 85,00

2179 - LINDA medalha ... ouro 18 ... com as imagens dos s... conhecidos capulario (Santos dos ...) Cr$ 55,00

2160 GLORIOSO SÃO ... em ouro 18 quilates.
Tamanho pequeno . . . . C...
Tamanho grande . . . . C...

2180 - ORIGINAL pulseira para relógio de Senhora, folheada a ouro 18 quilates, garantida, linda confecção. Embeleze o seu relógio, com esta pulseira. Cr$ 128,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 - 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo há mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

Dos cadernos de Mister Hyde

A arte nem sempre consola. Já Laforgue dizia que, literàriamente, podemos amar a Gioconda, mas, na realidade, qualquer pequena atual, por mais insignificante que seja — lhe é superior. Indispensáveis, mesmo, são as companheiras de nossa efemeridade.

★

A vida não é boa, nem má. O otimismo muitas vêzes depende de uma dose de bicarbonato.

★

As pessoas de bom-senso são ridículas. Vivem com tanta prudência, tanta cautela, tanto método, como se fôssem viver por tôda a eternidade.

★

O que no geral se chama "desperdiçar a vida" é a forma mais bela e emocionante de viver. Não adianta economizar a vida — a vida passa sempre.

★

Muita gente não vende a alma a Mefisto por falta de comprador.

★

Não façamos hoje o que se pode deixar para amanhã — ou para depois de amanhã.

★

Fala-se muito no colête vermelho de Téophile Gautier. Sabe-se que êle o vestiu uma só vez. Entretanto, ficou para sempre com êle. Isto prova o sentimento de detalhe, próprio de Gautier. Êsse colête vermelho era indispensável à sua imortalidade. Por causa dêle tanto como sua obra, é que lhe veio a glória.

★

Na mesma ordem de idéias, Oscar Wilde, sem o cravo verde, não seria wildiano.

★

Há algumas raras mulheres, artistas, tão eminentemente artistas, que não podemos compreender que não sejam apenas artistas, sacerdotisas, intérpretes mediúnicas da beleza. Têm um sôpro de divindade. São verdadeiros monumentos hieráticos, solenes, distantes, acima, muito acima da planície humana, como as tôrres, as pirâmides, os obeliscos. Estão para além da realidade, mergulhadas no sonho e no mistério. Sarah Bernhardt era asim. Ana Pawlova também. Quando, certa vez, vi a Pawlova em um restaurante, fiquei admiradissimo, nunca imaginara que ela pudesse comer, alimentar-se como tôdas as outras pessoas.

★

A palavra mais feminina do vocabulário: "Talvez".

★

Disraeli negou a influência do destino na vida dos triunfadores. "Fate is our will" — escreveu êle no "Contarini Fleming". E' muito fácil escrever-se isso quando se é Disraeli.

★

A alguns grandes escritores do passado devemos voltar de vez em quando, como à mansão de um dêsses avós ilustres, com o qual sempre se aprende um pouco, em cujo convívio retemperamos o gôsto, reeducamos as maneiras e sentimos o valor das velhas coisas, das grandes virtudes, das atitudes austeras, da palavra harmoniosa, das idéias claras, em cujas adegas há sempre um vinho antigo, cordial, reconfortante, bom de beber, como um pouco de sol liquido do outro tempo... Tenho uns avós assim: Anatole e Francis James, na França, o grande Herculano, entre os nobres avós portuguêses. São grandes sempre. E cada vez que os revemos, reaparecem maiores.

★

A vida é uma disputa enfadonha em tôrno de um assunto sem nexo, entre criaturas que não interessam.

★

Um bom sono pode ser a fonte de tôdas as alegrias.

★

O amor é uma distração para senhoras e cavalheiros desocupados.

★

E' mais fácil dizer duas, três palavras amáveis do que ter o mais insignificante gesto de bondade.

★

Bocejar — a que outra coisa pode nos levar esta imensa sensabedoria?

EDMUNDO LYS



ERA DIFÍCIL marcar um encontro no Estádio, principalmente não tendo lugar numerado. Por isso o local onde está o busto do Prefeito Mendes de Morais ficou destinado a êsse fim. E ali permaneciam os que chegavam mais cedo, esperando pelos amigos e parentes. Depois de vazio o campo, centenas de pessoas aguardavam terceiros para voltar à casa

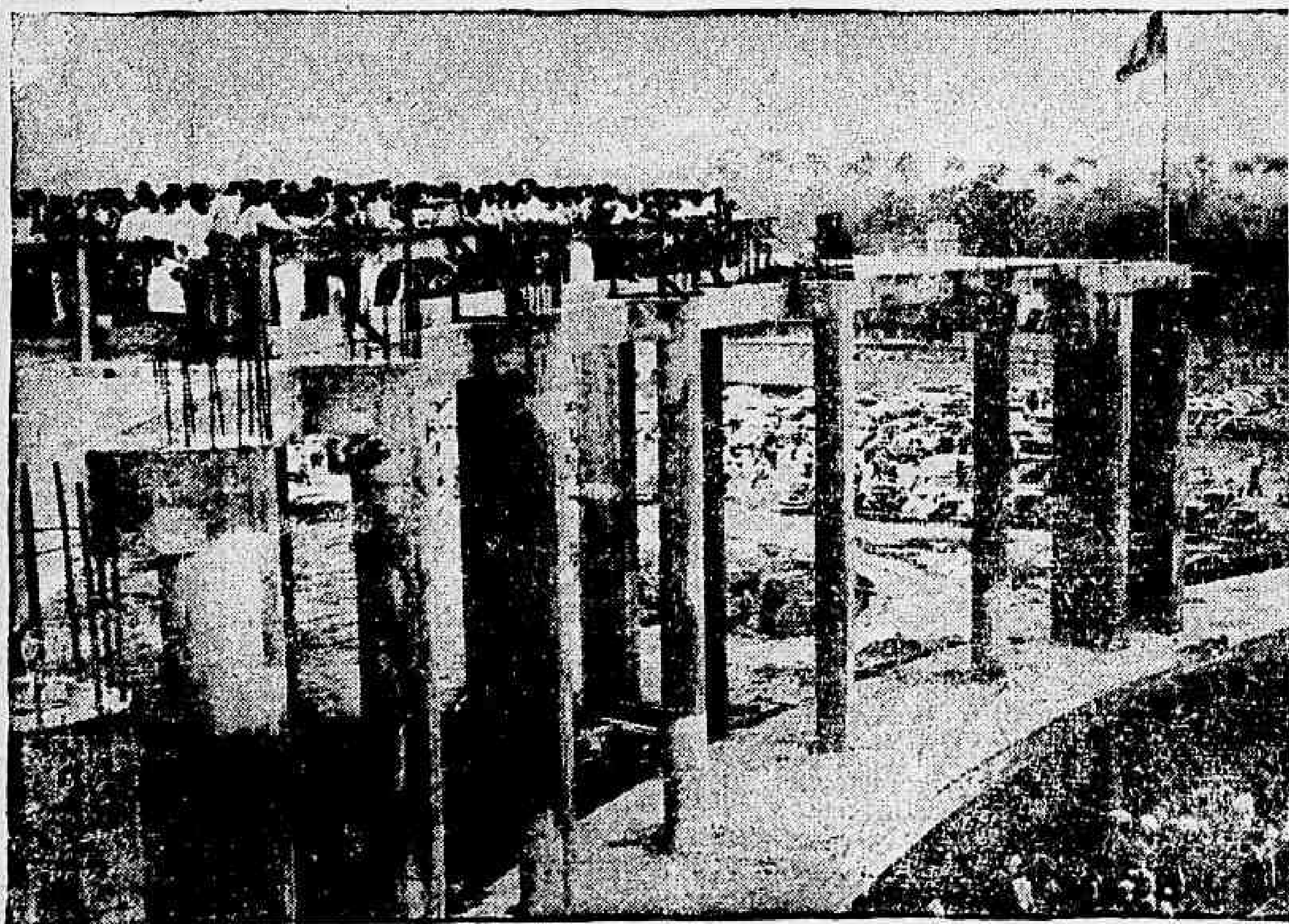
O RIO CORRE PARA O MARACANÃ

Texto de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de NEWTON VIANA — ARNALDO VIEIRA FILHO — JOSÉ SANTOS — ADIR VIEIRA

DEPOIS do que foi visto nestas últimas semanas, a ninguem mais assiste o direito de duvidar do entusiasmo do nosso povo. Entusiasmo êle tem, e sabe demonstrá-lo quando chega o momento oportuno. Entusiasmo para dar e vender, capaz de contagiar até os mais imunes às competições desportivas. A rigor, não foi um simples campeonato de futebol isto que o Rio vem de assistir, mas um "test" ao qual nós todos ficamos submetidos. Nós que nos interessamos ou não interessamos pelos homens das canchas, dos "lances espetaculares" e do movimento de pernas. Foi um "test" muito bem sucedido, capaz de provar, como evidentemente provou, que o carioca sabe vibrar. E de que maneira, amigos! De modo tão amplo, que até mesmo os enfermos, os velhos, as donas de casa, os grandes "business man", os indivíduos pouco afeitos a essas proezas, tiraram-se de seus cuidados, deram feriado aos serviçais, transferiram para outros dias seus passeios e suas transações importantes, para irem ao Maracanã. Foi o Rio em pêso, que se interessou pelo campeonato. E o dôbro da capacidade de lotação que tivesse o estádio, assim mesmo êle ficaria repleto. Quem duvidasse do êxito dêsse empreendimento nacio-

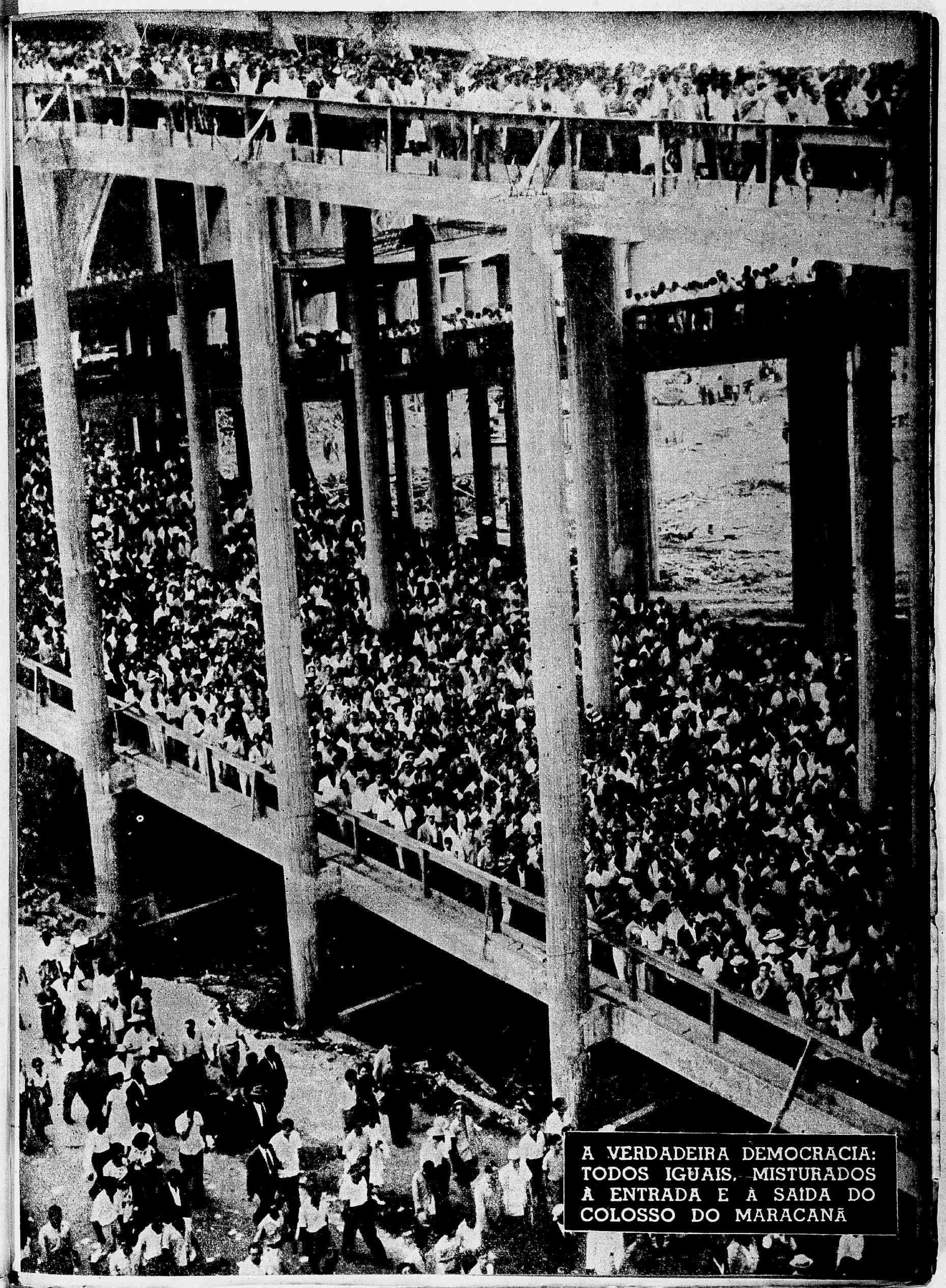
(Cont. na pág. 49)



SAO VARIADAS e sempre empolgantes as perspectivas, de qualquer ponto em que se coloque o espectador. No topo da rampa maior, antes do jôgo, ... inteiramente inédita



DENTRO DO ESTADIO só podiam ficar os carros munidos de autorização especial para ... Eram às centenas. Os outros, para não ficarem ... e muitos quilômetros



A VERDADEIRA DEMOCRACIA: TODOS IGUAIS, MISTURADOS À ENTRADA E À SAÍDA DO COLOSSO DO MARACANÃ



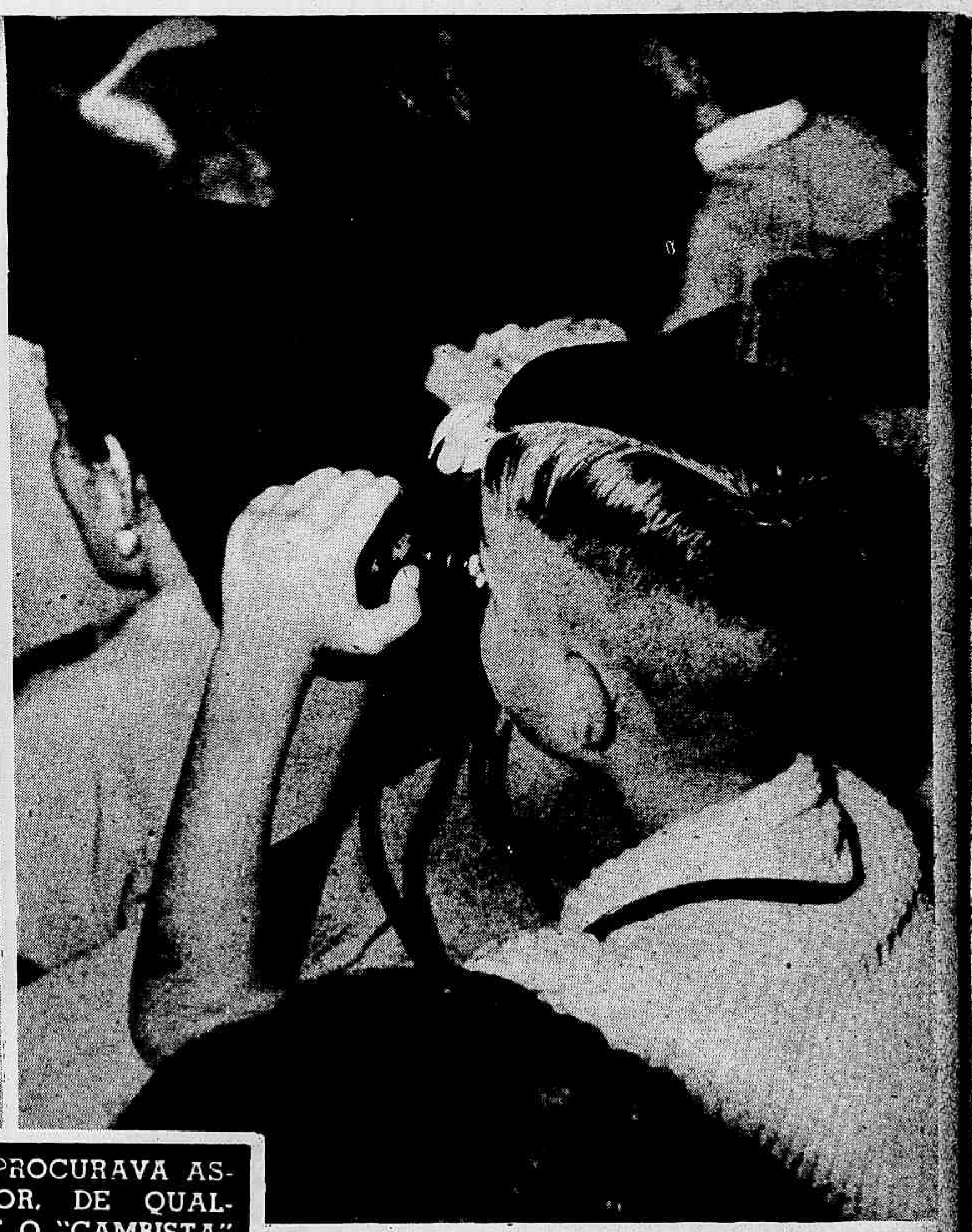


SENHORAS E CRIANÇAS, SEM ATROPELO — CHEGANDO UM POUQUINHO MAIS CEDO — PODIAM OCUPAR OS SEUS LUGARES TRANQUILAMENTE...







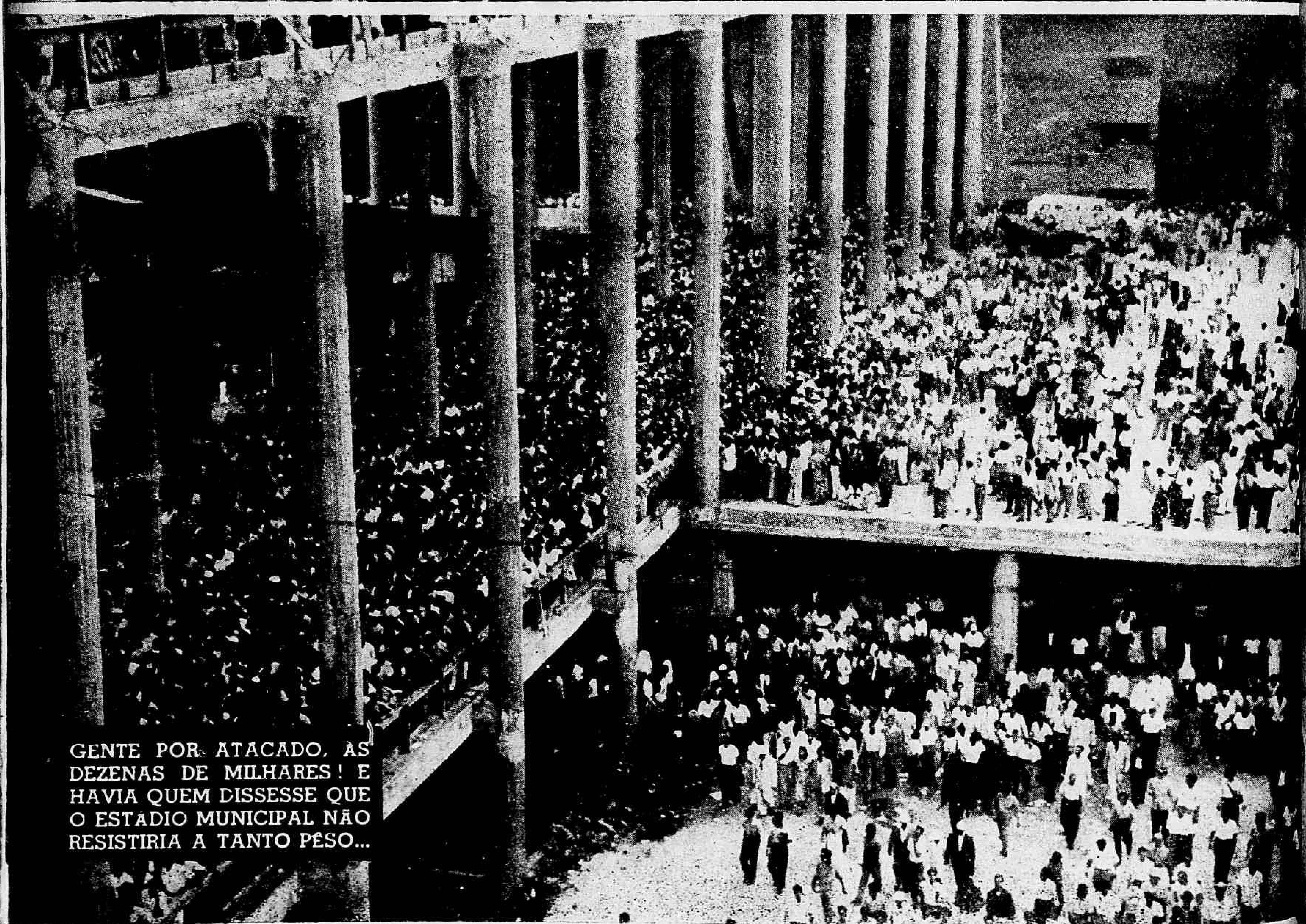


CADA QUAL PROCURAVA ASSISTIR MELHOR, DE QUALQUER JEITO. E O "CAMBISTA" VENDIA ARQUIBANCADAS EM POSIÇÃO EXTRAVAGANTE...

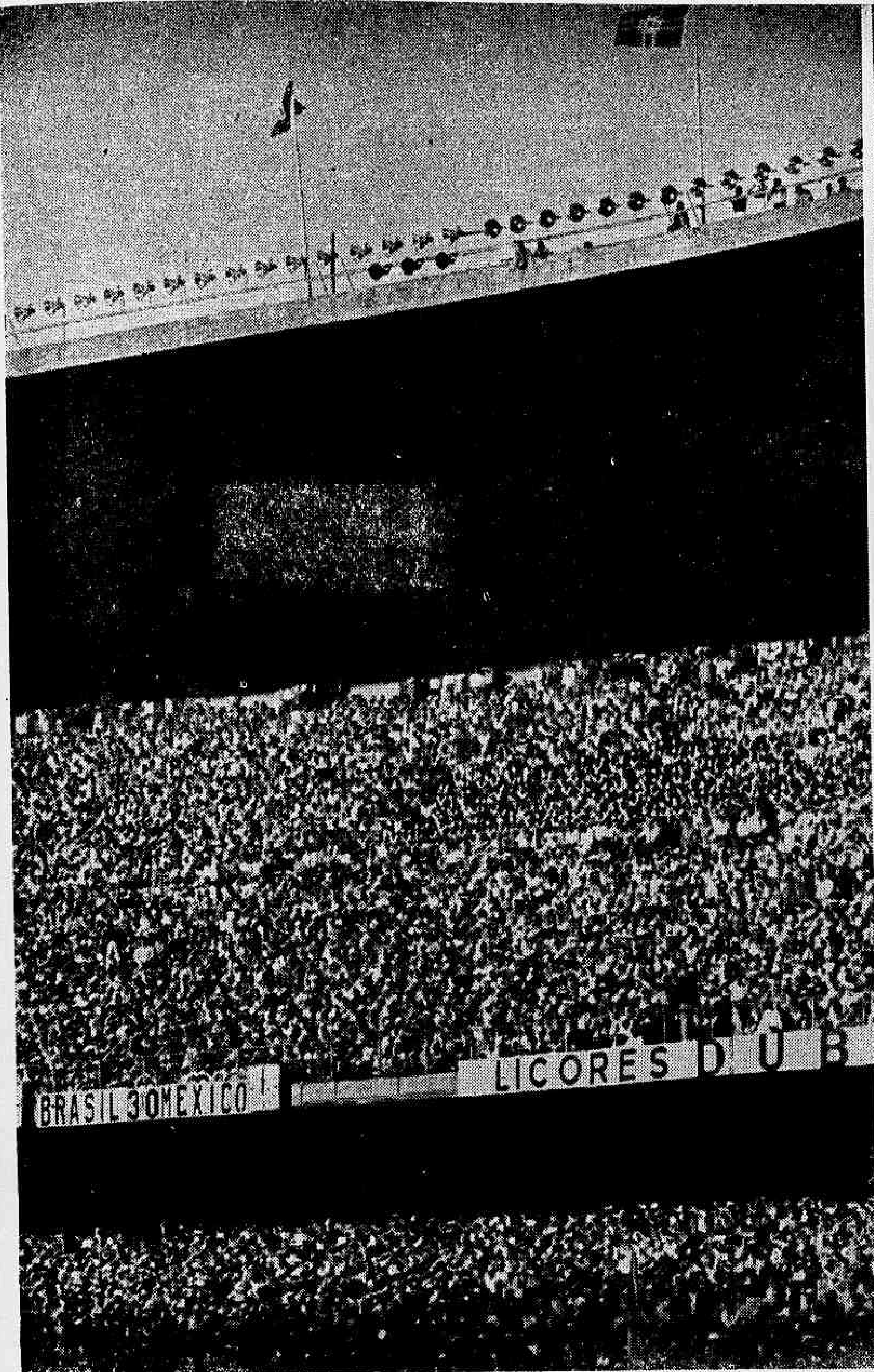




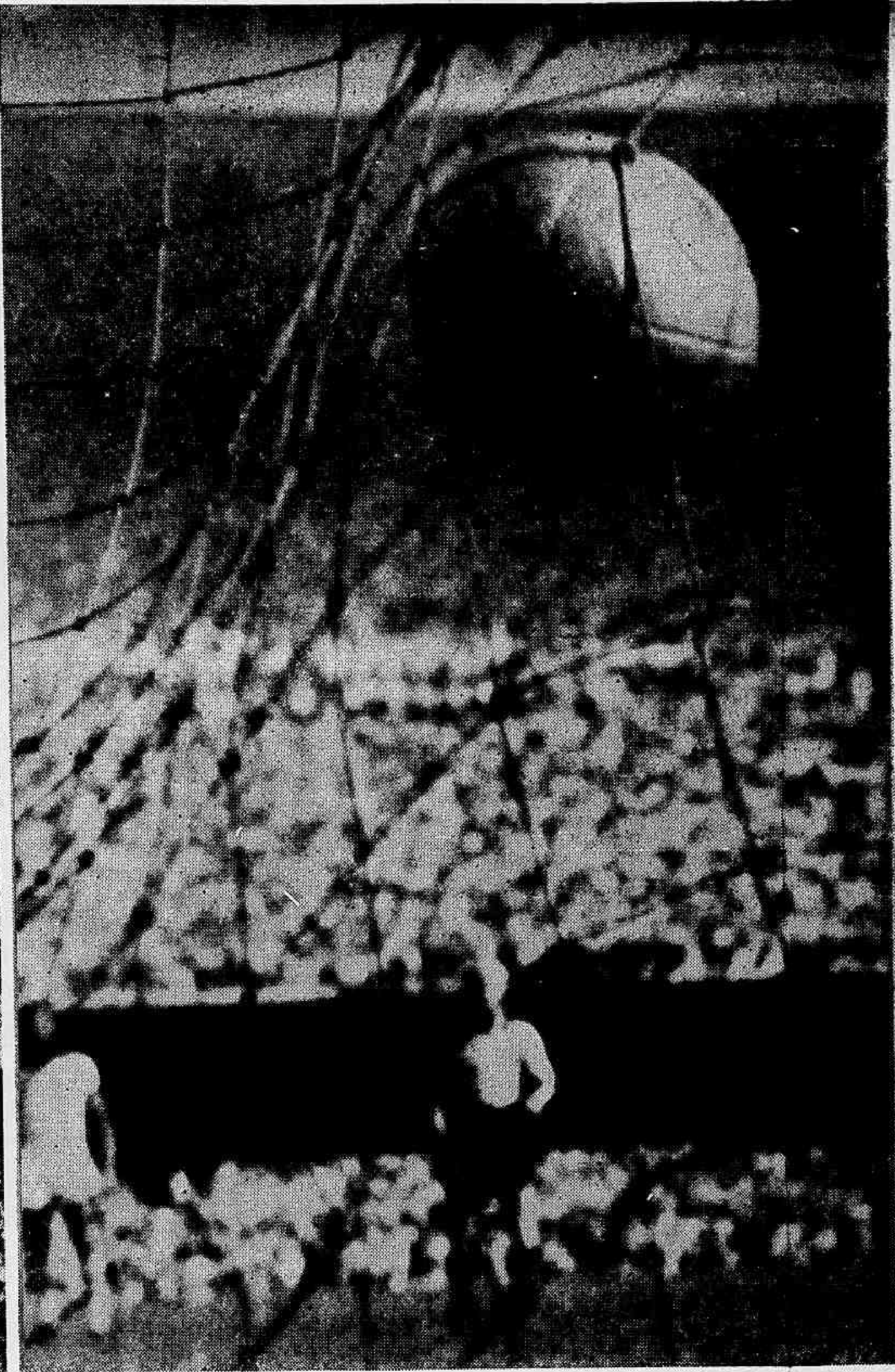




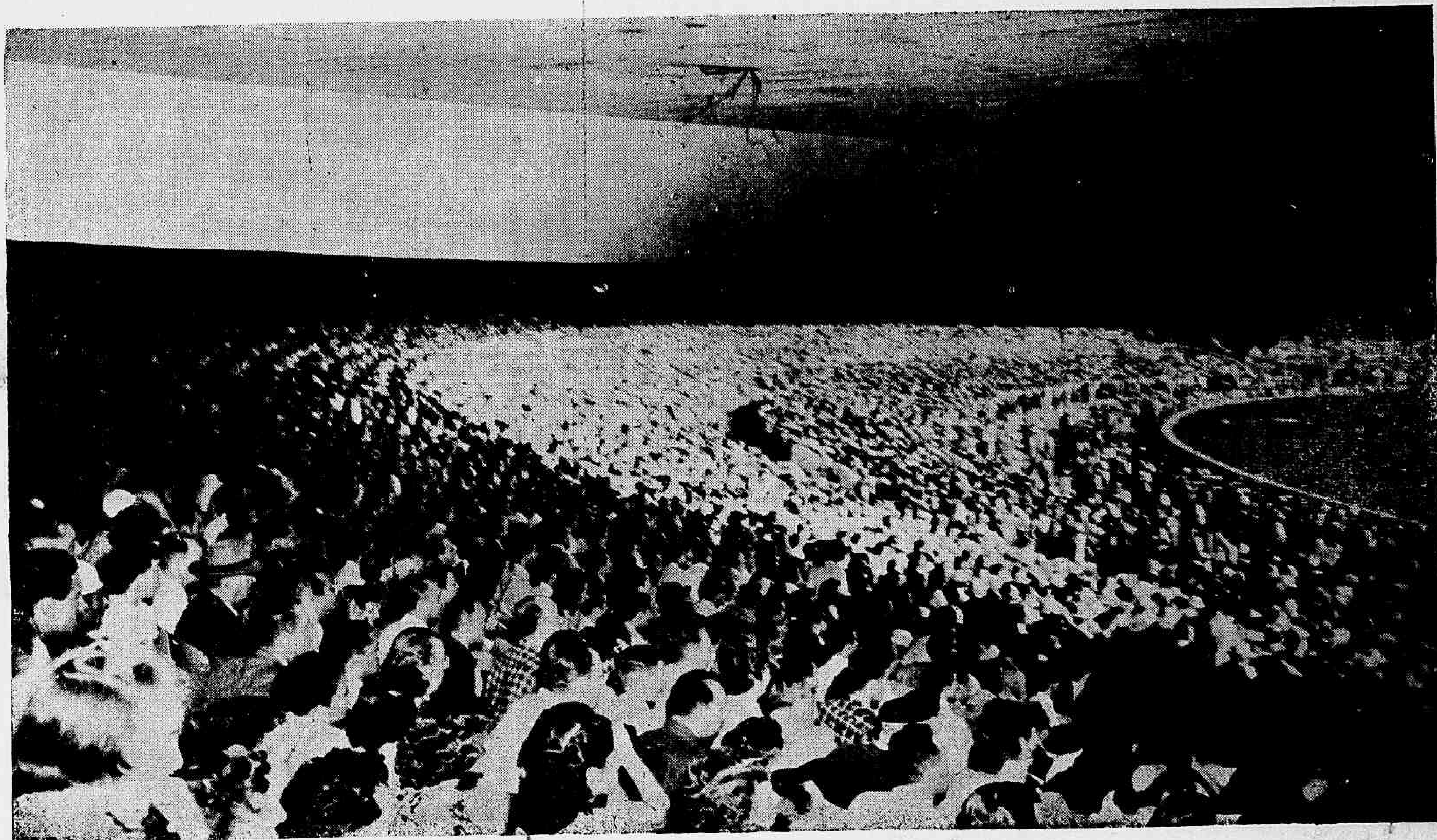
GENTE POR ATACADO, ÀS DEZENAS DE MILHARES! E HAVIA QUEM DISSESSE QUE O ESTÁDIO MUNICIPAL NÃO RESISTIRIA A TANTO PÊSO...



TUDO LOTADO! Gente que se comprime, nas «cativas», nos lugares privilegiados e nas arquibancadas ao sol e à sombra. Isso aconteceu quando vencemos o México e se repetiu nos jogos seguintes



GOAL! A meta do adversário foi vasada mais uma vez! No fundo da rêde, o couro marca outro ponto para o Brasil — e cento e oitenta mil vozes se erguem. Espoucam os morteiros. Gooooooal!



IMPRESSIONANTE ASPECTO de uma das «prateleiras» do Estádio, tomado pelo povo de tôdas as categorias sociais. Mesmo os lugares ao sol, ficavam repletos. E muita gente que jamais sonhou assistir futebol, apanhou o vício. Foi ver pela primeira vez, gostou e vai ficar freguês. Os que duvidavam que as obras terminassem a tempo para a Copa do Mundo, já se arrependeram...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 29 ★ 22-7-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses ... . Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

PRIMEIRO OS HUMILDES

É velha a situação de nossos operários em relação a pagamentos. Do Município à União Federal, isto é, do pobre tesouro municipal, com "t" pequeno, ao opulento Tesouro Federal com maiúsculas, as disponibilidades em dinheiro sempre andam em estado de subnutrição financeira. Com isso, muitas vêzes os pequenos funcionários públicos sofrem certos atrasos de pagamentos, colocando-os em situações de terríveis ***consequências. Por êsse motivo à Assembléia Estadual do Rio Grande do Sul foi apresentado um projeto de lei estipulando que os deputados estaduais sòmente receberiam os seus subsídios depois de pago todo o funcionalismo do Estado, inclusive os inativos e pensionistas. Depois de apresentada a proposta foi formulada uma emenda estendendo a medida ao Governador do Estado, seus secretários, diretores gerais e, enfim, funcionários que percebem ordenados acima de cinco mil cruzeiros mensais. Tôda a imprensa gaúcha aplaudiu a medida elogiando o projeto, esperando-se que seja aprovado e convertido em lei. Excelente essa medida. Como é visível, um governador, um secretário de Estado, um deputado, um diretor de departamento, têm muito mais crédito do que um modestíssimo amanuense, porteiro, professôra pública, escriturário sem "boas letras" na classificação alfabética da administração pública. E se é assim, que fiquem sem pagamentos, pois poderão comprar fiado aos seus fornecedores. Se a moda pegar mesmo, das duas uma: ou os pequenos funcionários jamais deixarão de ser pagos em dia, ou muita gente perderá os entusiasmos patrióticos para ser governador ou deputado...***



HUMORISTA SEM GRAÇA

Há uma arte de fazer graça. Essa mesma arte ainda é maior quando a graça é inofensiva, sem melindrar ninguém, pessoas, sociedades, nações. Na Inglaterra é o velho Bernard Shaw o imperador do humorismo artístico. Suas alfinetadas, mesmo atingindo em cheio a pessoa ou coisa visada, não ofendem. Quando muito podem encabular. No Brasil, temos o Shaw americano, o incomparável Barão de Itararé, o homem **mais engraçado dêste hemisfério e, incontestàvelmente, um dos mais engraçados do mundo, se nossa língua tivesse a expansão e o prestígio de outras. As piadas do Barão encerram humorismos encantadores e divertem sem agravar. Quando se realizou o último Congresso de Escritores Brasileiros na capital da Bahia, o governador Mangabeira recebeu delegados de vários Estados do país, vendo-se entre os membros visitantes o famoso fidalgo. Versando a palestra em tôrno dos monumentos históricos da cidade, perguntou-lhe o governador se havia visto a igreja da Ordem Terceira, ao que respondeu, num trocadilho, o Barão de Itararé: — Sim, e também igrejas de terceira ordem... O humorismo tem que ser assim: misto de ingenuidade e ironia, de crítica e boa-fé. Entretanto, não é assim que pensam e procedem certos humoristas estrangeiros com o Brasil. Vejam os leitores como foi infeliz o "humorista" Johnny Macadam, correspondente de um jornal londrino e que veio ao Brasil em função do seu diário, assistir à "Copa do Mundo". Não tendo seu cérebro nenhuma idéia aproveitável, expediu uma série de idiotices sôbre o Rio, inclusive que os jacarés e ratos enchiam a praia de Copacabana... E, para evitar o ridículo, quis fazer humorismo, emendando para tartarugas! Que coisa triste um humorista sem graça!**



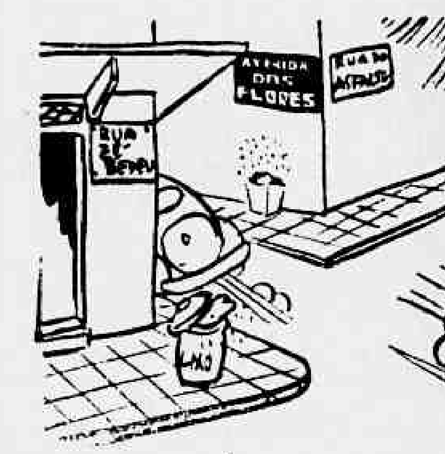
PEREGRINAÇÃO A ROMA

Quando as comissões do Ano Santo organizaram a viagem de peregrinos brasileiros a Roma a bordo do transporte de guerra "Duque de Caxias", ficou bem claro que os viajantes não iriam dispor no mesmo navio, as comodidades do lar, o passadio que se obtém nos transatlânticos de luxo, hotéis de primeira ordem. Claríssimo. E, para mostrar que não seria uma excursão apenas de prazeres turísticos, o preço de ida **e volta era muito baixo, variando de acôrdo com a respecti classe. Mesmo assim, muito módico. Mas, mesmo em face todos os esclarecimentos, houve quem protestasse contra as ac modações e o cardápio. Nada mais injusto. Houve a bordo al mentação variadíssima e farta; o pior eram as acomodaçõ ou dormitórios das classes mais populares, não podendo igual com os dos camarotes pròpriamente ditos, com instalações ape feiçoadas. Mas, entre todos os peregrinos, não havia restriçõ quanto ao uso geral do navio, seus esportes, alimentação convívio social. As festas promovidas durante a viagem ida e volta alegravam os itinerantes e todos tomavam par nas mesmas, querendo. Se houve desgôsto por parte de algu peregrinos, isso é lá por conta de seus feitios psíquicos. O q é preciso, em tais casos, é que todos compreendam as viciss tudes por que passam coletividades circunscritas e em exces de lotação. E tenham disciplina, mantenham a higiene de form pessoal, não perturbem o vizinho, colaborem como o faria em suas próprias casas.**



FAZENDO PRAÇA DO NOME

Não resta dúvida nenhuma de que a nomenclatura das ruas e praças do Rio está a exigir revisão imediata. Devemos mudar o nome de centenas de vias públicas, dando-lhes outros mais honestos, mais coerentes, mais claros. No próprio centro da cidade vemos ruas como a do Rezende, que não se sabe a que Rezende se refere. Ao patriota? Ao algoz do carioca? Ao açougueiro do século XVIII? Outra coisa ***que a Prefeitura devia começar a usar: sob o nome do hom nageado com uma praça ou rua, beco ou travessa, algumas p lavras acêrca do que o fêz dignificado. Exemplo: Rua Zam nhoff. "Médico e filólogo russo, criador do Esperanto". R Silvio Romero: "Historiador e literato sergipano", e assim p dante. Ficaria o povo sabendo o por quê de tais homenage e se educando civicamente. Por êsse processo, muita gente q possui nomes em ruas e praças e fazem praça do nome, dific mente encontrariam "colegas" no futuro para tamanhas inco rências. Além disso logradouros públicos com uns nomes in pressivos, sem qualquer base na cultura e no mérito de qualqu espécie, desapareceriam. Vemos no Rio coisas assim: Rua F lana, Rua Sicrano, tudo isso com o prenome, um José, Francisco, uma Amélia, um Getúlio. Mas, senhores, que Z mira? Que Amélia? Que Francisco? Que Getúlio? Ora, nom em ruas e praças de uma cidade pressupõe méritos incontes veis do homenageado. Mas, ao lado dessa justiça, deve a po teridade ficar sabendo porque se distinguiu o tal ou a tal co uma placa. E, já que a Prefeitura está mudando, com raz nomes de ruas e praças, complete o resto: faça uma revis do restante e ajude o povo a educar-se.***

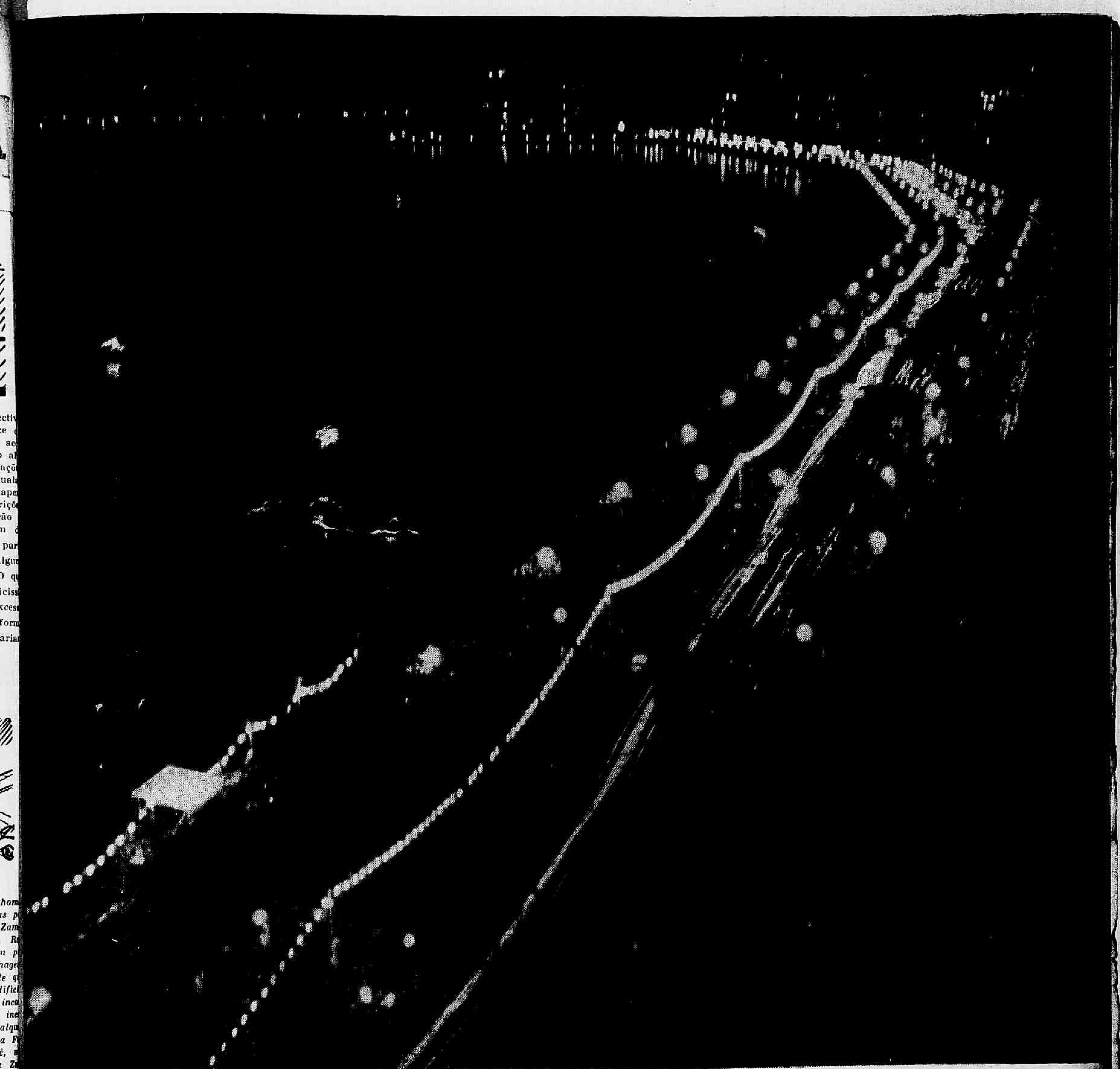


A PERSONAGEM DA SEMANA

FAZIA, aproximadamente, dois meses, que o povo brasileiro se vinha preocupando com o Campeonato Mundial de Futebol. Primeiro, o critério da seleção nacional que iria medir fôrças com os mais categorizados times da Europa e da América; depois, o início das pelejas no Rio e nos demais Estados eleitos para isso. O Estádio do Maracanã, pelas suas proporções gigantescas, deveria caber, com folga, as multidões de fãs. E veio, enfim, o primeiro encontro em que o Brasil teria que iniciar sua marcha gloriosa diante de outros povos. De 24 de junho, até ao último prélio da tabela, todo o Brasil deixou de lado os assuntos mais importantes, tanto nacionais como internacionais para entregar-se, de corpo e alma, ao culminante acontecimento a empolgar todos os povos da Terra: o IV Campeonato Mundial de Futebol. O mundo inteiro dirigiu suas atenções para o Brasil, mesmo os países que, ou por eliminatórias, ou por impossibilidades de comparecimento, deixaram de tomar parte na luta. Sem falso patriotismo, podemos dizer que, dentre os mais distinguidos com os palpites de técnicos e povos, destacava-se o Brasil como o provável campeão do mundo. De ascensão em ascenção, à proporção que os encontros se iam sucedendo, mais o nosso país se firmava no conceito de nacionais e estrangeiros, como a nação que havia lançado em campo, o melhor selecionado, tanto pela técnica, como pela resistência física. E veio a penúltima peleja em que saímos vitoriosos de forma sensacional; restava-nos ainda, porém, a última. E' indescritível o que foi o dia 16 de julho no Rio e em todo o Brasil: a nação inteira ficou ligada ao Rio até ao anoitecer. O mundo nos acompanhou atentamente para ver quem iria ficar com o cetro de Reis do Futebol, se os uruguaios, se os brasileiros. A equipe oriental se impôs ao nosso onze e levantou, pela quarta vez, o título de campeão do mundo arrebatando-nos a "Taça Jules Rimet", que esteve ao alcance de nossas mãos. O "Stadium" do Maracanã, batendo seu recorde de renda e assistência anterior, mostrava-se como uma apoteose de inesquecível vibração. Mais uma vez nos foge uma oportunidade. Flávio Costa, que muito lutou, que muito se esforçou para que os seus jogadores triunfassem, não alcançou a vitória final, colocando-se o Brasil em 2.º lugar. Mas, que se homenageie o nosso técnico, esquecendo um revés e lhe reconhecendo os méritos que efetivamente possui.



FLÁVIO COSTA, técnico da seleção brasileira

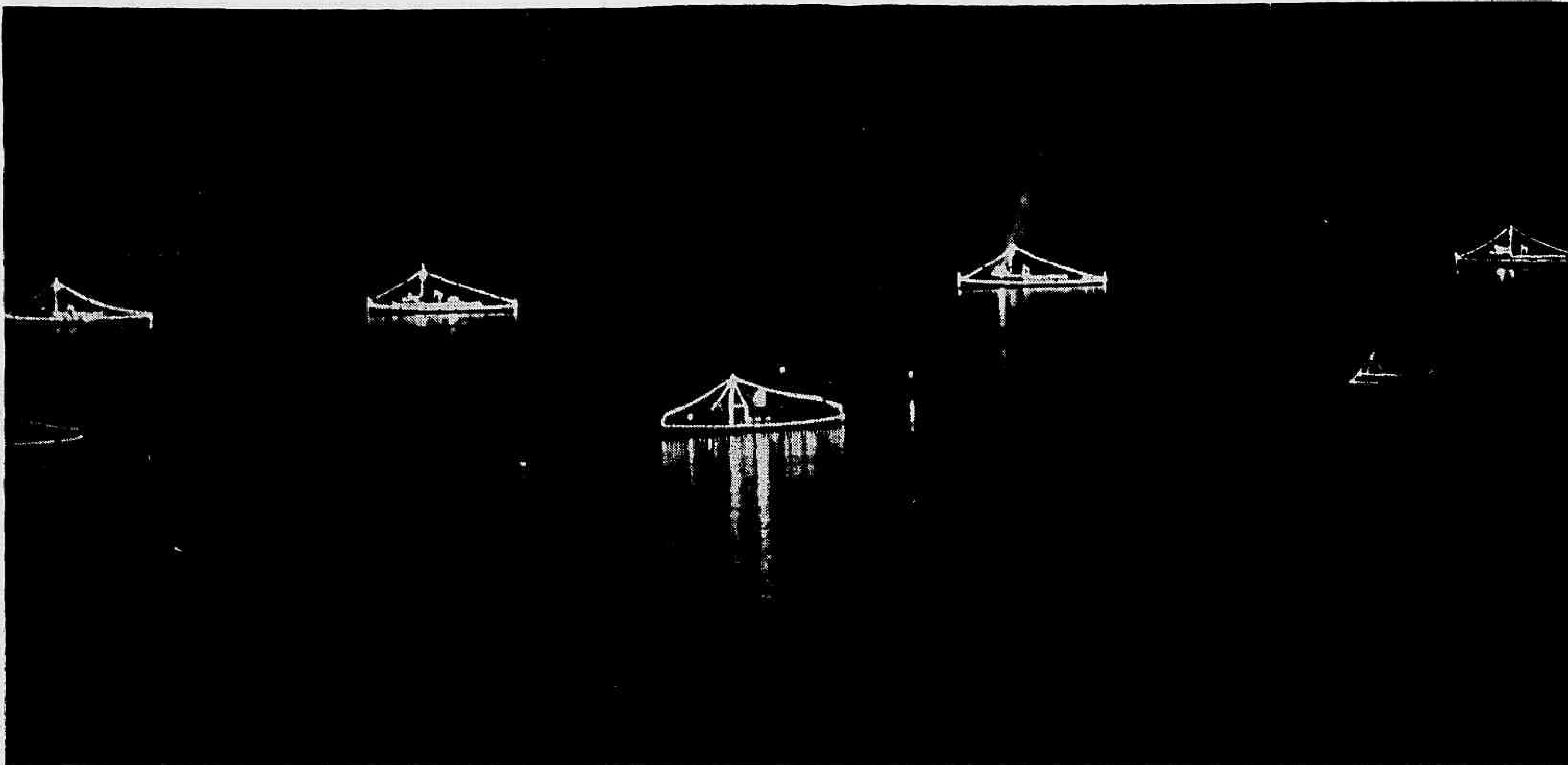


Visão de conjunto da praia do Flamengo por ocasião da Festa Venesiana da noite de 8 do corrente. Engalanada, cheia de luzes, apresentou um aspecto festivo aos turistas ora do Rio

FANTASIA VENESIANA EM AGUAS DA GUANABARA

Texto e fotos de SABINO CANALINI

A realização do Campeonato Mundial de Futebol no Brasil deu margem a que muitos estrangeiros viessem ao nosso país pela primeira vez. Essas pessoas devem ser contadas principalmente entre as delegações esportivas dos paises que participaram da "Copa do Mundo". Não há dúvida, foi mais uma ótima oportunidade para propaganda de nossa terra, especialmente entre os naturais daqueles paises que pouco intercâmbio mantém conosco, e onde é comum cometer enganos geográficos, como, por exemplo, colocar o Rio de Janeiro no lugar da capital da Argentina e coisas parecidas. Muita e muita gente tem nos dito que os verdadeiros embaixadores do Brasil são o café, o samba, e, agora, nesta época de campeonato mundial, o futebol. O estádio do Maracanã já é conhecido no mundo inteiro, pelas fotografias enviadas directamente daqui pelos repórteres que acompanharam as várias delegações. Não está concluido, é verdade, mas não importa, a impressão de grandiosidade, sua lotação total e suas fabulosas rendas, isso ninguém pode negar nem deixar de constatar, por mais que o despeito e a ignorância domine os espiritos não conciliatórios. Entre as cidades brasileiras, a que melhor situação desfrutou, devido justamente ao estádio que permitiu um maior número de jogos, e portanto maior presença e variedade de estrangeiros, foi a Capital da República. E' natural, portanto, que as autoridades cuidassem de preparar a cidade não só quanto ao aspecto esportivo pròpriamente dito, como para atender em outros setores os desejos dos turistas. Verdade seja dita, turistas poucos apareceram e várias são as causas que para isso contribuiram, mas passemos por cima de tal circunstância. Pelo menos aos jogadores de outros paises seria interessante mostrar algo mais do que a simples paisagem da Guanabara. Diferentes iniciativas tiveram lugar por particulares quanto a espetáculos de tôda espécie, artistas de várias nacionalidades, etc. Das muitas ocorrências que deveriam se realizar por iniciativa oficial ou pelo menos oficiosa, e que haviam sido anunciadas bem antes do inicio dos jogos, apenas uma foi levada a efeito: a festa veneziana na noite de sábado, 8 dêste mês. Deveria haver o concurso da Armada, o desfile de 250 barcos dàs colônias de pesca, e mais queima de fogos de artifício. Assistimos a todo o desenrolar da "festa" de um lugar privilegiado, de cima do telhado do Hotel Novo Mundo, bem ao lado do Catete pelo lado da Praia do Flamengo, e onde tiramos as fotografias anexas. Da Armada contamos nove barcos que acenderam as luzes para desenhar suas sagomas, já no fim da festa. O inicio estava marcado para as 20 horas, e só uma hora e meia depois é que se deu. Dos duzentos e cinquenta barcos das colônias de pesca prometidos, não havia nem cinquenta. Fogos raros e muito esparsos, desde o Calabouço, prolongando-se até a curva do Morro da Viúva. Talvez seja devido a isso e à nossa posição bem acima do solo que nos pareceu que a festa desapareceu na imensa baia. Alguns poucos fogos de chuveiro, uma cascata e, no final, uma fumaceira enorme que um dos barcos



Parte dos vasos da Armada que compareceram e fundearam na baía. Com as sagomas marca das pelas lâmpadas e com os refletores ziguezagueando pelos céus, encerraram a festividade

ancorados soltou e que escondeu completamente a representação de nossa bandeira em côres. Tanto foi fraca a festa que o próprio locutor oficial da Agência Nacional, que transmitia através da Roquete Pinto repetiu várias vêzes não acreditar fôsse aquêle o fim da festa e pediu ao povo para que aguardasse o "resto". Mas nisso a banda da policia tocou uma marchinha militar, retiraram-se as autoridades do palanque e a "festa veneziana" foi oficialmente dada por encerrada. Acreditamos que melhor teria sido guardar aquêles restos das festas juninas e arranjar outro tipo de manifestação para brindar as delegações estrangeiras, ou então realizá-la em lugar mais restrito, onde caberia menos massa assistente, é fato, mas onde não haveria o perigo da natureza sobrepujar, mesmo à noite, o pouco que o homem fizesse. A tradição pirotécnica na Europa é secular e popular. Por que inventar uma festa "veneziana", que de veneziana só tinha mesmo o nome, para receber com alegria os estrangeiros em nossa terra? Por que fazer magra figura soltando fogos que qualquer aldeiazinha na "decrépita" Europa costuma fazer melhor para festejar o santo padroeiro? Isso veio destoar um pouco com a capacidade dos empreendimentos em nossa terra, tão belamente manifestada pelo estádio. Que pelo menos os estrangeiros levem uma soberba impressão da natureza do Brasil, sem o veneno das "cobras", dos "sombreros", dos "crocodilos" e de outros congêneres.

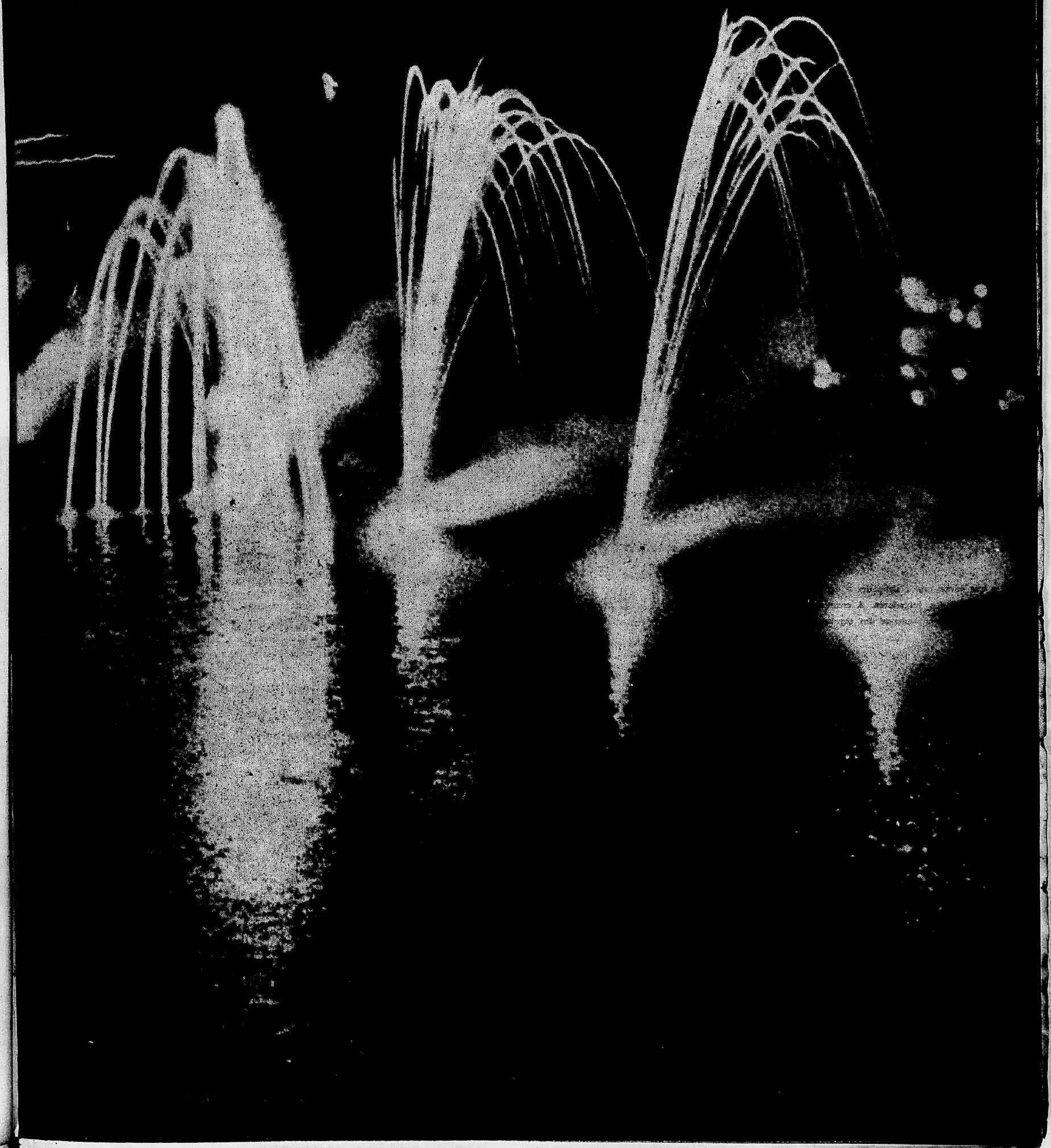


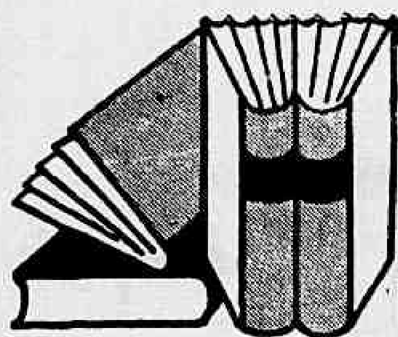
Um dos foguetões que subiu de um dos barcos em frente ao palanque das autoridades, ao refletir-se nas águas



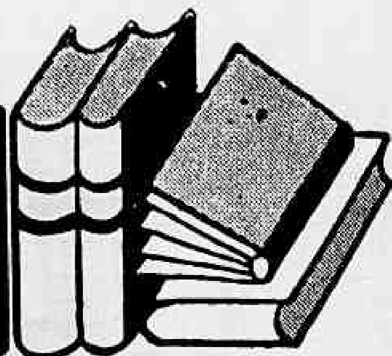
Chuveiro final. Vê-se ao fundo a esquadra. Logo após o barco apresentou a bandeira nacional, que a fumaça impediu de ver

SERIA UM MONSTRO MARINHO A LANÇAR REPUXOS DE LUZ DE DENTRO DÁGUA? NÃO. APENAS UMA INOCENTE SÉRIE DE BARQUINHOS LANÇANDO SEUS FOGUETES





SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

UM LIVRO SÔBRE MADISON

Além da biografia escrita por Irving Brant, outro livro que revela a importância do papel de James Madison na história dos Estados Unidos, é "Jefferson and Madison: The Great Collaboration" (Jefferson e Madison: A Grande Colaboração), de Adrienne Koch, professôra na Universidade de Nova York. A autora está convicta de que não se pode compreender Jefferson e sua filosofia política sem um correspondente conhecimento de James Madison e da amizade de cinquenta anos que ligou os dois homens. Essa ligação teve início na Câmara de Virginia, antes da independência dos Estados Unidos; prosseguiu com a revolução e a fundação da nova república. Quando Jefferson se tornou Presidente, Madison foi seu Secretário de Estado; e após a morte do primeiro, Madison continuou trabalhando pelos princípios democráticos que os dois companheiros haviam ajudado a estabelecer. A moderna democracia muito deve à colaboração dêsses dois grandes homens.

★

PRÊMIO FÁBIO PRADO

O Prêmio Fábio Prado de 1949, na importância de quinze mil cruzeiros, distribuído pela Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, foi ganho no romance por Antônio Olavo Pereira com o livro intitulado "Contra-Mão", e no conto por Leonardo Arroyo, com o livro "Viagem para Málaga", escritores paulistas, sendo de notar que ambos são estreantes, o que torna muito simpática e expressiva a decisão dos julgadores. A comissão de julgamento compunha-se dos seguintes escritores: José Geraldo Vieira, Osmar Pimentel e Carlos Burlamaqui Kopke.

★

"RESIGNAÇÃO"

(De Alarico da Silva Costa)

Se êsse amor que me dás consiste apenas
nas dores com que os dias me envenenas,
nas angústias de que enches minha vida;
se é a isto só que o reduziu, querida,
o teu capricho aventuroso e boêmio,
êsse amor é um castigo e nunca um prêmio.
Mas... quem entende o coração de um [homem?...
Mau grado as aflições que me consomem,
sou feliz. Sofro a dor e a dor bendigo.
E aceito como prêmio êsse castigo...

★

UMA MULHER RICA

Uma interessante novela, que vem de ser publicada nos Estados Unidos, é "A Woman of Means" (Uma Mulher Rica), de Peter Taylor, instrutor na Universidade de North Carolina. A história gira em torno do menino Quint, cuja mãe morreu quando êle nasceu, e da "mulher rica", que se tornou sua madrasta quando êle tinha dez anos de idade. Quint precisava de uma mãe, e sua madrasta havia muito que desejava um filho, surgindo daí uma intensa devoção mútua. Entretanto, com o correr do tempo, Quint passa a se juntar a gente de sua idade e vai excluindo a madrasta de sua vida, e os choques emocionais que disso resultam, levam a pobre mulher a perder a razão. Peter Taylor escreveu êsse livro com muita habilidade, seu estilo é elegante e a novela simples e emocionante. Aos 33 anos de idade, é êsse seu primeiro romance, embora já tenha publicado uma coleção de pequenos contos, em 1948.



A LEGENDA DAS LETRAS — Outra caricatura da série que «Les Nouvelles Litteraires» vem publicando, sob o título que conservamos. Esta é de Boileau, mestre-escola da poesia, com sua imortal «Arte Poética». Desenho de Ben.

GALERIA DAS CELEBRIDADES



DAPHNE DU MAURIER é certamente uma das mais famosas escritoras contemporâneas. Granjeando celebridade com a história de «Rebeca», Daphne du Maurier continuou a escrever livros, como aquêle, de certo gôsto folhetinesco, mas com um seguro endereço ao grande público.

★

EDMOND JALOUX E A CRITICA

Falando, certa vez sôbre a crítica, função que vem desempenhando há muito na imprensa parisiense Edmond Jaloux assim se exprimiu:

— "A crítica desempenha o seu papel conforme a distância em que se coloca entre os dois polos: o dogmatismo, que tem um dos seus maiores representantes em Brunetière, e o personalismo, tão apreciado por Jules Lemaitre. Eu procuro conservar no meio têrmo...

★

COMO SURGIU "...E O VENTO LEVOU"

Moça pobre e enfêrma, Margaret Mitchell, a autora de "...E o Vento Levou", prêsa ao leito por antiga paralisia, entretinha o tempo, enchendo tiras de papel. Dêsse modo veio a escrever o seu popularíssimo romance.

Ao terminar a obra, longe estava porém de vê-la publicada. Mas os editôres norte-americanos não dormem e um dos maiores Max Millan enviou um agente para examinar os originais e pouco depois o livro era lançado em público.

Em seis meses esgotaram-se mais de trinta edições da novela num total de um milhão e trezentos mil exemplares.

★

ÚLTIMAS EDIÇÕES

Acabam de aparecer: "Sob a Luz das Estrêlas", romance de A. J. Cronin, 4ª edição. Tradução de Rubem Braga. Coleção Fogos Cruzados. — "Pedagogia do Catecismo", pelo Padre Álvaro Negromonte. — "Fogo Morto", romance de José Lins do Rêgo. A obra-prima do escritor paraibano, em sua 3ª edição. — "Grandes Soldados do Brasil", pelo Cel. Lima Figueiredo, 5ª edição, ilustrada. — "Pequena Enciclopédia de Conhecimentos Gerais", por um grupo de professôres inglêses; Tradução de Almir de Andrade, que escreveu um volume especial para o Brasil, 4 volumes. — "Moby Dick", romance de Herman Malville. Tradução de Berenice Xavier. Prefácio de Raquel de Queiroz. Coleção Fogos Cruzados.



JOÃO LUSO CONFERENCISTA

NO dia 10 dêste, num dos salões do Palace Hotel, a escritora Violeta de Alcântara Carreira pronunciou interessante palestra que teve por tema o título acima, rememorando a atuação intelectual do nosso saudoso companheiro João Luso.

A conferência alcançou pleno êxito, vendo-se seleta assistência e que muito aplaudiu a palavra da oradora, não sòmente pela maneira de estudar o João Luso conferencista, uma das facetas mais belas de seu valor intelectual, como pela firmeza dos conceitos e exatidão da análise.



Chabaneix, num desenho de Roger Wild

PRÊMIO DE POESIA DE PARIS

O prêmio de poesia da cidade Paris foi conferido ao poeta Philippe Chabaneix, autor do livro «Bouquet d'Ophelie». E' curioso acentuar que Chabaneix, desde o título de seu livro, cujos poemas falam em rosas e beijos — é um neo-romântico. Aqui está um poema do novo laureado da municipalidade de Paris:

LE SOURIRE

Sur Paris ce matin le ciel semble maussade,
Mais quand je songe à toi dont j'aime tant [les yeux
Et la bouche pareille à la fleur de grenade,
Tout, même un triste ciel, me devient [précieux;

Tes mains, tes longues mains sont aussi [les plus belles
Auxquelles aient rêvé d'autres hommes [souvent,
Et je ne connais rien qui soit doux autant [qu'elles
Si ce n'est ton sourire ineffable et fervent.

FORA DO PRELO

FONTE INVISÍVEL — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — JOSÉ OLYMPIO — RIO

A poesia de Augusto Frederico Schmidt situa-se entre o que melhor representa o nosso gênio poético, após o movimento modernista. Dos mais originais e dos mais puros de nossos poetas, Schmidt vem evoluindo para a economia da forma e para a densidade lírica. através sua obra já numerosa e extraordinàriamente significativa.

Êle guardou de um neo-romantismo propositado, lançado com certa exuberância — sobretudo em comparação com a poesia «modernista» — a prática da convivência com o leitor, seu desejo de comunicação, de proximidade, traço fundamental de seu lirismo. Avançando para o purismo poético, não quis abandonar essa atitude e, assim, com ser moderno, é um de nossos poetas menos herméticos, dos mais próximos e confidenciais. E dos mais fáceis à compreensão e ao amor.

«Fonte Invisível» é um livro mais profundo e mais dramático do que os anteriores, onde o mistério poético se envolve de maior tristeza, carrega-se de mais sensíveis notações sombrias. Apenas, aqui e ali, um raio de sol, para o efeito de claro-escuro. E poesia sempre vasada nessa forma que atingiu um estágio superior, cujo ritmo, cujo vocabulário de extrema conveniência para os temas, denunciam a maturidade do poeta, mais do que os motivos sempre graves que sobressaem nos seus temas, pois Schmidt continua sendo um poeta em tom menor, como sentimento e como expressão. Isto, mais a nostalgia de certos poemas, de certo poema sôbre «As noivas de Jayme Ovalle», nos assegura que o poeta já sofre com o passado, encontrando na evocação um novo sol noturno para iluminar seu lirismo.

★

SINFONIA NEGRA — AMÉRICO FACÓ — ZÉLIO VALVERDE S. A. — RIO

Américo Facó é um dos poetas «bissextos» Antologia de Manuel Bandeira. Esta «Sinfonia Negra», que só agora nos chega às mãos, é um livro de prosa poética, de poesia, revelando aquela vocação que o antologista denunciou.

Américo Facó dedica uma série de poemas em prosa, de forma original e tocados de lirismo enternecido, à raça negra, no ambiente brasileiro. Uma obra sentimental e comovida, em que desfilam retratos, breves cenas, velhas paisagens de casas-grandes e senzalas — evocando Pais-Joães e senhores, Iáiás e mucamas, mães-pretas e ritmos obscuros com música dos caxambus e dos ganzás, nas noites antigas e escuras.

Um belo livro, doce e triste, que nos aproxima das grandes heranças negras tão sensíveis na vida, na arte e na poesia brasileira. Um depoimento lírico, feito com emoção, como o testemunho da geração dos netos de 13 de maio, à mocidade atual, mais distante do regaço da Mãe Preta e que poderá bem sentir, neste documentário lírico e humano, o drama negro com as côres que teve no ambiente brasileiro.

★

ÚLTIMAS CIGARRAS — OLEGÁRIO MARIANNO — RIO

Uma nova, aumentada, bela edição dêste livro de estréia de Olegário Marianno, com lindas e sugestivas ilustrações de Noemia Guerra, põe ao alcance dos leitores atuais as «Últimas Cigarras», sem dúvida um dos poemas mais originais de nossa língua e dos que maior e mais merecido sucesso tiveram ao seu aparecimento.

«Últimas Cigarras» repetirá agora, entre os novos leitores, o encantamento que nos deu, quando conquistou para o estreiante pernambucano um lugar definitivo entre os grandes poetas brasileiros.

Olegário Marianno revela-se nesta obra o lírico de alta linhagem, com inspiração e admirável fôrça expressiva, qualidades que, depois, amplamente se confirmaram. Romântico, naquele grupo de simbolistas que romperam através dos temas e das novas formas do verso, com as solenidades do parnasianismo, já neste livro de estréia, Olegário Marianno, se manifestava seu parentesco mais próximo com Musset do que com Verlaine, revelava-se, também, um precursor, cantando com aquêle panteísmo que viria a ser, muito depois, uma das prerrogativas modernistas. Seus admiráveis poemas, cheios de sol e de cigarras, de fontes múrmuras, de cheiro agreste, de encostas molhadas pelas chuvas — trouxeram luz e calor, ar e céu à nossa poesia confinada nos gabinetes, nos templos gregos, nos museus ou, então, vivida à luz dos lampiões boêmios, nas velhas tabernas de Alvares de Azevedo, nos cabarés imitados de Montmartre, em palácios byronianos devidamente sinistros, ou nas catedrais com turíbulos e vitrais.

As cigarras de Olegário Marianno criaram um novo mundo à nossa poesia, convidaram-nos para a natureza, mas a natureza sem grandiloqüência, sem solenice, ao contrário daquela que os vates cantavam, fiéis aos grandes temas do mar, dos rios, das florestas, da noite, sempre lhes juntando considerações filosóficas de certa ingenuidade. Essa ausência de solenice e de filosofismo «stuffed shirt» foi outra marca de modernidade e de antecipação do cantor das cigarras, um dos verdadeiros precursores da moderna poesia brasileira e cuja obra representa, hoje, um dos mais fortes testemunhos de nosso gênio lírico.

★

CONVERSAÇÕES COM GOETHE - ECKERMANN - PONGETTI - RIO

A publicação desta obra, traduzida por Marina Leivas Bastian Pinto — e a que enriquece um excelente prefácio de Augusto Meyer — vem trazer Goethe vivo ao melhor conhecimento do público brasileiro.

Podemos dizer que as «Conversações» representam o que de mais indispensável se escreveu sôbre o gênio alemão. E' um documentário que nos aproxima de Goethe de maneira humana, expondo-nos o seu espírito e apresentando-nos seu corpo, fazendo-nos senti-lo como nosso contemporâneo.

Com estrito rigor de historiógrafo, Eckermann nos dá aqui o mais largo e mais completo depoimento sôbre essa figura universal, com a particularidade de nos fazer como que ouvir a própria voz de Goethe, depondo para a posteridade.

Um grande livro revelador e genial — sôbre um dos mais altos espíritos de todos os tempos.



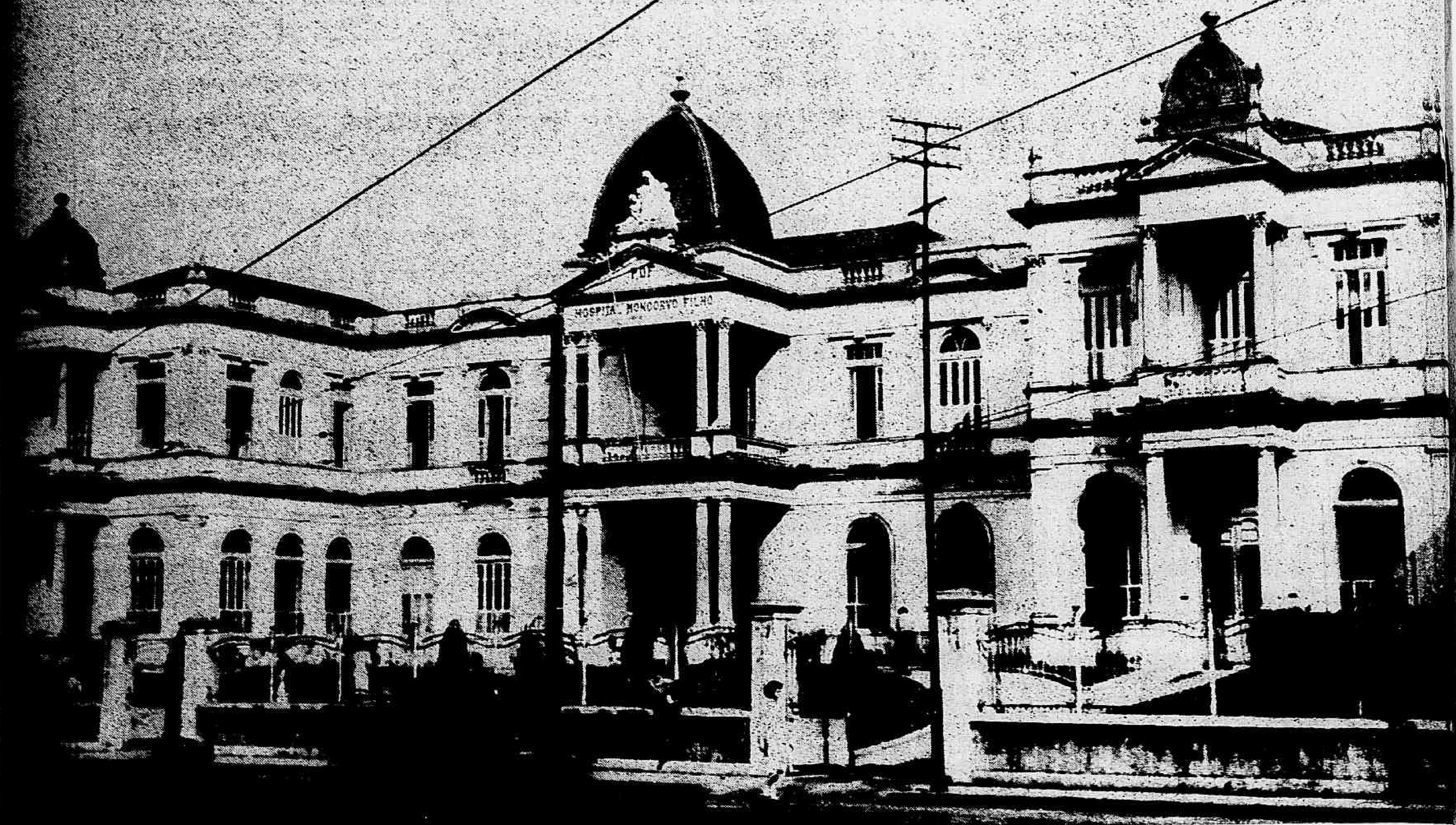
CRONOLOGIA DE RUI — CARLOS CHIACCHIO — CASA DE RUI BARBOSA — RIO — GRÁFICA OLÍMPIA

Esta obra de mérito invulgar com que o saudoso escritor Carlos Chiacchio, mineiro-baiano — pois que o fronteiriço resolveu adotar a Bahia como terra de seu espírito — enriqueceu a bibliografia barbosiana não podia, realmente, perecer nas páginas de uma revista onde foi primeiro publicada. Bem avisado foi Américo Jacobina Lacombe tomando a iniciativa de editá-la por conta da Casa de Rui Barbosa, dela fazendo êste belo opúsculo. em primorosa tipografia da Gráfica Olímpica.

O itinerário dessa vida ciclópica está nestas páginas documentárias — e, mais do que isso, devocionárias — de maneira completa e accessível. «A Cronologia de Rui» que ùltimamente serviu como contribuição principal a uma biografia de rádio e a uma de cinema, representa o roteiro da obra do mestre, como ação e pensamento, em tôdas as suas etapas. E, assim, constitui, pela seleção dos acontecimentos, dos momentos decisivos de uma vida, como pela crítica histórica, um depoimento de uma geração sôbre o espírito do grande homem, uma das mais completas contribuições dos contemporâneos para os futuros historiadores à procura da verdade e do sentido dos fatos. E, isso, com ser escrita por um autor erudito, probo, talentoso e corretíssimo — como convém ao assunto.

«Cronologia de Rui» se enriquece, nesta edição em livro, com uma nota sôbre o autor, assinada por Herman Lima, que nos traz a lembrança gratíssima dêsse caudaloso Carlos Chiacchio, cujo nome está ligado a tantos dos mais importantes acontecimentos dêste meio século de nossa literatura.





Êste é o Hospital Moncorvo Filho, local onde se realizou a Semana da Tireóide, acontecimento de vulto na esfera médica do país, que atraiu para a nossa capital médicos de vários pontos do Brasil. Entidade modêlo, como é considerada, teve seu prestígio ratificado diante da acorrida de alunos para o curso que ali iria realizar-se, iniciativa do Prof. Alfredo Monteiro

A MULHER É MAIS MULHER
PELA TIREÓIDE QUE PELO OVÁRIO

FLAGRANTES DE TÔDAS AS FASES DA OPERAÇÃO DE UM BÓCIO ★ UMA INTERVENÇÃO CIRÚRGICA ATRAVÉS DE UMA TÉCNICA PRÓPRIA ★ HÁ NA MULHER UM HIPERTIREOIDISMO FISIOLÓGICO

Texto de CARLOS TENÓRIO
Fotos de NEWTON VIANA

REALIZOU-SE sábado, dia 1 de julho, no Hospital Moncorvo Filho, a conferência que deu início à Semana da Tireóide, sob a direção do Prof. Alfredo Monteiro, dando êste, a aula inaugural, a numerosa assistência, composta de médicos e estudantes que constituíam a parte discente do curso.

Nessa primeira sessão, como estabelecia o programa, o orador dissertou acêrca da Evolução dos conceitos sôbre a tireóide e Morfogénese, anatomia e fisiologia.

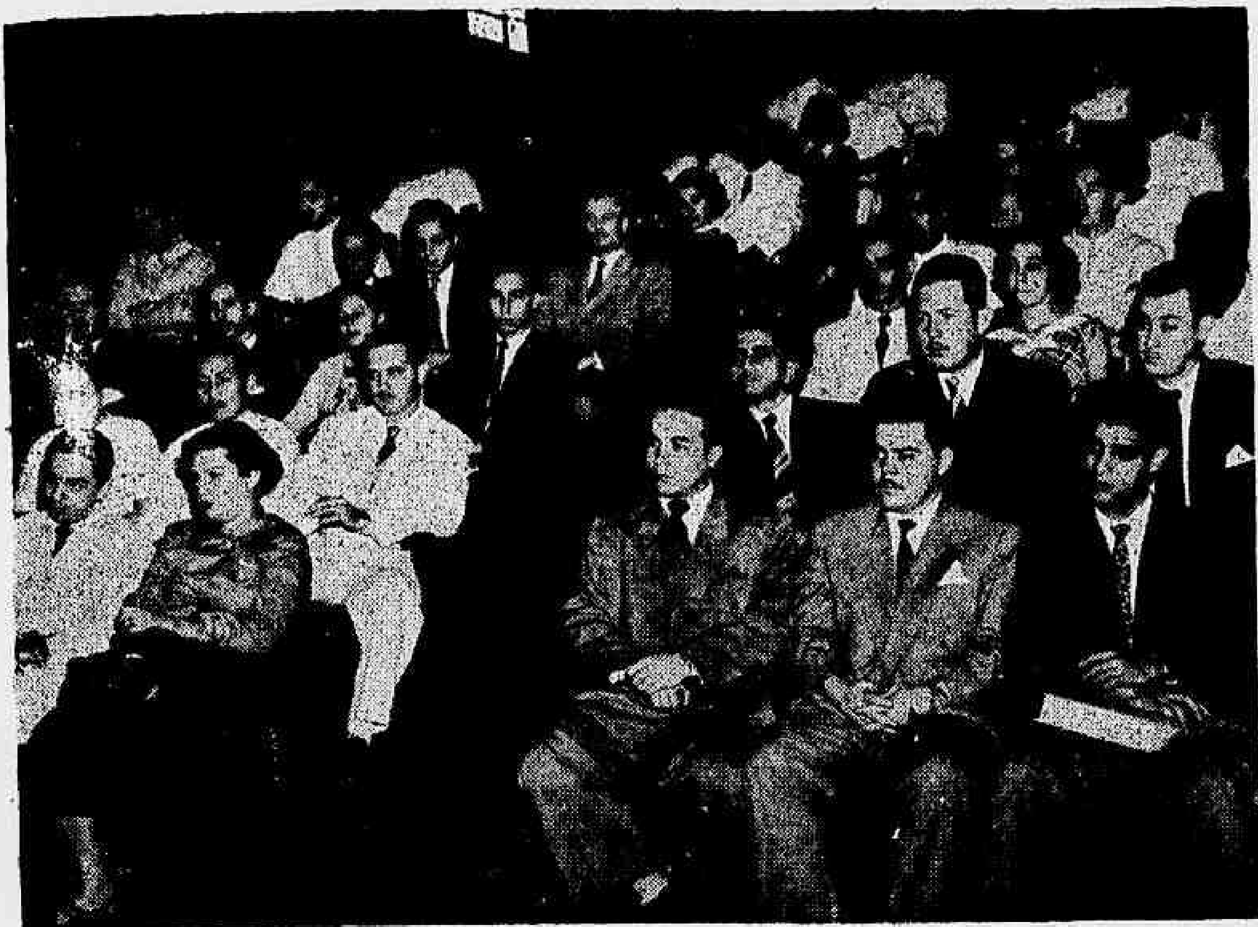
Falando de maneira agradável e concisa o Prof. Monteiro, introdutor de uma técnica operatória, que mais adiante procuraremos sucintamente esquematizar, fêz o his-



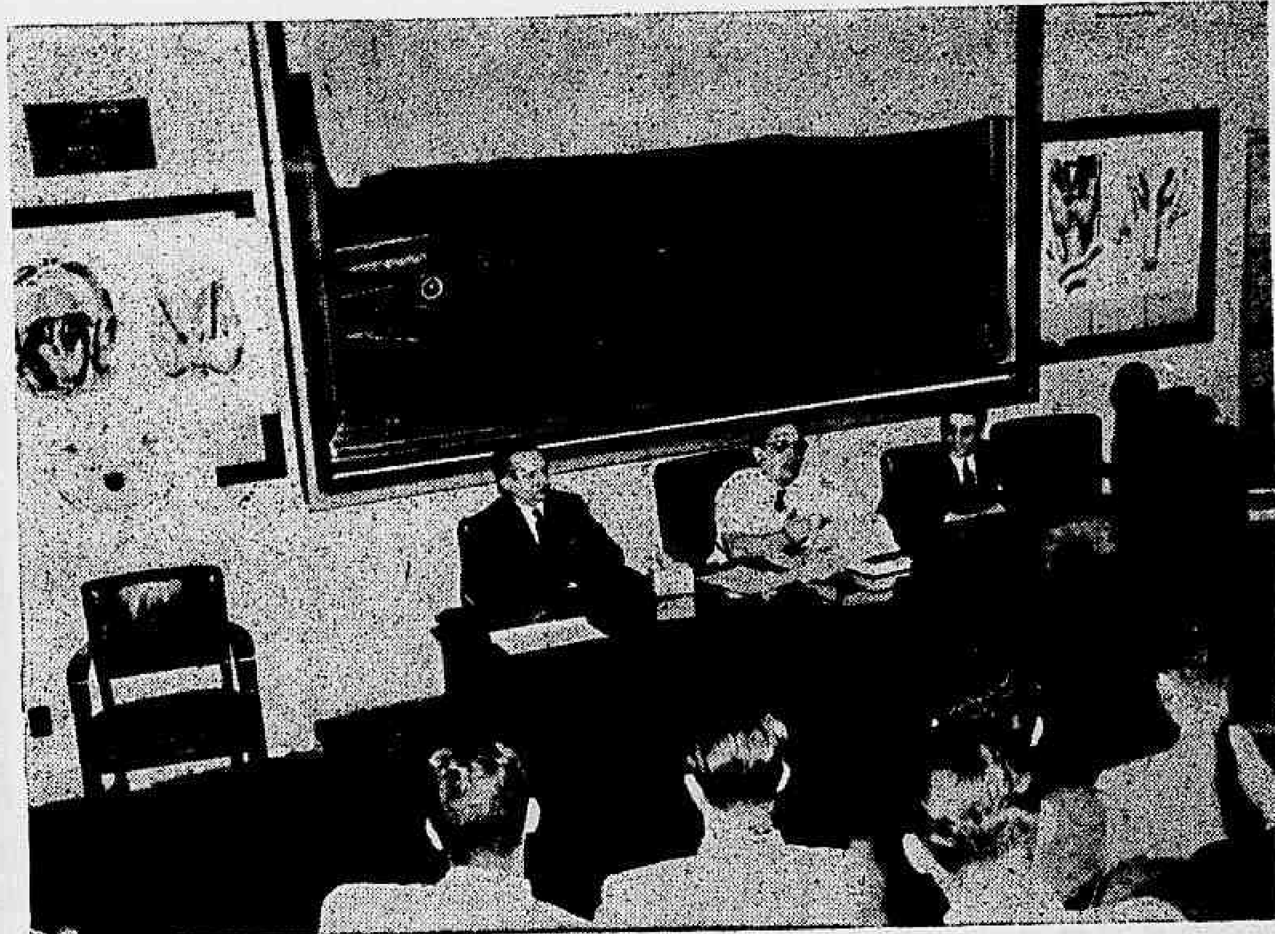
No vestíbulo do Hospital fomos recebidos pela gentileza. Dela se revestiram D. Lyra (na extremidade) e sua chefe de serviço. Dêsse passo em diante penetramos o recinto sem embargos, até o final de nossa reportagem



Durante o intervalo da primeira conferência, palestram os membros da Mesa que regeu aquela aula inaugural. De frente para a objetiva. Prof. Magalhães Gomes; acendendo o cigarro. Prof. Monteiro; e Dr. Luís Feijó



Gente dos mais variados matizes de cultura médica localizou-se nas cadeiras do grande anfiteatro para assistir à lição que deu início à Semana da Tireóide. Preleção que versou sôbre o histórico dessa glândula



Utilizando-se do quadro negro e de desenhos fixados na parede falou o Prof. Alfredo Monteiro focalizando essa glândula de secreção interna passando por Galvani e chegando até Halsteed e nossos dias

tórico dos conceitos sôbre essa glândula endócrina, desde a fase Galvânica até nossos dias e as concepções dos facultativos norte-americanos, citando Crile e Crile Jr., Halsteed — principalmente — e outras autoridades no assunto como Pouchet, Rinhoff, etc. Falou ainda no valor das pinças que vieram contribuir para a técnica cirúrgica, e chamando atenção para a preocupação dos médicos antigos do perigo das hemorragias.

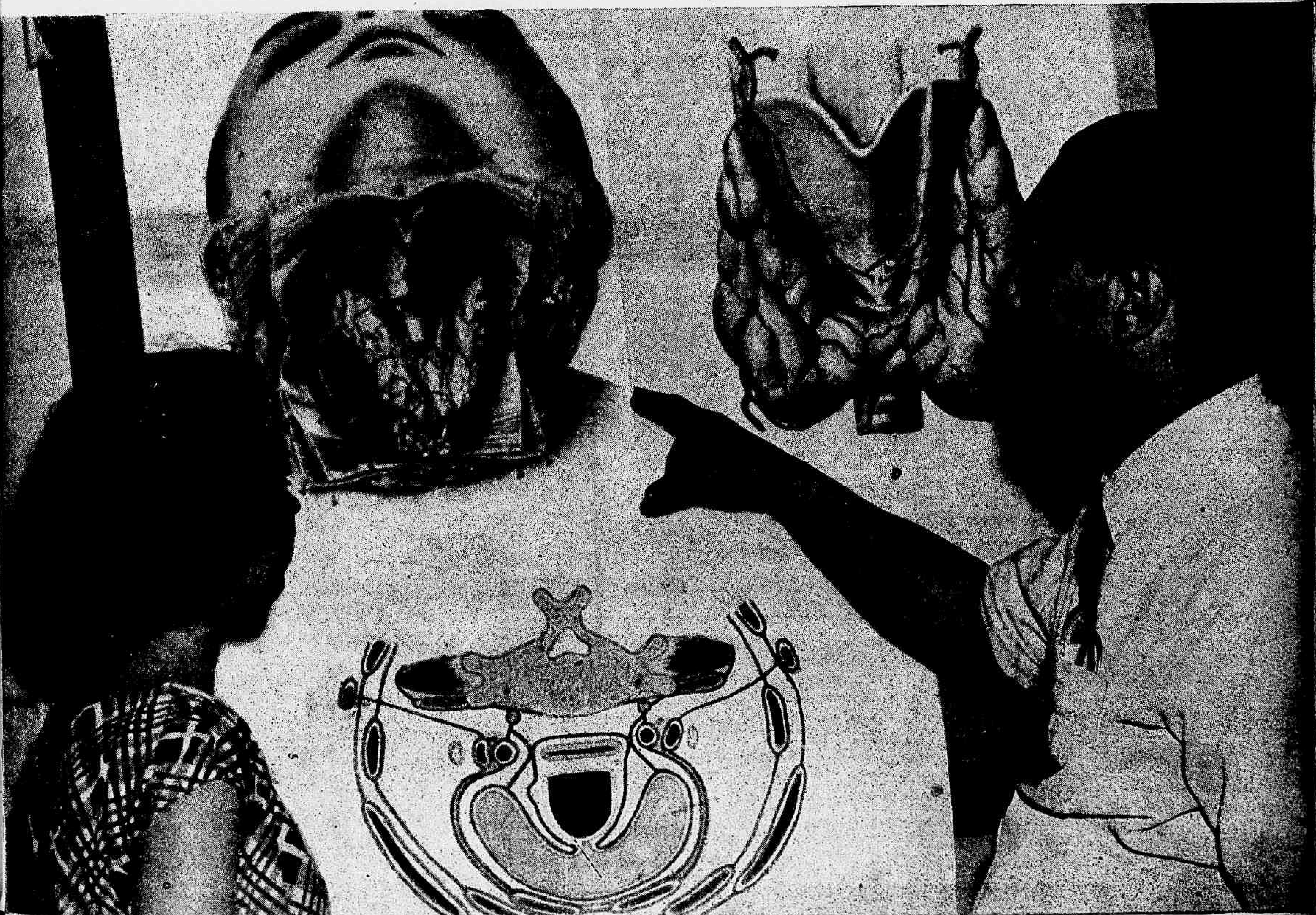
Conduzidos por D. Lyra, enfermeira do serviço de Otorrinolaringologia, fomos, quatro dias após a sessão inaugural, até a sala de operações onde se processariam outras intervenções cirúrgicas, de caráter de maior importância, pois que o primeiro dia em que se realizaram fôra de data 3 de julho.

Inúmeros alunos se aboletaram nos degraus do anfiteatro, separados do recinto de operações por uma grande janela semicircular, de vidro. Anfiteatro estranhável, considerando-se o Hospital Moncorvo Filho, entidade modêlo, pois, em instalações modernas e ideais, o público assistente se localiza sôbre as mesas, em bancadas circulares, locais de visão mais fácil. E, na sala, médicos, assistentes, enfermeiras e alguns componentes do curso.

Havia duas mesas. Em cada uma a paciente que se submeteria à intervenção. Precisamente às 8 horas o Dr. Josias de Freitas, um dos operadores, jovem e talentoso cirurgião, aguardando o Prof. Monteiro, fêz os preparativos de anestesia e secções iniciais. Fazendo alarde de uma técnica própria, procederam à intervenção. Através instruções do cirurgião Josias de Freitas e o que nos foi permitido observar a operação se processa do modo seguinte, que procuraremos expor de maneira sucinta:

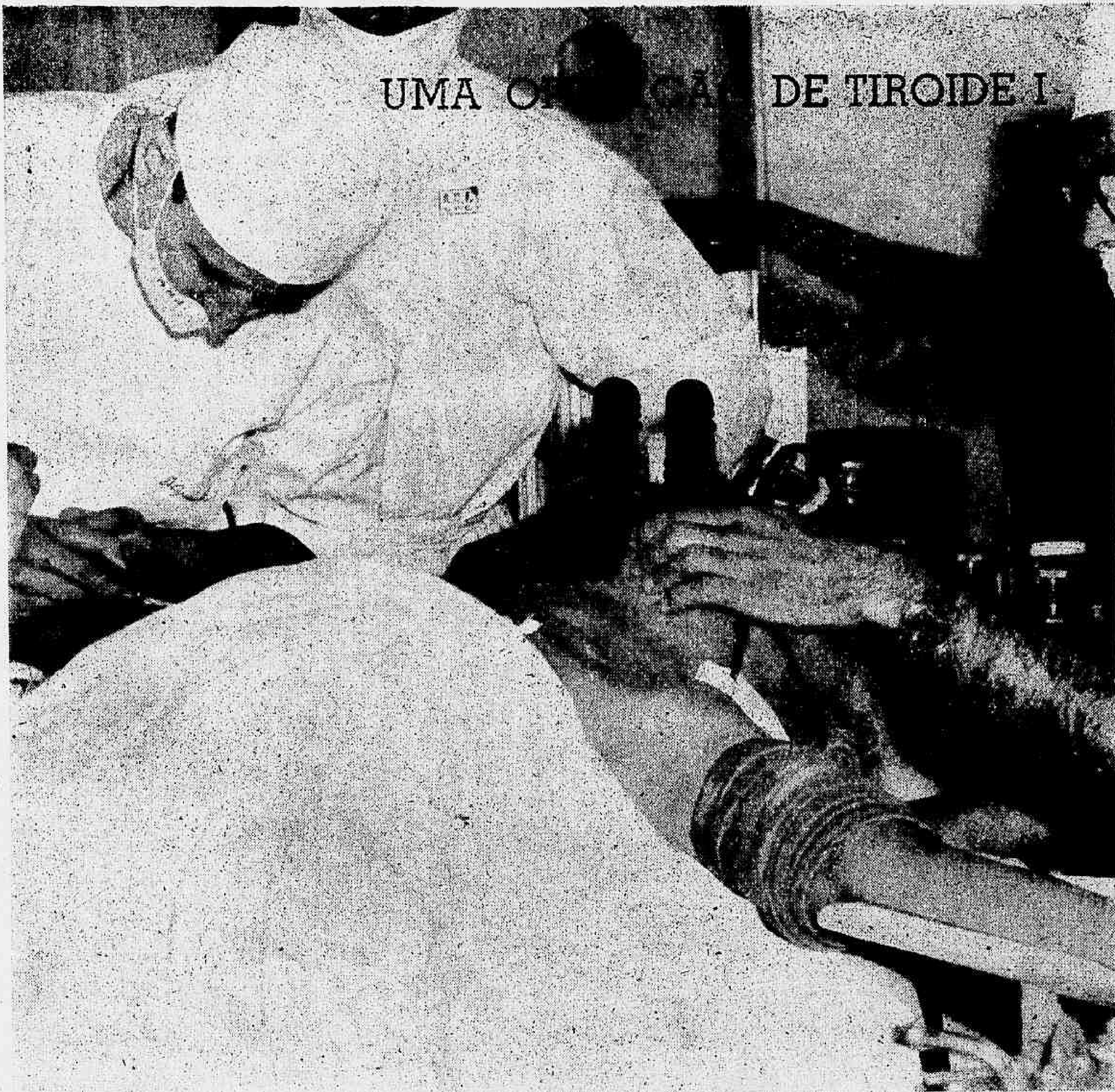
1º) — Doente na mesa — anestesia geral

Aqui temos o bócio e o determina com o indicador o Dr. Alfredo Monteiro a uma aluna do curso. Mas era apenas um desenho, muito embora seguindo a todos os requesitos técnicos, médicos e gráficos. Quatro dias após, presenciaríamos, numa sala de operações, embuçados em médicos, à extração de um dêles. Verificamos como em realidade se efetua uma intervenção cirúrgica: rapidez, precisão e consciência




MESA DE INSTRUMENTAÇÃO


NA MESA OPERATÓRIA



Anestesia (pelo sistema de entubação) flexial. Sendo dada nesse dia pelo 2º assistente, ante a resistência da doente. Resistência, diga-se, com a paciente em estado de inconsciência

(entubada) flexial — técnica própria, com 8 cc de anestésico.

2º) — Faz-se uso, então de um aparelho próprio, composto de quatro pequenas vigas de ferro, em sentido vertical, levemente inclinadas, e de dois aros semi-circulares que se prendem às extremidades daquelas. Aparelho êsse copiado do Pro. Goni Moreno, da Argentina.

3º) — Tem início, então, a intervenção (com o combinado cirúrgico: cirurgião, 1º auxiliar, 2º auxiliar e instrumentadora). *a*) incisão da pele com o deslocamento do retalho superior em ângulo e mínimo de retalho inferior; *b*) abertura da rafe mediana; *c*) segue-se o isolamento do pedículo superior após uma secção parcial do músculo (externo-hioideo). Faz-se então a ligadura do pedículo superior direito por transfixação e em sequência a ligadura da veia lateral e inferior; *d*) faz-se a ressecação da glândula após individualizar e proteger as Piratireóides, glândulas de enorme importância que requerem inúmeros cuidados; *e*) deslocamento da traquéia; *f*) repetidas, em seguida, tôdas as manobras para o lobo esquerdo, fazendo-se a ressecação dêste lobo com todos os cuidados usados para o lobo direito.

4º) — Hemostasia perfeita.

5º) — Fechamento habitual por plano, com ou sem drenagem.

Os pontos da pele são retirados 12 a 16 horas após a intervenção.

A operação decorreu em tôda esta continuidade em respeito à técnica, num belo, rápido e preciso trabalho de equipe, em que seus componentes demonstravam o volume de suas responsabilidades.

No combinado cirúrgico, acima referido, nessa operação, funcionaram:

Cirurgião: Prof. Alfredo Monteiro.
1º auxiliar: Dr. Josias de Freitas.
2º auxiliar: Dr. Caparica Filho.
Instrumentadora: D. Regina.

Essa intervenção cirúrgica, na "papeira" de uma idosa senhora, durou uma hora e cinco minutos.

COMPLICAÇÕES TIREÓIDEAS PRÉ-OPERATÓRIAS

Com uma aula do Prof. Luiz Gentil Feijó, teve efeito no grande anfiteatro, completamente cheio, daquele nosocômio, uma explanação acêrca de hipertireoidismo, suas características, suas influências sôbre determinados órgãos da arquitetura fisiológica, com exames em onze doentes.

Falou o Prof. Feijó, com demonstrações radiográficas exemplificadoras, focalizando primeiro os vasos circulatórios, a posição do coração e os pulmões — características diferenciais da tuberculose pulmonar. Dissertou, atentando, ainda, em fatos que, à primeira vista, identificam o doente de tireoidite.

Além do bócio, que, vulgarmente chamam de "papeira", apresenta uma fixidez no olhar, por exoftalmia (uni ou bilateral), dizendo êle que, enquanto o indivíduo normal pisca, num minuto, três a dez vêzes, o sofredor de hipertireoidismo pode piscar uma ou duas vêzes num minuto, ou passar um minuto sem piscar. Apresenta, também, um tremor na mão, quando geralmente se vêem obrigados a permanecer com o braço teso, esticado, ou por efeito de apreensão de qualquer objeto. Havendo, outrossim, um aceleramento nas batidas do coração.

Diz o ilustre facultativo que há um hipertireoidismo fisiológico na mulher, e, para isto, cita Maranon: "A mulher é mais mulher pela tireóide que pelo ovário". Nas mulheres apresenta-se uma característica interessante. A mulher que possui suas regras de menstruação em espaço de 28 dias são atacadas de menorréia, por vêzes, permanecendo sem as regras (como uma das onze pacientes focalizadas, que já não as sentia há 9 meses, embora não estivesse grávida).

Fala ainda o Dr. Feijó da forma clínica aprèsentada no hipertireoidismo que nos é



Tem início a intervenção, pelo 1º assistente (Dr. Josias de Freitas) com a primeira secção da pele, após a colocação do aparelho copiado do Prof. Goni Moreno, da Argentina



Hemostasia e prenaro do polo superior direito

dado pelo bócio, e a exoftalmia, unilateral ou bilateral. Para o diagnóstico do Hipertireoidismo, diz-nos, são três os elementos indicativos principais: Taquicardia, Emagrecimento e Metabolismo de base.

No desejo de contribuir para êste acontecimento nas hostes médicas, como seja a "Semana da Tireóide", colocaremos alguma coisa que nosso estreito espírito conseguiu assimilar, colhidos, aqui e além, em mestres da ciência de Hipócrates.

Há, na estrutura humana, uma estranha inter-relação da psiquê e as funções orgânicas — pròpriamente ditas. Ao mesmo tempo que os clínicos constatam doenças puramente psíquicas ou males com bases estritamente orgânicas, encontramos moléstias que na terminologia médica tomaram o nome de "doenças organo-psíquicas". São doenças que tendo sua origem num órgão ou nalguma fixação mental — que a psicanálise denomina recalques e seus consequentes complexos, e, na escala ascendente, uma neurose — assaltam a outra região e o paciente passa a sofrer de um duplo mal. Assim são determinadas paralisias, epilepsias e algumas outras moléstias entre as quais as Psicoses tireoideas.

E', esta, uma doença mental que deriva diretamente da glândula tireóide. São colocados neste grupo, por alguns mestres: os distúrbios psíquicos da doença de Basedow, a psicose mixe-dematosa e o cretinismo. Nestes dois últimos casos há hipotireodia. E, no primeiro, hipertireoidia.

Foi Moebius quem disse que existe sempre no basedowismo, hipertireoidismo. Neste se deve sempre pensar quando o metabolismo basal fôr muito alto, isto é, acima de 10x100.

Deve-se, entretanto, mais se atentar à função do sistema nervoso e à constituição geral. Assinala-se então (e isso carrega grande dose de importância) uma hiperexcitabilidade mórbida do sistema nervoso, coexistindo distúrbios da tireóide, dos ovários e do timo.

Os sintomas da doença de Basedow se podem distribuir em dois síndromos: tireoideano e neuro-vegetativo.

O síndromo tireoideano é constituído pelo bócio com hiperfuncionamento da tireóide, magreza e taquicardia — sendo aquêle um sintoma capital, e, ambos provocáveis pela tiroxina — hiperexcitabilidade nervosa e aumento do metabolismo basal. E, nisso tudo, dissertou bem o Prof. Gentil Feijó quando abordou o Hipertireoidismo.

O síndromo neuro-vegetativo caracteriza-se pelas ondas de calor, perturbações vasomotoras, crises de vômitos ou de taquicardia, diarréia, e um estado de excitação permanente do simpático e do pára-simpático.

A exoftalmia, uma das características para o exame clínico e diagnóstico, depende de um estado de excitação permanente do simpático cervical.

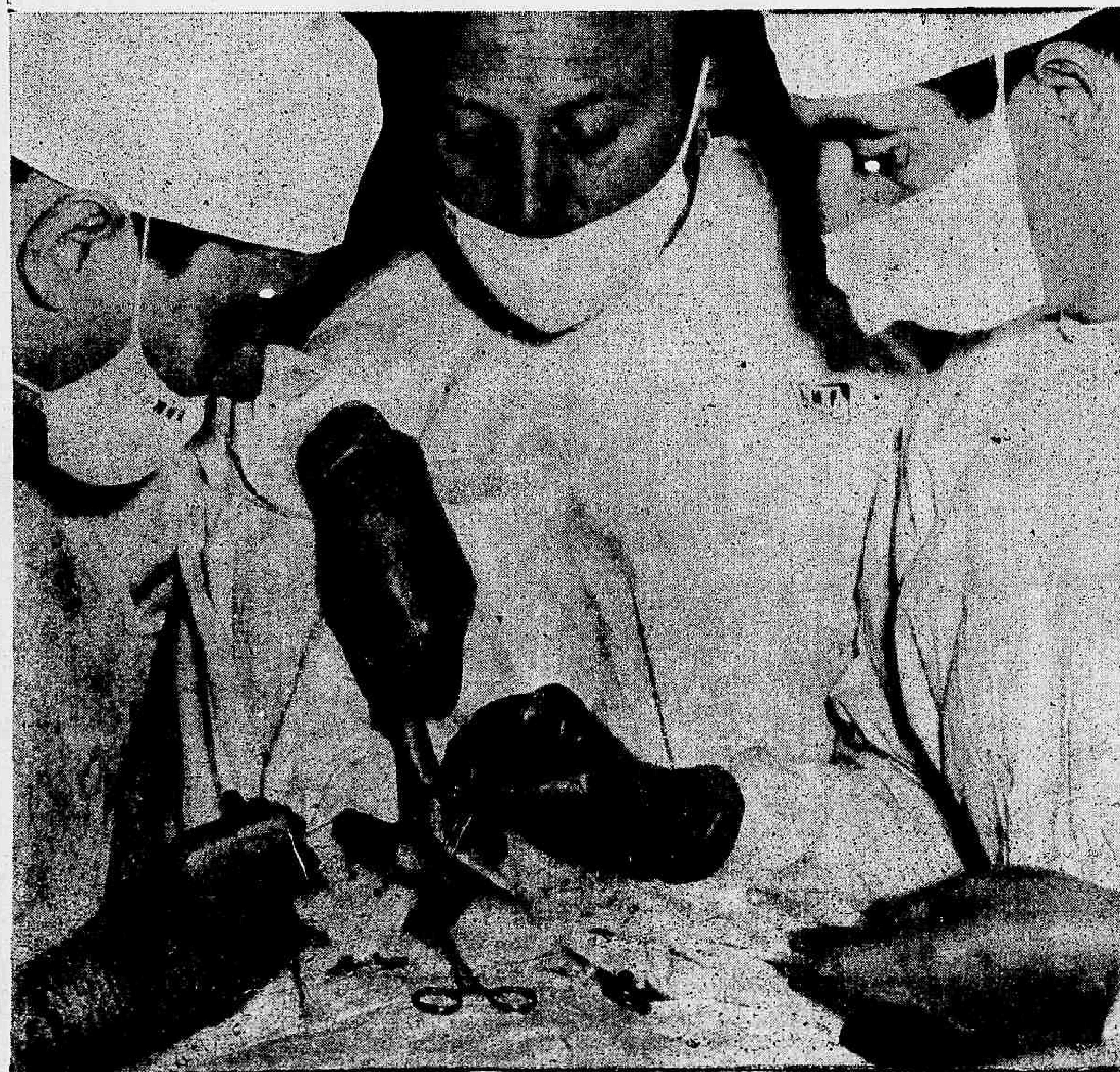
Para a boa terapêutica, chama-nos atenção um dos mestres de medicina no Brasil, deve-se fazer a perfeita diferenciação no caso de um síndromo de anfotonia neurovegetativa, ou seja, o síndromo simpático para basedowiano de Marcel Labbé. Neste caso existe um bócio moderado, não há magreza, nem aumento de metabolismo basal. Tendo, ainda, emotividade exagerada e intensa taquicardia.

METABOLISMO BASAL

Nos dias de hoje, recomendam os clínicas, não se deve fazer o diagnóstico de hipertireoidia sem que se faça a pesquisa do Metabolismo de base. Representa êle a quantidade mínima de calor, produzida pelo organismo, no estado de repouso, em jejum na temperatura normal, calculada por metro quadrado de superfície cutânea e por hora. E, em seu resultado temos: normal entre 10x100 e 100x100; alto, acima de 10x100; e baixo, se inferior a 10x100.

Maranon, após pesquisar 177 casos, diz que, quando o metabolismo basal fôr muito alto, sempre se deve pensar em hipertireoidismo.

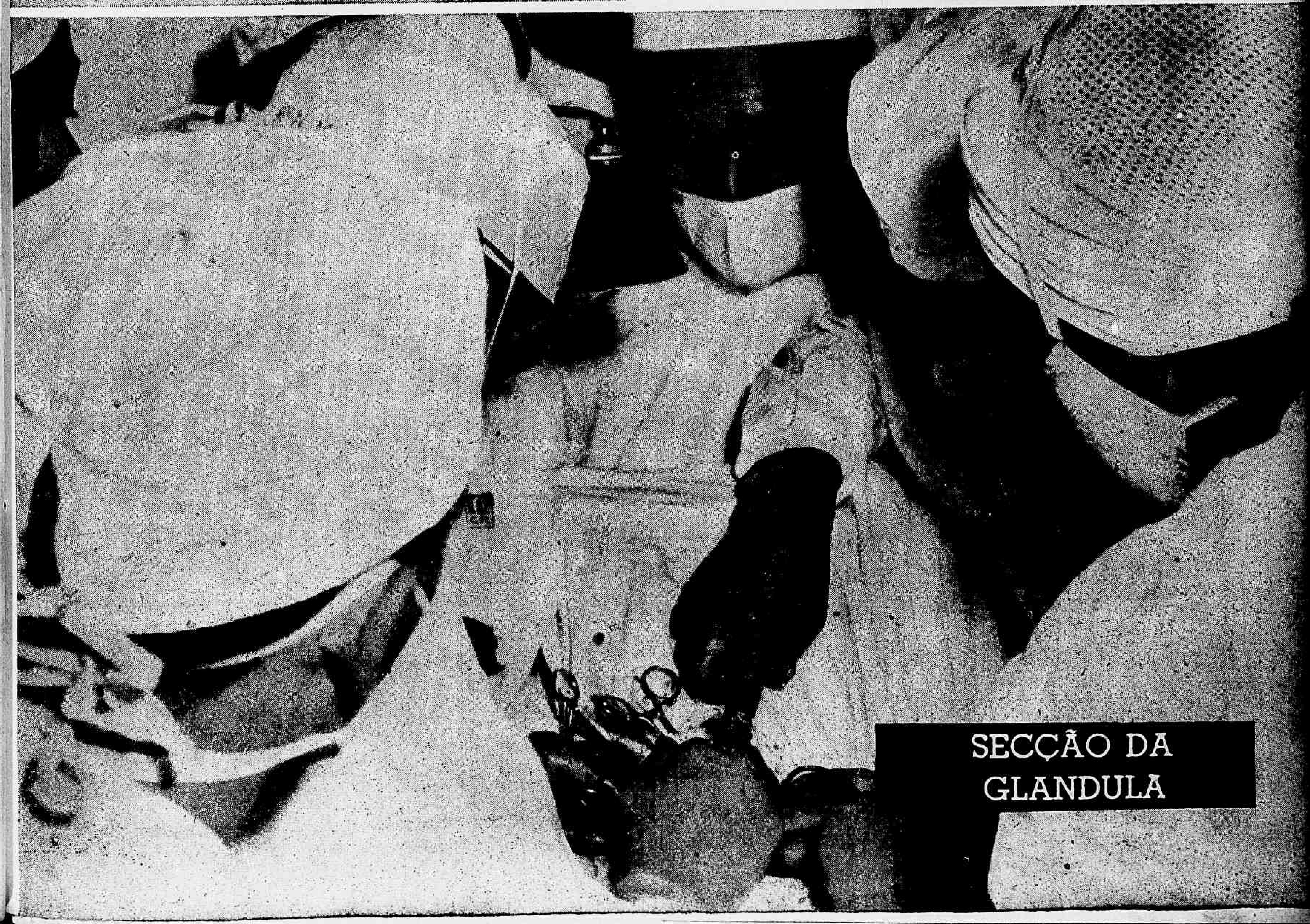
Na semana próxima, terá seguimento essa reportagem, com amplo material fotográfico, focalizando — principalmente — as fases finais da intervenção cirúrgica do bócio.



Abertura da Rafe mediana (ainda pelo assistente)



LIGADURA DO SUPERIOR PEDICULO

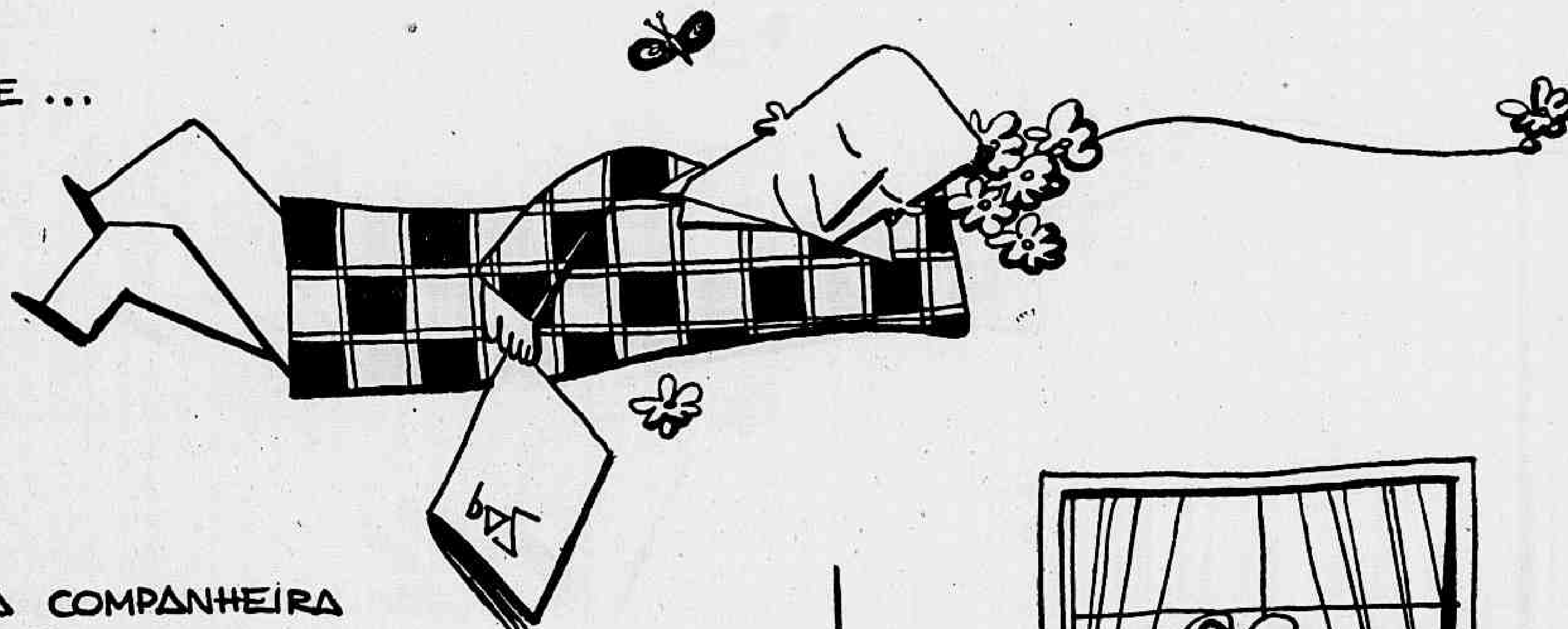


SECÇÃO DA GLANDULA

Nicodemus C/ O CORAÇÃO TRANSBORDANTE DE AMÔR FALA SOBRE

ESSA EMOÇÃO SUBLIME

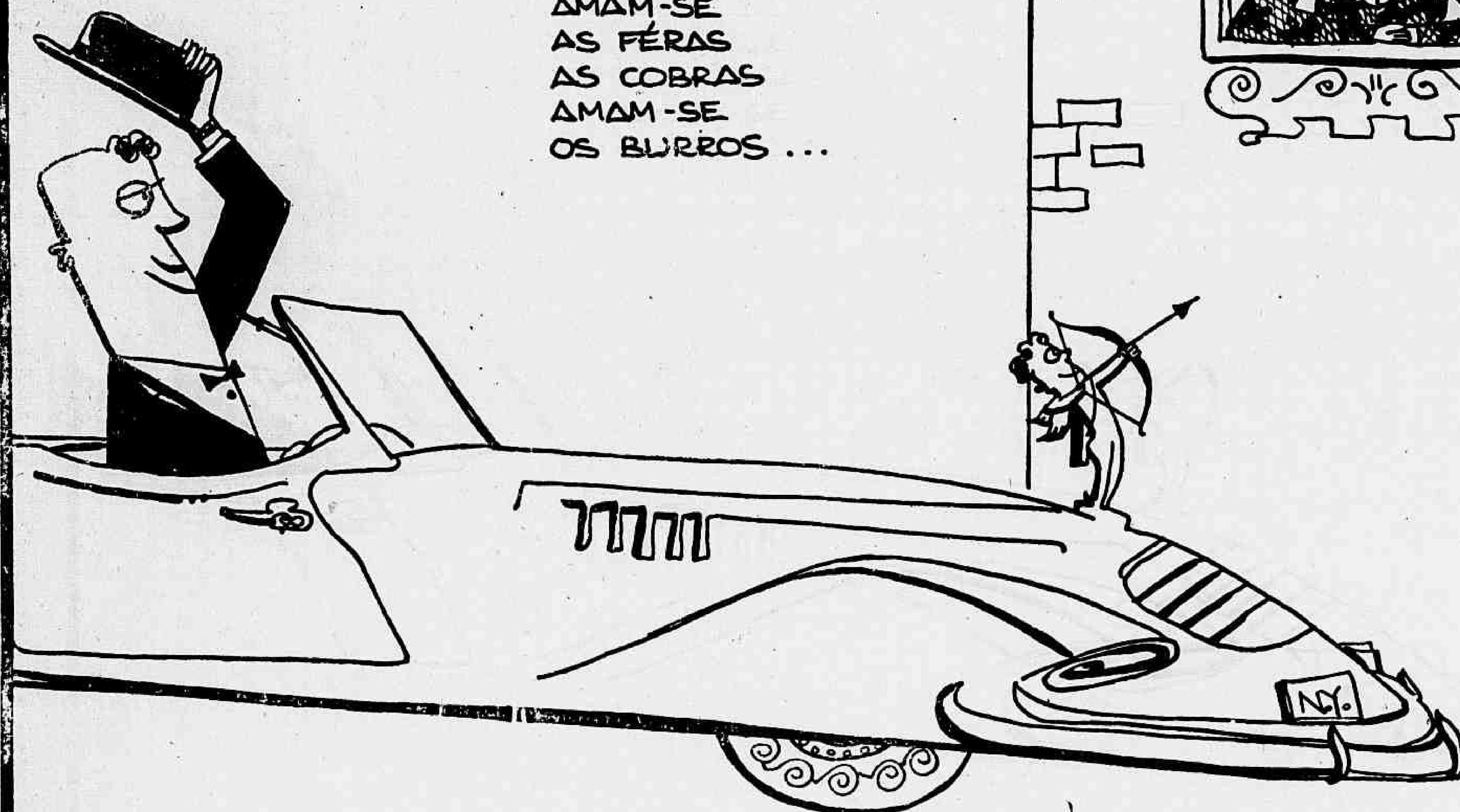
AMA O HOMEM
A ESPÔSA
O LAR
A QUIETUDE ...



AMA A SUA COMPANHEIRA
O PASSARINHO ...



AMAM-SE
AS FÉRAS
AS COBRAS
AMAM-SE
OS BURROS ...



... AMA A MULHER O RAIO DO VISINHO ...

Novela de A. J. DE FIGUEIREDO

OUTRO dia eu estava no cimo duma elevação, no adro de velha igreja colonial, apreciava a beleza da paisagem e nem pensava no fim do mundo. Nisto me apareceu o Diabo. Não me assustei porque já o conheço bem, de tê-lo visto antes. De resto, já não tem rabo, nem chifres, nem os olhos chamejam. Ao contrário, um leve odor de "itamarati" em lugar de enxôfre queimado.

— "Os tempos são outros, menino" — explicou-me, a sorrir, quando lhe perguntei a razão da roupa clara de linho, os cabelos ao vento e os pés metidos em alpercatas abertas. — "Na Idade Média eu era o inimigo dos homens, era o anjo decaído, e vivia pelo mundo a procurar gente. Andava pelos mosteiros tentando os frades, induzindo freiras a gerar filhos e a matá-los depois. Compreenda, meus domínios eram vastos e eu carecia de gente. Voluntàriamente ninguém desejava povoar o Inferno, tal a péssima propaganda que os inimigos faziam do meu reino.

— E já não tentas as criaturas com o fim de condená-las ao Inferno?

— "Condená-las? Você, rapaz, está antiquado. O Inferno sempre foi lugar de descanso. E' porque você mal conhece o mundo através da História. Não leu meu amigo Anatole dizer como se faz História? Um episódio contado por três testemunhas oculares, no futuro, quando nada, dará três versões diferentes, se os historiadores forem sem imaginação. Desta forma, cuido não se possam julgar os fatos antigos e muito menos compará-los com os modernos. Não se agastem os amigos da Ciência Histórica. Bem, para começar falarei do meu passado, isto é, contar-lhe-ei a história dos homens, desde Eva até o instante em que um país do oriente procura briga com outro do ocidente. Então você verá que o Inferno, comparado com o mundo, sempre foi lugar delicioso."

— Está doido? Então achas vou preferir ouvir-te, velho embusteiro, em vez de admirar a refulgência dêste sol, que derrama luz nas matas e torna mais vivo o azul do mar? Conheço a história da terra, dos homens e das suas maldades e loucuras. Basta..

O Diabo sorriu, ràpidamente sentou-se ao meu lado, e ficamos a contemplar a cidade lá em baixo. Assim vista de cima dava a impressão de cortiço de abelha, disciplinado e laborioso, sem paixões, sem crimes, sem violência, sem roubos, sem politiquices.



A HISTÓRIA QUE O DIABO ME CONTOU

Sentado no muro de pedra, o Diabo batia os pés no paredão, compassadamente, irritantemente, como se quisesse exasperar-me. Eu, entretanto, que já lhe conheço a dobrez, particularmente da leitura de velhos livros sacros, tentava nem me dar por achado. Todavia, danada inquietação me mordia todo. Enfim, rompi o silêncio, com voz irônica:

— Ora, fôste tentado uma vez a te revelares o maior inimigo do Criador e nada fizeste. Onde está o teu poder, onde a tua malícia? Pelo que vejo continuas a tentar incautos e a levá-los para teu Inferno. Missão digna de agente de turismo.

Olhou-me de soslaio, tornou a sorrir, e me disse:

— "Até me recorda a tentação que me fêz um italiano, tido por satanistas nas rodas literárias dos homens e, já agora, meu adversário. Disse-me que eu devia destruir o mundo, visto que fôra esta a grande realização do Criador. E maior prova de antagonismo não havia do que destruir irremediàvelmente a obra do inimigo. Naquele tempo não me convinha falar abertamente dos maus designios. Hoje é diferente, e confio em você."

Logo me interessei pela conversa. O Diabo novamente sorriu, achegou-se a mim, botou a mão no meu ombro e me apontou a vastidão azul do mar, lá bem longe, as velas brancas sulcando águas e a fumaça de dois navios encaracolando-se no ar:

— "Lindo, não é? Os homens, quando moços, querem dinheiro e poder, e vendo a mata verde, o céu bem claro, a natureza tão cativante, e mulheres tão belas, tudo fazem para gozar a vida. Acontece, entretanto, que o tempo passa velozmente, e quando menos se espera é a velhice, a morte, o fim — o dinheiro mesmo, alavanca de gozos, nenhum. Antigamente muitos faziam contrato comigo: aceitavam riquezas, mocidade e prazeres neste ambiente dulçoroso e me davam depois o direito de levá-los aos meus domínios. Concordei sempre. Hoje me arrependo. Todos êsses transformaram o Inferno num lugar desesperador para mim, e o resultado, rapaz, foi desastroso. Sabe você que já não tenho onde meter tanta gente? Há filas, há inflação e não posso atender os que me chegam diàriamente. Vem gente de tôdas as linguas, de todos os lugares. Entram rindo, felizes, despreocupados, e logo disputam os melhores lugares. Uma vez perguntei a um recém-vindo:

— "Mas afinal por que chegam vocês tão alegres?"

— Ora, se o Inferno fôr ruim, será igual ao mundo donde viemos. Pior não pode ser. E como aqui a vida é eterna, para que chorar? — e saiu cantando um estribilho de cançoneta italiana.

"A princípio fui senhor absoluto do Inferno. Mas isto foi antes da Revolução Francesa, quando os homens criam em reis absolutos por direito divino e tinham, portanto, no espírito, servilismo sem remissão. Depois começaram as reivindicações. Sabe você que os homens têm sempre a tendência de levar bem longe as suas idéias. Pois quando Robespierre e Danton chegaram lá no Inferno, logo entraram em luta pessoal, e causaram cizânias, e desde então meu reino piorou. Hoje os padecentes somos nós, os diabos, os pobres diabos! — "Satan, venha cá. Falta isto, quero aquilo, tome providências!" — Aguentamos sindicatos, que exigem direitos, e há Clubes dos simoníacos, União dos blásfemos, Grêmio dos ladrões e Associação dos hereges, e até gente a dizer o que pensa, como se fôsse possível um velho como eu suportar o pêso de tanta idéia nova. Já não me temem, e as próprias caldeiras do Inferno causam tanto sofrimento quanto as águas termais dum balneário. Parece que acostumaram. Por desgraça, já os meus auxiliares exigem horário de trabalho. Não posso fazer funcionar as câmaras de tormento, dia e noite, como outrora, porque seria preciso revezar turmas, bem pagas, e nem sei que faça para tanto. Antes, fàcilmente se iludiam os homens. Hoje qualquer Zé-Ninguém lê ciências populares e culturais e os sábios vão se apossando dos meus segredos dum modo vertiginoso, tal é a ânsia de cultura entre os homens. E quando entram no Inferno riem de mim!

O Diabo se calou, pensativo, e já seu braço não me tocava o pescoço. Ficou a olhar distante como se estivesse pensando longe.

— "Que farás então?" — perguntei-lhe irônicamente.

— "Quase nada. Aceitarei a tentação do italiano, darei cabo do mundo, que é o orgulho do Criador. Assim causarei desgôsto a um inimigo e descansarei."

Eu me remexi no assento e o Diabo percebeu minha inquietação. Logo explicou:

— "Desde a tentação de Eva tenho pensado em tornar os homens tão sábios quanto Jeová. Mas àquele tempo êles eram incapazes de subir tanto, por mais que eu procurasse orientá-los. Era preciso paciência. Com o tempo consegui que a ignorância cedesse à cultura. Meu desejo, lentamente, se realizava, apesar dos esforços contrários dos ministros do Senhor. Era êste um desejo meu de aborrecer e assustar o Criador."

"Mas quando vi que os homens, se tornando sábios, ficavam impertinentes, reivindicadores, tonteei. Não fôsse meu orgulho, teria já desistido de realizar capricho tão perigoso. Mas farei coisa melhor: aproveitarei os próprios homens e, por meio dêles, de repente, acabarei com o mundo. Então descansarei. Já estou velho e não suporto ver a cara de vocês, quanto mais recebê-los, contra a vontade, e ser escravo dos homens ao invés de senhor absoluto. Não, isto vai acabar, e brevemente."

— Como farás?

— "Utilizando a ciência dos homens. Você deve lembrar-se da fruta do Paraíso, que ficou sendo a da árvore do bem e do mal. Pois ouça: Eva deveria comer tôdas as frutas da árvore e, se não morresse de indigestão, ficaria sábia, tão sábia quanto eu ou Jeová. A mulher, entretanto, foi pouco sagaz: comeu uma frutinha, assustada, e fazendo tal escarcéu, que acordou Jeová dum sono gostoso. A consequência foi expulsão, anjo de espada flamante e êste longo tempo de espera. Tudo por haver perdido uma boa oportunidade. Porque, não tenha dúvida, houvesse Eva comido tôdas as frutas, e resistido à indigestão, logo seria sábia, Adão também, e eu teria rido com o susto de Jeová. Mas sempre fui teimoso. Constantemente lutei por esclarecer os homens, enquanto os ministros do meu antagonista, ao contrário, tudo faziam por deixá-los numa semi-ignorância. Explico: ensinavam sutilezas de fé, pontos de retórica e dialética, e a arte de dissimular na vida. Não ensinavam coisa alguma da terra, da existência

(Cont. na pág. 48)



Hora da refeição: «bóia» da melhor, em pratos e caçambas, tudo muito higiênico e saudável. O «menú» é diferente em cada dia...



Os gatos são o motivo de sua grande paixão. Vive para êles, trata de os conservar em perfeita saúde. Afinal, é feliz...

OS GATOS DA ACADEMIA

40 BICHANOS PARA 40 ACADÊMICOS ★ POEMAS DE MANUEL BANDEIRA E OLEGÁRIO MARIANNO EM HOMENAGEM AOS FELINOS ★ U'A MULHER EXCÊNTRICA: HÁ 20 ANOS DÁ COMIDA AOS BICHINHOS; TEM UMA BIBLIOTECA COM 800 OBRAS ACÊRCA DE GATOS E JÁ ENTERROU 826 DÊLES ★ O QUINTAL DE SUA CASA É UM AUTÊNTICO CEMITÉRIO DÊSSES BICHOS

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

QUEM passa em frente à Academia Brasileira de Letras, por volta das 19 horas, tem, logo, a atenção voltada para dezenas de gatos que ficam no portão daquela casa esperando o alimento que uma excêntrica senhora lhes traz todos os dias, infalivelmente.

Levados pela curiosidade, procuramos falar com a mulher que se entrega a tão pitoresco mister.

U'A MULHER EXCÊNTRICA

Primeiro que tudo devemos dizer que se trata de uma senhora delicadíssima. Pela sua voz, pelo seu modo de falar, vê-se que é uma criatura de bom coração. Atendendo a um pedido seu não lhe mencionamos o nome. Alegou-nos que, por ser irmã de uma alta patente do Exército, receia que seu irmão venha a ser vítima de críticas malévolas. Soubemos, entretanto, que ela é funcionária da Cia. Internacional de Seguros e que mora no Engenho Novo.

Dando comida aos gatos tornou-se, assim, a figura mais popular da Esplanada do Castelo. Quando ela passa, todos dizem: — "Lá vai a mulher que dá comida aos gatos".

Até mesmo o poeta Carlos Drumond de Andrade já a chamou assim numa crônica publicada no "Correio da Manhã".

Procuramos, pois, ouvir a palavra dessa excêntrica mulher a respeito de gatos e ela assim se expressou:

OS ADMIRADORES DE GATOS

— O gato foi definido por Litle Grace como "o único animal doméstico que o homem nunca conquistou"; e um filósofo inglês escreveu: "O gato é o bicho que vive mais perto do homem, que mora na sua mesma casa, até com maior sem-cerimônia que o próprio cão. Porém, o gato nunca largou a sua liberdade e independência. Efetivamente, poderá ser amarrado a uma corrente, o cão; ser fechado numa gaiola, o pássaro; mas ninguém será capaz de prender um gato, seja por que fôr. O gato é o símbolo da liberdade."

Talvez, justamente pela sua atitude distante, pelo seu ar de independência e, às vêzes, de superioridade, é que gostam de gatos e os preferem como seu *beguin* a qualquer outro animal...

O gato tem cativado personalidades dos mais diferentes caracteres e por citar apenas aquelas lembradas por Frederich B. Eddy, na sua monografia, o cardeal Richelieu, Theodore Roosevelt, o Papa Pio IX, o coronel Lindberg, Ronald Colman e a Santa Gertrude.

O gato teve a honra de haver conquistado a simpatia dos mais insignes artistas e poetas como Michelet, Teófilo Gautier, Baudelaire. Guy de Maupassant consagrou-lhe páginas encantadoras e finalmente Taine, o grande crítico, celebrizou os méritos e os encantos dos seus bichanos com meia dúzia de sonetos impecáveis.

— Segundo eu li — prosseguiu a nossa entrevistada — o gato doméstico parece ser originário das espécies selvagens que vivem nas florestas da Europa e da África, isto é, do *Catus ferus* e do *Catus maculatus*. O seu domesticamento remonta ao ano de 1668 antes da era cristã, conforme se depreende da grande quantidade de gatos mumificados, que se encontram nos monumentos do antigo Egito. Nas pinturas murais dos hipogeus vê-se o gato representado sob a cadeira da dona da casa. Nas tumbas de Tebas, que pertencem às dinastias 18ª e 19ª (1638 e 1640 A.C.) figuram gatos sob diversas formas. Parece que a sua domesticidade é mais antiga do que se supõe, pois na metrópole encontra-se na tumba do rei Hana, que pertenceu à XI dinastia, a efígie do seu gato Boukaki. A deusa Bast tinha a cabeça de gata e trazia na mão o sistro — símbolo da harmonia do mundo — e era particularmente venerada no Egito.

DIVINDADE PARA OS EGÍPCIOS...

— No Egito o gato foi adorado como uma verdadeira divindade, sendo seu culto



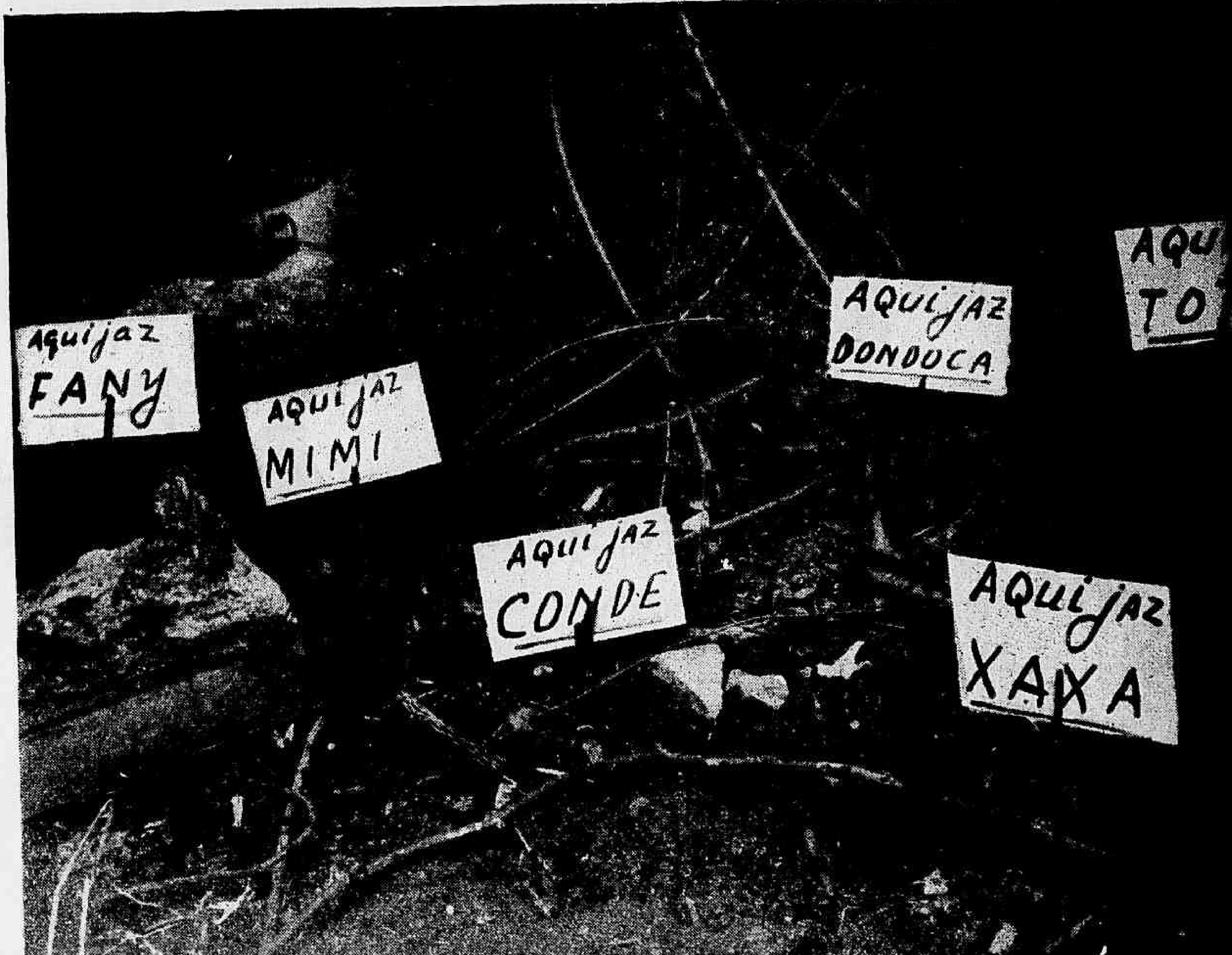
Cemitérios para cães, são comuns. Este, porém, é destinado aos felinos. E ali jazem centenas e centenas de gatos que não miam mais...



Ela não quis que seu nome fôsse declinado e sua vontade está satisfeita. Mas não se importou de posar com o bichano de estimação

baseado na crença de que Isis tomara a forma de um gato para fugir às cóleras de Tifon e dos gigantes. Era por isso enorme a veneração que lhe tributavam, sendo aplicados os mais terriveis castigos aos responsáveis pela morte de um gato, fôsse ela voluntária ou não. Erguiam-lhe templos e, em cada casa havia um gato, cuja morte os habitantes comemoravam com um cerimonial apropriado, com gritos e gemidos, que só terminavam quando, embalsamado e colocado numa caixa com frisos de ouro, era o corpo levado ao Bubaste. Levavam-no às guerras e, de volta, traziam os cadáveres dos que morriam para depositá-los nos lugares santos. Se havia um incêndio só temiam que algum gato morresse miseràvelmente queimado. Em suma, o gato era para os egipcios um deus benéfico porque conjurava o país das invasões dos ratos, que assolavam as habitações do Nilo. Do Egito o domesticamento do gato caminhava pouco a pouco para o Oriente, chegando à Ásia, à Grécia e ao resto da Europa, só penetrando, porém, na Europa Oriental, no século XI da era cristã e no ocidental, no século X. Os romanos e os gregos defendiam-se dos roedores criando a fuinha (mustela quina); o gato doméstico era conhecido dos Tarentinos e Etruscos, pelo seu comércio com o Arquipélago e com os cartagineses.

Os primeiros historiadores do gato foram Herodoto, 430 anos A.C., Aristóteles e Deodoro, século XXX A.C.



Fany, Mimi, Conde, Dondoca, Totó, Xaxá... Êles tinham um nome e receberam sepultamento como bons gatos que viveram, amaram ... e morreram ...



— Moço, pode tomar nota! Os gatos também têm alma, e quando morrem, deve existir lá em cima um lugarzinho para êles repousarem . . .



Junto à estátua de Machado de Assis, na entrada da Academia de Letras, a «mulher dos gatos» mostra, ao repórter, a refeição do dia



Quando não lhe permitem cruzar os umbrais do «Petit Trianon», a velhinha serve a refeição aos bichanos mesmo através das grades

COMPANHEIROS DOS FEITICEIROS

— Mas fora do Egito nem todos os povos tiveram pelo gato a mesma veneração. Os persas não os tratavam muito bem e mesmo na Europa nem todos são concordes em louvá-los. Na Idade Média foi considerado por muito tempo como um ser diabólico, companheiro inseparável dos feiticeiros e das bruxas. De fato, os gatos pretos e as cabeças de defunto são acessórios indispensáveis de tôda a feitiçaria. Sempre aparecem tristes no gabinete do negromonte. São os espectros lúgubres e fatídicos que sempre se encontram nas moradas malditas dos operários do mal. No arsenal das evocações criminosas de Satã, sempre se encontra, ao lado dos pregos do caixão de um supliciado, dois chifres de um bode que foi amado por u'a mulher e o crânio de um gato que se alimentava de carne humana. Por muito tempo os gatos pretos foram considerados feiticeiros e, como tais, partilhavam, muitas vêzes, a sorte dos seus donos, perecendo nas chamas sagradas das fogueiras. Um hábito antigo fazia queimar gatos vivos nas fogueiras de São João.

Da Idade Média aos nossos dias muitas crendices relativas ao gato desapareceram, enquanto se ia, pouco a pouco, reconhecendo a sua utilidade. Nesse periodo os gatos não sofreram nenhuma mudança. Apenas se introduziram novas raças como a Angorá, as quais, cruzando-se com as nossas raças comuns criavam os gatos de pêlo misto.

AS RAÇAS

E, depois de pequena pausa, prosseguiu:

— Quanto às raças não vamos pormenorizá-las, pois seria enfadonho para os seus leitores. Todavia, de acôrdo com a classificação de Cornevin, temos: — 1º — raças de cauda normal (ibérico, chiprense, irlandês); 2º — raças negras ou de gamboa (abissínia, chartreuse, korassan, cáucaso, tobolsk); 3º — raças angorá; 4º — raças de orelhas caídas (chinesa, sião); 5º — raças sem cauda ou de man.

Especialmente na Inglaterra se criaram





Tipo do «gato acadêmico», em pôse especial para o nosso fotógrafo. Chova ou faça sol, a velhinha suburbana serve-lhe pratos saborosos

São «gatos acadêmicos», e a sua protetora possui uma bib'ioteca especializada na «matéria»: «O culto ao gato no Egito», «O Gato de Raça»...

outras variedades e, entre estas, a chamada Tortoiseshell (casca de tartaruga).

A IDADE E O SONO

— De todos os sentidos, o ouvido e a vista se destacam sôbre os demais, nos gatos, sendo o olfato o menos apurado. Não havendo forte luz, estando ao escuro, a vista do gato é potentissima; brilham os olhos como se fôssem dois diamantes refletindo, à noite, a luz de que, por assim dizer, se embeberam no decorrer do dia.

As gatinhas têm a faculdade de gerar, antes de um ano, conservando as funções reprodutoras no decorrer da vida. Normalmente, os gatos vivem, na média, de dez a doze anos, encontrando-se, todavia, bichanos com vinte anos e até mais.

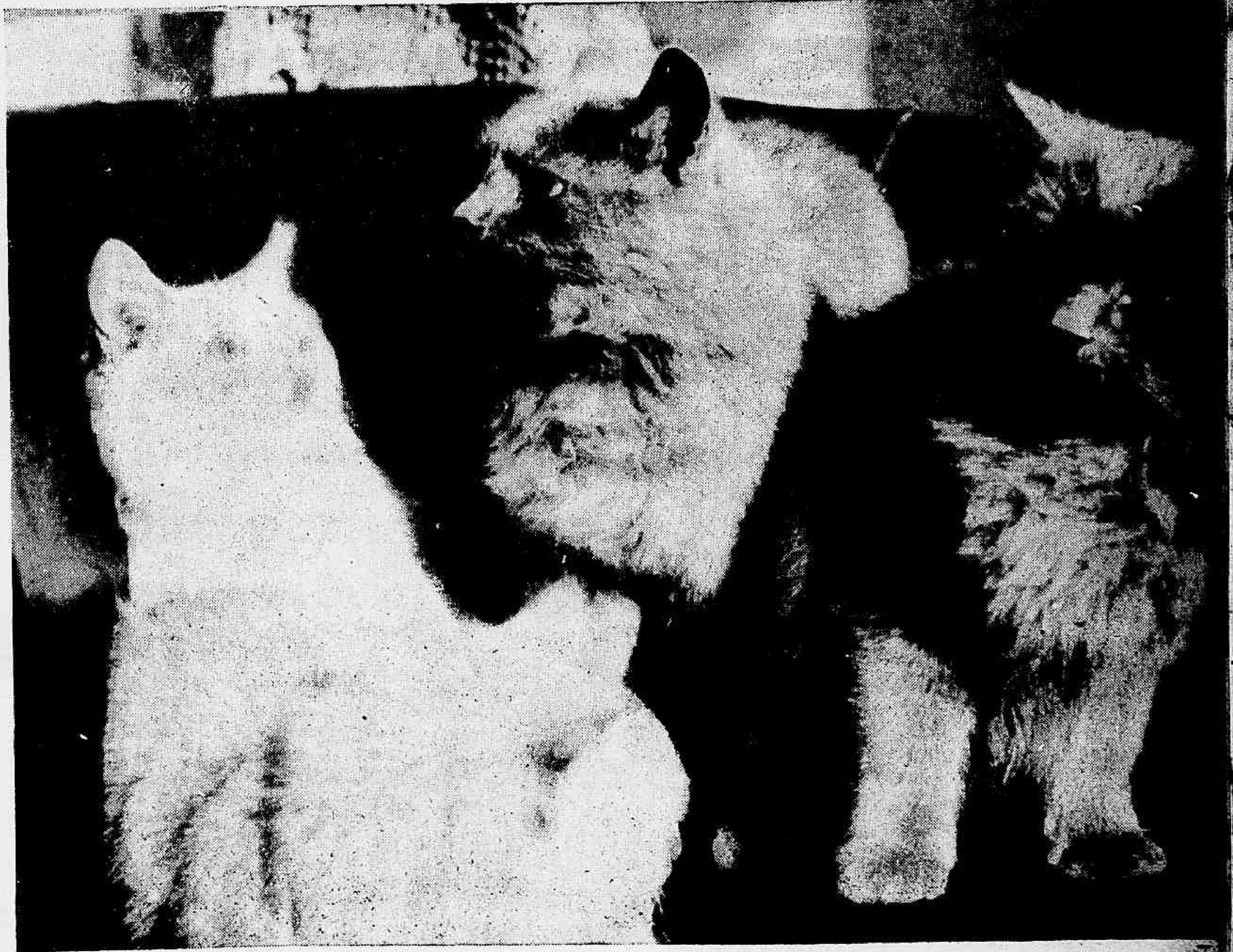
Todos sabemos que os gatinhos nascem com os olhos fechados, abrindo-os ao cabo de nove ou dez dias de vida; mas do que bem pouca gente tem conhecimento é que nesse lapso de tempo, êles também se conservam surdos. Larwin fêz experiências a respeito, verificando que, nos gatos brancos de olhos azuis, a surdez os acompanha por tôda a vida.

Os bichanos dormem menos do que parece, mas, quando dormem, fazem-no profundamente a ponto de parecerem mortos — seu sono é mais uma espécie de letargia. Para despertá-los será preciso sacudi-los com violência. Quanto às horas pouco se lhe dá — tanto tiram uma soneca ao sol meridiano como enquanto os poetas estão "a ouvir estrêlas".

Fato interessante e certo é dormirem os gatos durante o dia, quando nas horas mais cálidas, ameaça desabar violento temporal. Êsse fenômeno comunicado a Buffon vem corroborar a afirmativa feita pelos nossos caboclos praianos de que ao aproximar-se um temporal ou alguma forte ressaca, os olhos dos gatos desprendem um brilho, um lume todo característico.

CEMITÉRIO DE GATOS

Como vê o leitor, estamos diante de u'a mulher que conhece a fundo tudo que diz respeito a gatos.



Há mais de 20 anos a amiga dos felinos trata dêles. Já sepultou 826 gatos e espera assistir à derradeira hora de muitos outros...



Um pouco de leite completa a refeição. Uma velha lata de marmelada serve de vasilha apropriada. E o gato lambe-se por mais...



Quarenta gatos, na Academia de Letras, para quarenta acadêmicos. Cada qual tem o seu bichano. A quem pertencerá êste de olhar tão vivo?

O praça da Polícia Militar, que monta guarda, à noite, no Tribunal de Recursos, junto à Academia, conta ao repórter o susto por que passou numa noite chuvosa, quando a protetora dos gatos apareceu, debaixo do temporal, para levar ração aos bichos...



A uma pergunta nossa acêrca de um cemitério de gatos que ela teria construido — disse:

— De fato, tenho no fundo do quintal da minha casa, no Engenho Novo, um lugar apropriado para enterrar os gatos que morrem. Há 20 anos cuido dêles. Conheço não sòmente a história, mas, também, a sua utilidade e as suas doenças. Tenho mesmo uma biblioteca especifica, com cêrca de 800 obras que tratam exclusivamente de gatos. Quando estão doentes eu os trato carinhosamente. Se morrem, enterro-os com o respeito devido aos mortos. Já enterrei oitocentos e vinte e seis.

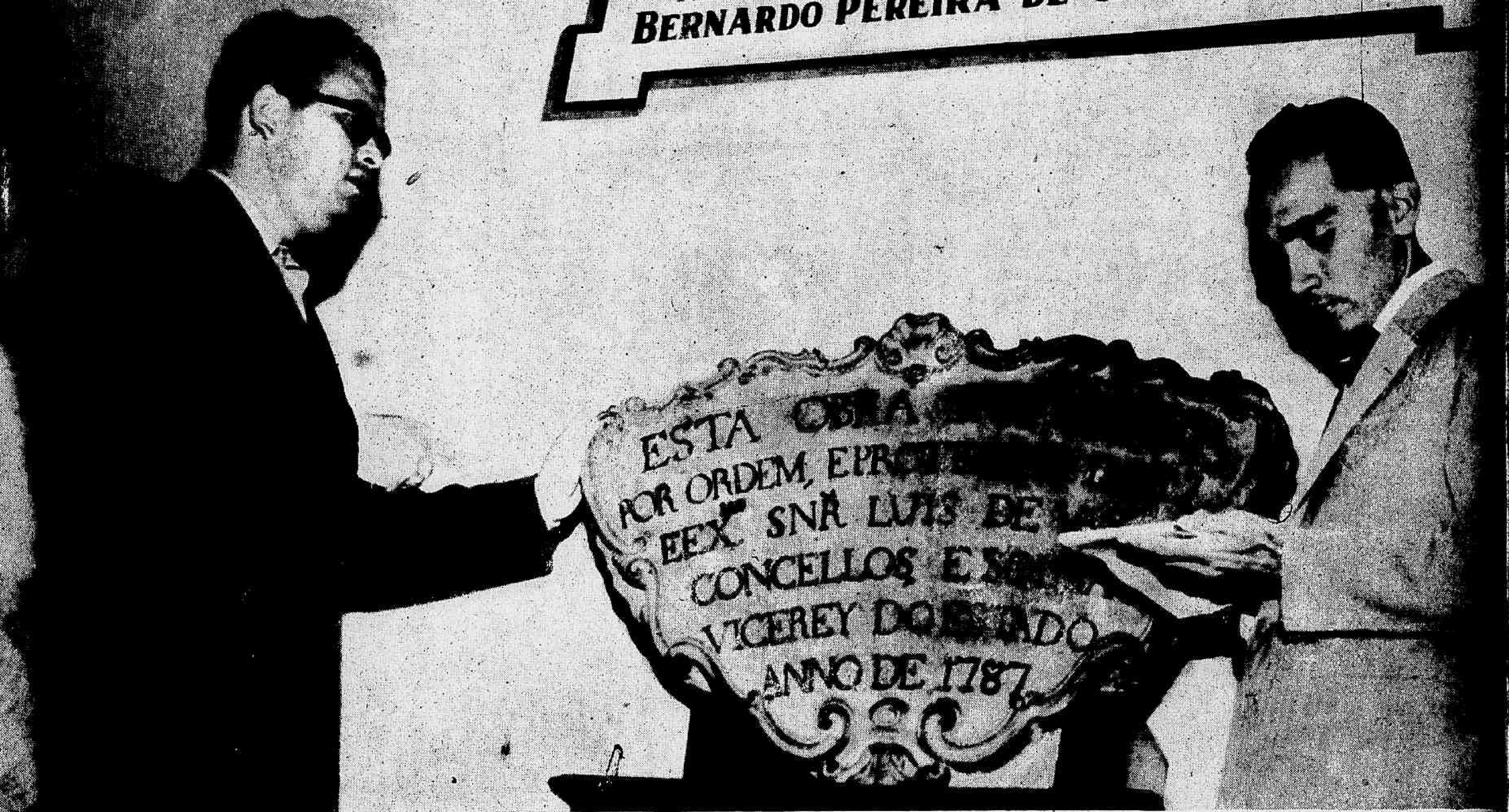
OS ACADÊMICOS E OS GATOS

— Por que os mantêm na Academia quando podia levá-los para o Engenho Novo? — perguntamos.

— Acontece que os habitantes do meu bairro não gostam de gatos; ao passo que na Academia êles são bem tratados e até, mesmo, homenageados. Haja vista o que os poetas Manuel Bandeira e Olegário Mariano já escreveram sôbre êles. Enfim, posso afirmar que todos os atuais acadêmicos gostam dos bichinhos. Aliás, os da Academia são apenas 40. Os da Avenida Beira-Mar não chegam a 80. Somando-se com os ariscos, que aparecem de vez em quando, chegam, mais ou menos, a 130. O sr. naturalmente está admirado com a exatidão do número dos "acadêmicos". Eu explico: são 40 gatos para os 40 acadêmicos.

A alimentação é alternada, isto é, um dia é carne, legumes e arroz; outro dia é somente peixe, principalmente sardinha. A média é de 8 quilos diários — concluiu nossa entrevistada.

(Cont. na pág. 46)



Ao alto, o sr. José Pires dos Santos, um dos chefes das diversas seções do A.P.N., mostra ao repórter o primitivo pórtico do asilo que existia no tempo dos vice-reis, trabalho de Mestre Valentim. Em baixo, um livro mais velho do que a América, isto é, de antes de 1490, exibido pelo historiador Vilhena de Morais, diretor do Arquivo

COISAS QUE NÃO ESTÃO NA HISTÓRIA

"INTELIGENCE SERVICE" PORTUGUÊSA NOS TEMPOS DA GRANDE REVOLUÇÃO FRANCÊSA...

O QUE É O ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL ★ O REPÓRTER DESCOBRIU DOCUMENTOS FABULOSOS ★ RELICÁRIO DA NOSSA HISTÓRIA ★ CARTAS DE NAPOLEÃO, D. MARIA I, PEDRO I, PEDRO II, D. JOÃO VI, ENFIM, DE TODO MUNDO ★ 50 FUNCIONÁRIOS RESPONSÁVEIS POR DOIS MILHÕES DE PRECIOSIDADES

Reportagem de ARMANDO PACHECO
Fotos de ANTONIO LIMA



NESTE ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1950, nesta mui nobre, leal e altiva cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nesta segunda metade do século da bomba de hidrogênio, ninguém poderia conceber que existisse em plena Praça da República uma instituição secular capaz de guardar e conservar tantas preciosidades documentárias sem as quais não se poderia escrever a crônica do Brasil.

Quem passar pelo antigo Campo de Santana, local célebre e celebrado historicamente, ao ter sua atenção despertada por um edifício centenário, diferente dos demais, pintado de rosa, cheirando a passado, impregnado de História e sugerindo histórias diversas, não imaginará que papel importante desempenha o Arquivo Público Nacional.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO ARQUIVO NACIONAL

Quase nada se tem dito entre nós dêsse fabuloso casarão dantes sombrio e povoado


775
781
787
793
799
805
817
764
770
776
782
788
765
771
777
783
789
812
772
778
784
790
807
761
779
785
821
774
780
822

de fantasmas familiares a nós patrícios, de recordações tão gratas, tão caras aos nossos Rocha Pombo e João Ribeiro. O brasileiro, geralmente, é cético e irreverente, e não concebe que possa haver uma organização à altura da sua missão sagrada de guardar e zelar "per omnia saecula", milhares de documentos valiosos, sem o que a História não teria sequência e ficaria sem pé nem cabeça. E no entanto, desafiando os incrédulos, os séculos e a corrosiva ação do tempo, lá está o Arquivo Público Nacional cumprindo seu dever, colecionando capítulos das epopéias, fazendo História. Seu funcionamento, hoje, é coisa digna de divulgação, e de acôrdo com o aperfeiçoamento hodierno, a dedicação e eficiência de seus funcionários merece não só encômios como também prêmios do govêrno. E' justamente pelo devotamento e compreensão do dr. Vilhena de Morais, historiador conhecido há mais de 12 anos seu diretor, que aquilo é hoje Arquivo Público Nacional. Ao contrário do poema de François Coppée, antigamente o Arquivo não era uma escola "risonha e franca". Era um prédio ruinoso, meio destelhado, de paredes úmidas e encardidas pelo tempo, destruindo livros e documentos preciosos. Era um simples amontoado de velharias. Sabia-se (por natural suposição) ,que havia ali muita coisa de valor. Mas onde a ordem, a classificação, a catalogação, a conservação? Os antigos diretores e funcionários lutavam com os imponderáveis da burocracia, com tôda espécie de falta de recursos, encontravam resistência hostil ou passiva, entregavam os pontos e o "Arquivo" continuava sem ser Arquivo. Foi então que surgiu na arena, defendendo a História como gladiador cristão, enfrentando os mouros, um novo diretor na pessoa do sr. Vilhena de Morais, mineiro ilustre da Campanha, como se diz. Êste, cansado de perder tempo tentando tapar as numerosas goteiras do prédio, um dia resolveu: ou oito ou oitenta. E lá se foi falar pessoalmente ao Presidente Getúlio Vargas. Seus argumentos, sua crônica e sua pintura da situação, foram tão fortes que quando êle saiu do Palácio, trazia carta branca para tudo. Daí para cá realizou sua obra e o Arquivo é atualmente o Arquivo Público Nacional que enche de ufania a nós brasileiros, que suscita elogios de sumidades estrangeiras em pesquisas históricas, enfim, que justifica seu batismo. O Arquivo Público Nacional dá tudo ao Brasil, exige o máximo de seus servidores em troca de muito pouco, ou nada. Mas isto é outra história. História para ser resolvida pelas autoridades competentes, e se houver boa vontade do Tribunal de Contas que sempre *guilhotina*, com a inclemência de Átila e a avareza de Harpagon, as verbas de instituições culturais, patrióticas e mais do que justas, como o Arquivo Público Nacional.

CURIOSIDADES DO A.P.N.

Cinquenta funcionários de várias categorias trabalham e zelam por mais de dois milhões de documentos valiosíssimos (com perdão para o superlativo, cabível no caso). O Arquivo Público Nacional foi fundado no dia 2 de Janeiro de 1838, sendo o Imperador D. Pedro II, regente do Império, Araújo Lima, e ministro do Império Bernardo Pereira Vasconcelos, os seus idealizadores. Primitivamente, existiu no local, onde hoje se ergue a Igreja de Nossa Senhora do Parto, esquina das ruas S. José e Rodrigo Silva, onde havia na época uma casa de recolhimento de mulheres infelizes; espécie de asilo fundado pelo então vice-rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, no ano de 1787, cujo pórtico ou frontispício talhado em pedra pelo célebre Mestre Valentim, se encontra agora guardado no Arquivo Público Nacional, conforme fotografia que publicamos na presente reportagem. Não obstante seu passado glorioso e os inestimáveis serviços prestados ao país, sòmente até hoje, dois presidentes da República visitaram suas instalações. Rodrigues Alves, em 1906; e o general Eurico Gaspar Dutra, em 1948. Mas inicialmente o Arquivo Público estêve funcionando, antes de ir para o Recolhimento do Parto, no Convento de S. Antônio. Até 1870 ficou no Recolhimento e em 1906 foi transferido para o atual edifício da Praça da República, onde existia anteriormente o Museu Real. Com receio de incêndios, os diretores passados, isto é, antecessores do professor Vilhena de Morais, não cuidaram de iluminação para o casarão. De modo que, até há alguns anos atrás ,não havia nem luz elétrica e os funcionários tinham mêdo da própria sombra entre pacotes e pacotes de documentos entregues às baratas e traças. Mal o sol retirava seus raios das janelas do velho solar, ninguém se movia, e, "pernas para que te quero"?

Foi preciso que o dr. Vilhena de Morais fizesse dezenas de reformas e adaptações indispensáveis. Graças a essas providências, temos, atualmente, de fato, um Arquivo Público Nacional. Começou quase que fazendo tudo de novo. A reportagem fêz várias experiências e pôde verificar seu perfeito funcionamento, sua louvável eficiência, sob todos os aspectos. Pedimos um documento da época de Cabral, de Camões, de Napoleão, de todos os reis de Portugal, dos primeiros dias do Brasil, e documentos bem cuidados, encadernados, restaurados, com aparência conveniente foram exibidos. Num espaço de tempo *record* os funcionários satisfazem aos inúmeros consulentes "escarafunchando" papeladas seculares. Tudo ali prima pela ordem, pela limpeza, pela eficiência e boa-vontade. O próprio diretor deixa seu gabinete de trabalho para atender os visitantes.

ESPIÕES PORTUGUÊSES DURANTE A REVOLUÇÃO FRANCESA

Além do interêsse dos estudantes, historiadores, escritores, pesquisadores, turistas e curiosos da nossa História, o Arquivo Público Nacional se vê sempre a braços com a vaidade humana, orgulho ou lá o que seja de presuntivos herdeiros ou descendentes de homens e famílias ilustres que para lá se encaminham à procura de atestados de suas remotas origens, para fins de ufania ou brilho social ou reivindicações junto ao Estado. Então os descendentes de heróis da guerra do Paraguai que solicitam pensões do govêrno são em número incalculável. Muitas e muitas vêzes o Arquivo tem evitado que a União seja vítima de logros, dolos, roubos e explorações. E em questões de terras e patrimônios da Fazenda Pública nem se fala. Se Vilhena de Morais quisesse contar as vêzes em que as buscas e consultas aos arquivos do A.P.N. têm defendido os interêsses da nação, diria coisas fabulosas. Foi precisamente por contar numa dura emergência com os esclarecimentos insofismáveis do Arquivo Público que o Presidente Vargas deu mão forte ao seu diretor para as reformas nêle introduzidas. O presidente Dutra passou um dia inteiro visitando-o, sendo, por isso, o segundo chefe de Estado a fazê-lo. A reportagem presenciou vários casos de pedidos de atestados de descendência importante. O diretor manda o funcionário buscar a respectiva ficha, logo em seguida o encarregado da seção competente sobe a uma estante, abre u'a mala de flandres ou alumínio *dedetizada*, e segundos depois está satisfeito o pedido. E' assim com tudo no A.P.N. No mundo da realidade histórica, o que se imaginar será encontrado e mostrado. O Arquivo já catalogou mais de dois milhões de documentos e forneceu mais de um milhão para exposições. Vimos relíquias maravilhosas, relatórios secretos de espiões portuguêses em Paris, dando ciência ao govêrno dos passos dos líderes da Grande Revolução Francesa, espiões solertes que seguiam os passos de Marat, Robespierre, Danton, que informavam das atividades subversivas de carbonários como Herbert, que davam conta do que faziam românticos revolucionários como Camille Desmoulins e o poeta André Chenier, enfim, tudo que acontecia em Paris, os agentes do "Inteligence Service" lusitano informavam seus superiores. Vimos também relatórios secretos sôbre Bonaparte, seus parentes e seguidores, sôbre as questões com a côrte de Filipell, cartas de D. Maria I, de D. João VI, bilhetes amorosos de Pedro I, incursões de Pedro II pelo mundo da ciência, trabalhos originais de José Bonifácio, Castro Alves, Casemiro de Abreu, Ruy Barbosa, milhares de coisas preciosas. Vimos o exemplar de um livro de Sêneca, datado de 1490, antes da descoberta da América. Vimos o primeiro projeto do nosso Código Comercial, que agora fará seu primeiro centenário, de autoria do Visconde de Cayru. Originais dos projetos das Constituições do Império e da República, juramentos e sa-

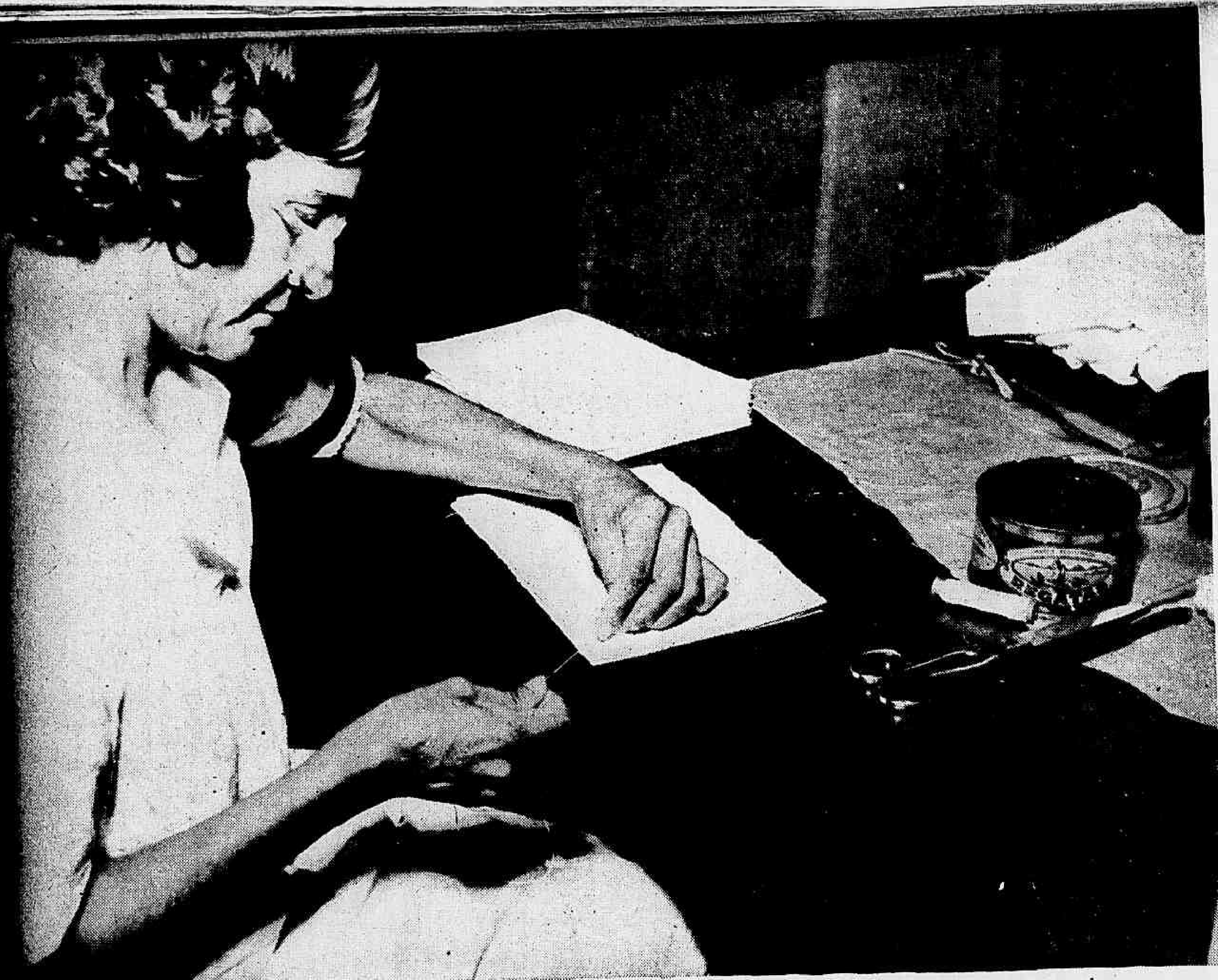


Munidos de grossas lentes, zelosas funcionárias decifram velhos alfarrábios centenários, encontrando muitas vêzes preciosas documentações que hão de ainda oferecer estudos de largo alcance aos interessados e vindouros. Em baixo, um dos modernos aparelhos empregados para fotografar papéis importantes: — «E' um Champollion mecânico», informa o sr. Figueira de Melo ao nosso repórter

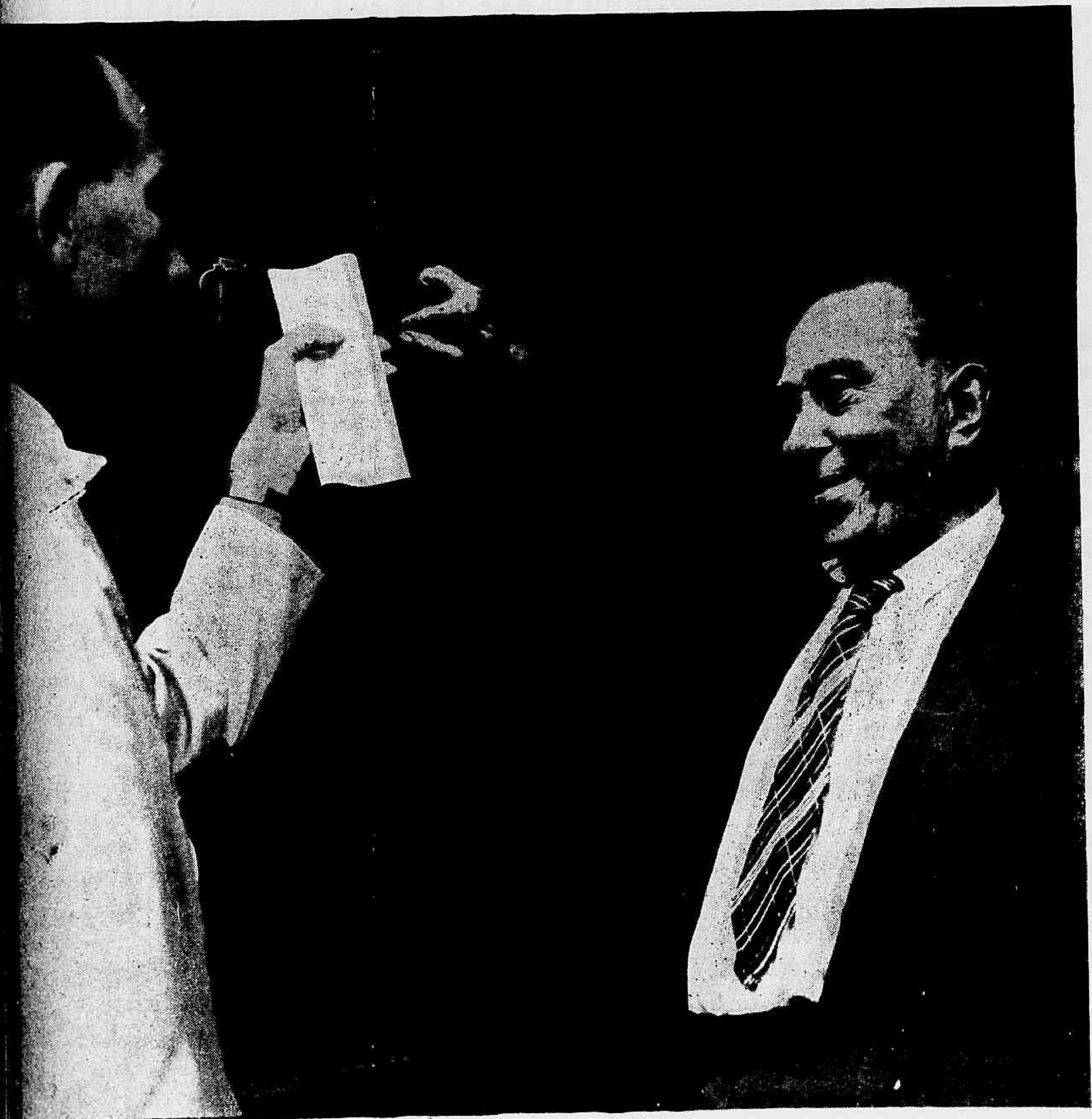


←

Malas e malas de flandres, dedetizadas, guardam documentos valiosos. Muita gente ignora quanta coisa importante ali está...



Esta dedicada funcionária recompõe pacientemente um documento de alto valor. Trabalho que requer muita disposição, êle encontra no pessoal do A.P.N., os serviçais mais apropriados e prestativos. Na gravura inferior, o porteiro Antonio Magalhães Bastos, que há meio século exerce essas funções no Arquivo Público Nacional, tendo conhecido os mais importantes cidadãos da República



gração dos imperadores, tratados assinados por Napoleão, entre Portugal e França, originais do Auto de Inauguração da Província do Amazonas, reservados do gabinete José Bonifácio, original da nossa bandeira, decretos nomeando D. Miguel para governar os reinos de Portugal e Algarves, cartas de Simon Bolivar, cartas de Bartolozzi na miséria pedindo uma pensão a D. João VI, cartas de Cabral, de Mem de Sá, Villegaignon; fora agora a seção de mapas, de cartas geográficas, de sesmarias, de documentos jurídicos, de litografias célebres, de medalhões comemorativos. Coerente com tudo isto, tendo um diretor historiador reputado, um bibliotecário versado em enciclopédias, como o sr. José Pires dos Santos, funcionários competentes e zelosos, o Arquivo possui ainda um porteiro que faz parte do seu patrimônio histórico. Trata-se do cidadão Antônio Magalhães Bastos, que já há 50 anos, há meio século, ali trabalha. Êle conhece de cor e salteado tôda a história e todos os recantos do A.P.N., veio da outra casa, entrou para o emprêgo pela mão de Bittencourt da Silva e conviveu com seis diretores. Há 50 anos esse *São Pedro do Arquivo Nacional* abre as portas da vetusta mansão para centenas de visitantes nacionais e estrangeiros.

Tendo boa memória e vivendo um pouco de suas recordações, lembra-se de várias passagens da nossa História, e disse ao repórter que viu de perto, em ocasiões diversas e em locais também diversos, quase todos os homens que governaram êste país. Confessa ser modesto funcionário, mas gostaria de ver o A.P.N. melhor assistido pelo Estado e reverenciado por todos os cidadãos. — "Aqui dentro é que se aprende a amar e a conhecer o Brasil" — sentenciou com as suas inabaláveis convicções de cumpridor de seus deveres.

Muito se poderá dizer ainda a respeito dessa veneranda instituição que é o Arquivo Público Nacional, cujos serviços são sobejamente conhecidos e exaltados. Todavia, pelo que vimos, a maior reivindicação do seu heróico e dedicado pessoal é a completa autonomia do A.P.N., é o respeito às suas verbas, pois, sem dinheiro nada se fará em favor do Brasil, e em suma a doação orçamentária de acôrdo com o seu papel na vida pública da nação. Parece incrível e talvez o leitor nem acredite que o Tribunal de Contas negou a verba de 70 mil cruzeiros, destinada a uma justa série de publicações culturais de iniciativa do A.P.N. Isso, efetivamente, aconteceu, mas Vilhena de Morais, seu diretor, é um homem que não cede a essas condenáveis incompreensões burocráticas, e, com seu prestígio pessoal, arranjou para suprir tal lacuna, as colunas do "Jornal do Comércio", onde publica diàriamente lições de História do Brasil. Mas o material é tão vasto que, se o décano da nossa imprensa, publicasse 200 capítulos por dia, levaria mais de dez anos para dar vasão aos preciosos documentários do nosso riquíssimo Arquivo Nacional. Resta, portanto, que o Tribunal de Contas dê não 70 mil, mas 7 milhões de cruzeiros como verba indispensável aos verdadeiros desígnios dessa obra. Além do problema da verba maior, o Arquivo Público Nacional merece, ao invés dos paliativos provisórios, a construção ou ampliação do edifício, tomando conta de todo o quarteirão. Só assim teríamos um prédio para a eternidade servindo de guarda a documentos que eternizam a nossa História.



LUZ QUE NÃO AMORTECE

— Oitenta cruzeiros pelo par... oitenta... oitenta e cinco... noventa...

NOVENTA...

O calôr abrasava. No aglomerado da sala, errava um vago cheiro de suor.

O leiloeiro, indiferente, com o rosto porejando, oferecia, agora, à cobiça dos arrematantes, o próximo objeto, uma Kodak.

O par de alianças estava sendo entregue ao seu novo dono.

Fôra absurda a idéia de vir presenciar o leilão de suas alianças. Não tinha certeza, aliás, se elas sairiam naquele dia, sabendo, apenas, que as reconheceria logo, caso as visse. Agora estava se sentindo mal, com violenta vontade de agarrar o individuo que as arrematara e esbofeteá-lo sem dó. Não tolerava sua cara ambiciosa, com o nariz em forma de gancho. Indiferente, gordo, suado. Pensava: pouco lhe interessava saber que atrás daqueles minusculos objétos estava a história de duas vidas humanas.

Foi chegando para perto. O homem examinava o lindo par com olhar admirativo. Eduardo sentiu que as recordações tumultuavam, rápidas. Naquele dia êle a ia colocando devagarinho no dedo de Helena e ficando comovido.

Por que demoraste assim?

Êle não podia dizer-lhe de sua desconfiança quase doentia. Nem de sua sensibilidade sem freios que o fazia extremamente ciumento. Não respondeu, mas a pressão de seus dedos aumentou. Agora Helena seria dele para sempre, sempre... Ela contemplava as duas alianças e gostava mais — falava, num sorriso — "desta aqui". Por que seria, ein? Ah! Como Helena sabia transformar as coisas simples em grandes alegrias. Não havia dúvidas, era mesmo "diferente". Dava encanto à vida, ás coisas naturais e pequenas.

E numa tarde chuvosa, caindo um aguaceiro forte e ininterrupto, êles se uniram. Depois... bem, para que recordar? não adiantava... agora estava naquela situação desesperadora.

Vendo aquéle individuo — bestial, êle pensava — segurando o que tantas lembranças lhe trazia ia quase perdendo a cabeça e...

— Mas são muito bonitas mesmo, não são?

— São sim, "seu" coisa, "seu"...

Uma grande confusão entremeiada de gritos e correrias. Eduardo quase estrangulou quem lhe havia feito a inocente pergunta. Aproveitando o aglomerado, conseguiu escapar, levando as alianças.

Três quarteirões depois parou mais tranquilo e contemplou, embevecido, os dois aneis queridos. Eram mesmo dele. Lá estavam os nomes; na menor, Eduardo; na outra, Helena. Colocou esta no dedo e foi andando.

Depois de percorrer várias ruas, sem destino, resolveu voltar à casa. Helena, como sempre, trabalhava.

— Adivinha a suprêsa...

— Surprêsa?!

— Adivinha, sua bôba... vamos vêr...

— Com êste calôr, não estou muito boa p'ra adivinhar não...

— Olha!

— O' Eduardo, que alegria, meu bem! Tu mereces até um beijo... um, não; um punhado... será que ainda te recordas daquele dia? Tu estavas um bocado comovido... E eu, ein? que bôba que eu era... acreditava em tudo, tudo...

— Uai ! e não acreditas mais não?

— Só em ti, Eduardo. O resto... procuro compreender, só isto. Bem, hoje é um dia de muita alegria p'ra nós. Vou ver até se consigo dar um jeitinho com o fornecedor e melhorar o jantar. Que diabo! nós estamos ruins de vida mas êste "presente" merece uma comemoração, não merece? Ah! e agora estou me lembrando, onde foi que arranjaste o dinheiro?

— Tu sabes... a gente faz fôrça... e afinal sempre aparece um verdadeiro amigo...

— Qual Eduardo! Tu não sabes mentir não... Mas também nem quero saber de nada. O que importa é que nossas alianças estão aqui e nós vamos fazer de conta que tudo vai bem... estás ainda no emprêgo... ganhas bem... não é melhor assim, querido? Afinal a felicidade é um constante fazer de contas, não é mesmo?

— Sei lá, Helena. Eu hoje estou muito ruim p'ra pensar. Burro, burrinho mesmo...

E Helena falou muito tempo ainda, com aquêle jeito que sòmente ela sabia ter. Sua voz era tranquila e serena como tôdas as coisas naturais e puras: um marulhar de águas, um brilho de estrêlas. Eduardo ouvia confiante e quase esperançoso. Seu coração palpitava como nos primeiros tempos e o fato mesquinho do leilão ficou perdido dentro das palavras de sua amiga. Quando elas silenciaram, porém, a preocupação voltou, forte e dominadora.

E foi sofrendo.

Uma noite, foram ao cinema. Quando terminou a sessão, Eduardo olhou para o lado esquerdo. Sentado perto dele, com os cotovelos a se tocarem, estava o individuo que temia.

Seu vizinho parecia não ter notado sua presença. Com uma pressa súbita, puchou Helena pelo braço e saiu rápido.

O outro, que tinha percebido tudo sem êle ver, seguiu-o até sua casa. Anotou o endereço e comunicou à Polícia.

Eduardo ficou aborrecido e pensativo com o encontro. O mêdo e os remorsos voltaram. Seria melhor que êle pedisse desculpas ao estranho e acertasse o caso. Mas e o dinheiro? Sim, porque sem as alianças êle não ficará mais. E'; era melhor deixar como estava, para ver como é que ficava.

Procurou, de novo, esquecer o incidente.

Três dias depois, recebeu uma notificação da Polícia, pedindo o seu

(Cont. na pág. 46)

CONTO DE EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE ★ ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA

A ARMA do CIDADÃO



O voto é a arma do cidadão, mas há muito candidato que, ao se falar em **arma**, pensa logo em usá-la na sua própria defesa.



Há o que escolhe o candidato porque êle **deve ganhar,** como se estivesse escolhendo cavalo no hipódromo.

Outros imaginam uma loteria entre eleitores, como se cédula eleitoral fôsse lista de bicho. . .



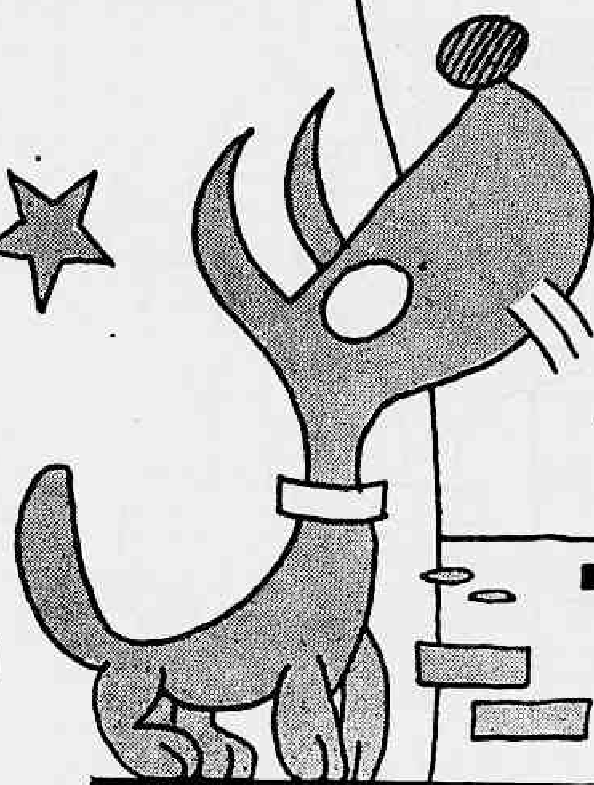
Quer um carro? VOTE EM FULANO

QUER UMA CASA? VOTE EM SICRANO

Confie seu voto, cidadão, àquele a quem você confiaria sem receio a carteira!. . .







Não vá atrás de promessas mirabolantes, mesmo porque, na outra esquina, se oferece sempre **mais**. . .

Vote naquele que lhe pareça capaz de cumprir **tudo do pouco** que lhe promete!





COPAS MODERNAS

A PESAR do inverno, os tecidos usados na confecção de chapéus variam, não sendo usado apenas o veludo. Estes modelos são dos mais variados feitios e fazendas. Em cima, modêlo em cetim, tipo turbante, enfeitado com pena, chapéu em fêltro, com grande aba redonda. Em baixo, pequeno chpéu em organdi quadriculado. Um nó da mesma fazenda constitui o único adôrno. Chapéu estilo jóquei; copa em veludo e a aba e o nó em cetim listrado.



DONA NEBLINA

FOI por uma destas noites de Municipal. Fazia frio e chovia um chovisco miudinho e irritante. Naquele ônibus que parecia uma crônica mundana, semeado de grandes nomes e florido de "modelos", distraia os olhos nos cartazes sorridentes dos dentifrícios. Esgotada essa literatura ilustrada, reparei que ia ao meu lado exatamente aquêle "belo tipo, faceiro", do célebre poema da viação urbana... Estava tôda borrifada do chovisco, como se saisse de sob um pulverizador perfumado... Era linda, tinha os olhos verdes e estava ali no ônibus — tudo pelo preço irrisório de dois cruzeiros... Linda e elegante — refleti. Elegante, principalmente, no seu casaco caríssimo, de pele de arminho e que nos levava a pensar num amor imortal, o amor que lhe dedica o homem que terá pago aquêle casaco. Dai a pouco, talvez sentindo mais a umidade do ar, ela levantou a gola do casaco. Mas, não sei se reparando na minha curiosidade — a curiosidade era geral, pois todos sabem o que acontece num ônibus tarde da noite, quando entra uma mulher loura e sòzinha — não sei se reparando nisso, minutos depois ela tornava a descer a gola, embora o frio continuasse arranhando, ronronando como um gato de mau-humor... E, como dai a pouco ela tornasse a erguer a golinha, para, outra vez, instantes após, voltar a descê-la, o caso me preocupou. Lembrei-me, então, de ter visto antes aquêle casaco... Onde? Ah! foi em uma página do "Vogue"... Já vira, sim, aquêle casaco sensacional, todo em arminho, como os mantos reais, feito expressamente para um rei — rei da banha, do feijão prêto, do queijo de Minas — para um rei pagá-lo... Lembrei-me até de que a legenda, explicando a ilustração, tratava mesmo daquela gola... Dizia: "Êste modêlo de X, para ser usado com a gola sempre descida, etc. ...". Ai está porque aquela criatura de olhos verdes, que chamaremos Dona Neblina, tanto para lembrá-la na paisagem daquela noite, como porque a neblina é a poesia da chuva — a poesia que ela era naquele ônibus prosaico — ai está porque ela preferia sentir frio, aquêle friozinho cortante como giletes, preferia apanhar uma laringite, uma pneumonia, preferia tudo — a quebrar a linha do seu casaco, a infringir um mandamento do seu figurino, a ser infiel ao "Vogue"... — *LYSE*.





2



1

VESTIDOS PLISSADOS

NO momento, a grande moda consiste nos vestidos e saias plissadas. De Paris nos vêm novas sugestões para a aplicação de plissés. Elegantíssimo traje de noite em lamé. Corpo sem mangas com decote bem baixo e saia inteiramente plissada. Vestido para tarde em tafetá. O corpo é todo plissado e uma tira também plissada desce até à saia. Encantador modêlo em sêda com "pois". A saia é justa com um pano enviezado formando babados, com a ponta plissada. O mesmo plissé aparece nas mangas, com cavas bem amplas. Desenho de um modêlo em crepe negro, com o corpo inteiramente plissado.







ESPORTES DE INVERNO



AQUI estão algumas sugestões práticas, em trajes esportivos de inverno, para serem usadas durante o "week-end" e as férias de julho. Tôdas as peças são confeccionadas em lã ou em fazendas pesadas. Calças compridas de casemira e casaco sôlto, em flanela listrada. Saia godê em fustão e blusa de mangas compridas, em sêda negra. Blusão de duas côres em tricô, adornado com franjas, próprio para ser usada com saias ou calças. Saia de csemira e casaco de camurça e calças 3/4 em casemira e casaco cintado de gabardine. Blusa em veludo negro e calças de casemira com a bôca justa.









BLUSAS PARA "TAILLEURS"

OS "tailleurs" de inverno exigem uma coleção de blusas para acompanhá-los. Um costume, por mais simples que seja, usado com uma blusa fina, ganha outra vida. O tecido usado é geralmente a organza, mas também o tafetá é empregado. Em cima: Barbara Britton, da Columbia, exibe uma blusa em organza, modêlo de grande simplicidade, enfeitado com renda em volta do pescoço e de mangas compridas. Cetim estampado é o tecido desta blusa de mangas japonêsas, com gola subida e um grande laço. Em baixo: Encantador modêlo, trabalhado em rendas e pregas, enfeitado com botões de madrepérola. Blusa de corte simples, em tafetá encrespado, enfeitada com gola branca e uma rosa.







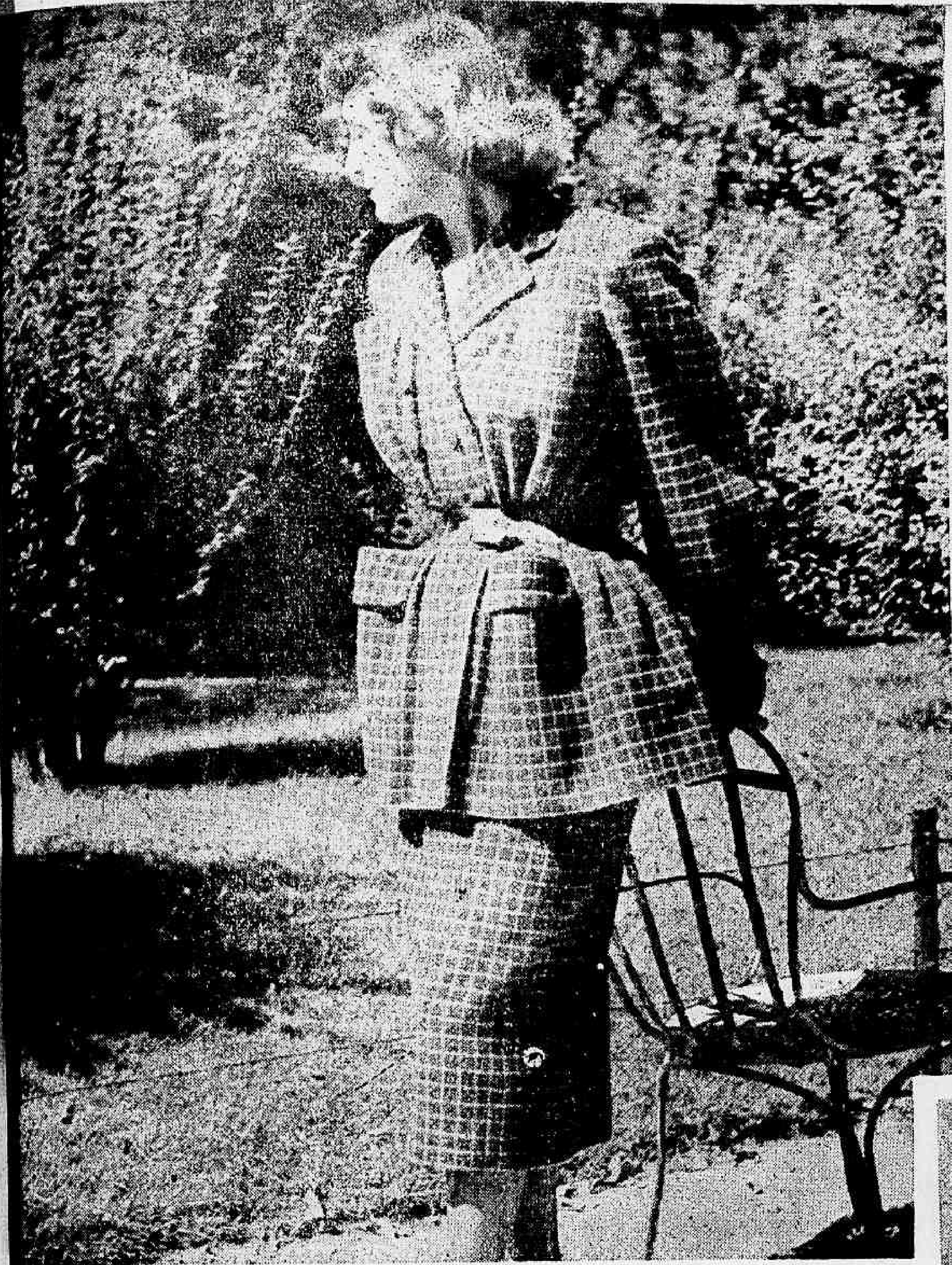


NOVOS CHAPÉUS

ÊSTES elegantes modelos são próprios para ocasiões de cerimônia, para serem usados com grandes toilettes. Apesar da grande elegância com que se apresentam, as copas são de formato simples. Modêlo com aba larga, inteiramente confeccionado em plumas brancas. A aba inclina-se um pouco para a esquerda. Copa enterrada, com pequena aba e véu de tule. Do alto da copa sái um grande penacho de plumas. Três elegantes "aigrettes" com disposição assimétrica, constituem o "chic" dêste modêlo. Encantadora copa de feltro, bordada com fio de ouro, pedras e pérolas. Amplo véu caindo até ao pescoço.









PARA A MANHÃ

COMO acontece com todos os trajes, os costumes também são usados pela manhã, são, porém, mais simples que os usados nas outras horas do dia. Geralmente, predomina o modêlo clássico de linhas sóbrias. Em cima: Êste é um modêlo mais esporte, com casaco bem amplo usado com cinto e mangas franzidas. Conjunto em lã quadriculada com gola esporte e grandes botões de duas côres. Em baixo: Em casemira listrada, casaco com cinto sòmente na parte de trás e gola em bico, deixando aparecer uma parte postiça, onde são colocados os botões. Modêlo simples em lã clara, casaco bem comprido com bolsos embutidos e saia justa com costura na frente.





PENTEADOS MODERNOS



AQUI apresentamos para você cinco modernos e elegantes penteados. Em cima Barbara Hale da R.K.O. exibe um penteado bastante «sofisticado», próprio para a noite. Em baixo dois novos penteados ainda apresentados por Barbara Hale, ambos com os cabelos presos em tranças no alto da cabeça. Finalmente, Pamela Britton da M.G.M. e Elaine Riley, da R.K.O. com dois outros penteados simples porém bastante sugestivos.





WEEK-END

DELICIOSAS DE MARMELOS

1 k de massa de marmelos, 750 gramas de açúcar, 1/2 copo de água, cascas raladas de limão e um pouco de canela. Descascam-se os marmelos, fervem-se com um pouco de água e passam-se por uma peneira. Fervem-se 500 gr de açúcar com a água até obter-se uma calda grossa; junta-se a massa de marmelos, o resto do açúcar, a canela e a casca de limão. Põe-se esta massa numa tábua polvilhada com açúcar, estende-se na grossura de 1 cm, corta-se com forminhas e leva-se ao forno morno para secar.

PÃO PARA SANDUICHES

1/2 k de farinha, 1 tablete de fermento (ou 20 gr de fermento), 1 colher de açúcar, 1 de manteiga, 1 colher de chá de sal, 1 ôvo, e 1/2 xícara de leite. Dissolva o fermento no leite morno, junte o açucar e um pouco de farinha para formar uma pasta mole. Deixe crescer o dôbro, incorpore o resto dos ingredientes, sove bem, enrole como um pão comprido, deite num tabuleiro untado, deixe crescer 1 ou 2 horas e leve a assar no forno. Parta em fatias e prepare os sanduiches. Também pode fazer de véspera, torrar as fatias e deitar o recheio por cima.

BUTTER TOFFY

2 xícaras razas de açúcar mascavo, 2 colheres de melado, 2 de vinagre fino, 2 de água, 1 pitada de sal, 1 colher cheia de manteiga. Misture tudo e leve a ferver até o ponto de bala. Junte 1 colher de café de essência de baunilha e despeje num tabuleiro pequeno. Deixe esfriar e, com uma faca, corte em pequenos quadrados.

SORVETE DE CAFÉ

Bata 4 gemas e junte, aos poucos, 1 litro de leite a ferver. Deite numa frigideira 600 gr de açúcar e leve ao fogo, sempre mexendo, até o açúcar ficar côr de castanha. Regue com 3 xícaras de água quente e 3 xícaras de café forte. Mexa bem, junte as gemas com o leite e deixe esfriar.

VERDE ESPINAFRE

Lave 1 punhado de espinafres, escorra, soque, deite num pano e esprema bem. Tome o suco obtido e leve ao fogo até a parte colorante coagular (como espuma). Derrame numa penenra fina e recolha depressa a parte verde que ficar em cima. Serve para colorir sopas e molhos.

COMPOTA DE MAÇÃ

Descasque 6 maçãs, corte em 4, retire os centros e deite em água fria com caldo de limão. Leve ao fogo 4 xícaras de açúcar com 2 de água.

Quando ferver deite dentro as maçãs e assim que amolecerem retire-as com a escumadeira, tome o ponto na calda que desejar e despeje sôbre as maçãs.

BÔLO DE PÃO E QUEIJO

Pão amanhecido, queijo, manteiga, caldo de carne, 4 ovos, 2 xícaras de leite, um pouco de sal. Em um prato que possa ir ao forno arrumam-se fatias de pão amanhecido, nas quais se passou manteiga. Sôbre esta camada de fatias de pão deita-se queijo ralado, sôbre o queijo outra camada de fatias de pão. Molha-se tudo então com 2 xícaras de caldo. Quando o pão estiver bem embebido, cobre-se o mesmo com uma mistura de quatro ovos batidos e 2 xícaras de leite. Pulveriza-se tudo com bastante queijo e leva-se ao forno para corar.

QUADRADINHOS DE SEMOLINA

200 gr de semolina, 1 litro de leite, 2 ovos, sal, noz-moscada, manteiga e queijo ralado. Despeja-se a semolina em leite fervendo. Deixa-se cozinhar durante 10 minutos, juntando-se a noz-moscada. Retira-se a caçarola do fogo, juntando-se os ovos batidos. Despeja-se a massa sôbre uma pedra-mármore. Depois de fria, cortam-se quadradinhos que se colocam em uma assadeira untada com manteiga. Cobre-se cada quadradinho com um pedacinho de manteiga e pulveriza-se com queijo ralado. Leva-se a assadeira ao forno quente para corar os quadradinhos.



NA COZINHA

CROQUETES DE AVEIA

200 gr de aveia, 120 gr de pão ralado, 1 ou 2 colheres de farinha, 2 ovos, 1 cebola, 1/2 litro de água, cebolinha, salsa e gordura. Cozinha-se a aveia na água e põe-se de lado para esfriar. Em seguida, misturam-se-lhe a farinha, cheiro verde picado, o pão ralado, os ovos batidos e a cebola picada. Formam-se com esta massa croquetes que se passam em ôvo batido, e farinha de rôsca e que se frigem em gordura quente. Servem-se com salada.

BANANINHAS DE ARROZ

300 gr de arroz, litro e meio de leite e sal. Leva-se tudo ao fogo e cozinha-se até formar um mingau grosso. Quando esta massa estiver fria, formam-se as bananinhas que se passam em ôvo batido e que se frigem em gordura quente. Pulveriza-se com açúcar e canela.

MACARRÃO COM RIGOTA

250 gr de macarrão, 1/2 ou 1 xícara de rigota. 1 xícara de nata, açúcar, 1 a 2 colheres de manteiga. Bate-se muito bem a manteiga, que se mistura em seguida com a nata, a rigota e o açúcar. Junta-se esta massa ao macarrão cozido, arrumam-se em um prato levando-se tudo ao forno por alguns instantes.

PANQUECAS RECHEIADAS

100 gr de manteiga, 50 gr de açúcar, 2 gemas, 100 gr de semolina, 1 pitada de sal, casca ralada de 1 limão. Frigem-se panquecas comuns. Misturam-se, batem-se muito bem os ingredientes acima, enchendo-se as panquecas, que se colocam em uma assadeira untada com manteiga e que se cobrem com um pouco de leite temperado com açúcar e baunilha. Leva-se a assadeira ao forno.

OVOS RÚSSIA

Colocam-se ovos pochés, depois de frios, sôbre salada russa (salada de legumes, alcaparras e pepinos em conserva). Rega-se tudo com môlho maionese, que pode ser espalhado ou esguichado com um saquinho, formando-se neste último caso, desenhos. Por fim guarnece-se o prato com salsa picada e tiras bem finas de presunto.

BARQUETES DE PATÉ DE FOIE-GRAS

Misture 250 gr de farinha com 1 ôvo, 1 colher de banha, 1/2 colher de chá de sal, e vá juntando manteiga até formar uma massa branda. Forre com forminhas ovais acaneladas, untadas de manteiga, e reserve. Misture 1 colher de farinha, 1/2 de manteiga, 2 ovos, 2 xícaras de leite e 1 de caldo; bata com o batedor, junte 3 colheres de cenouras em quadradinhos de 1/2 cm e fritas na manteiga. Leve ao fogo até ficar como um creme, sem deixar desmanchar as cenouras. Com êste creme encha as forminhas, polvilhe com queijo e leve a assar no forno. Retire das fôrmas com cuidado, deite em cima ao longo do centro 1 tira de paté de foie-gras, em todo o comprimento da barquete, com 2 cm de largura. Deite no saco de ornamentação um pouco de manteiga batida simples ou gôtas de limão, e com ela deite um cordão canelado de cada lado do paté.

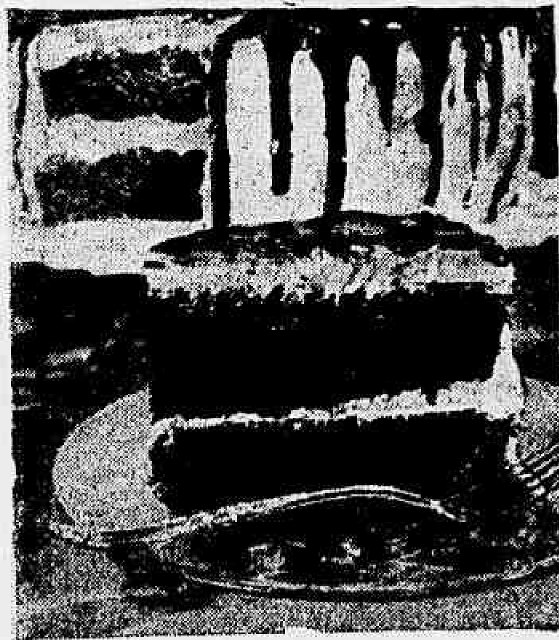


MÔLHO TÁRTARO

E' uma variante do molho de maionese. Desmanche 2 gemas cruas com 2 cozidas, 1 pitada de sal, outra de mostarda e gôtas de vinagre. Bata fortemente, deitando azeite às gôtas no princípio, deixando depois cair a fio. Junte um pouco de vinagre de vez em quando até 1 1/2 colheres de sopa. O azeite pode ir até 1/2 litro, conforme a quantidade que desejar. Não há necessidade de ficar muito consistente. Termine com 1 ou 2 colheres de água quente. Junte as claras cozidas picadinhas, assim como 2 cornichons (pepinos em conserva), 1 colher de chá de salsa batidinha e um pouco de alcaparras e deite nas molheiras.

CROSTA COM BANANAS

Massa para crostas: Tome 1 xícara de água morna, 450 gr de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, 2 colheres de açúcar e 1 colherzinha de sal. Misture tudo numa vasilha, amasse e quando a massa se destacar da vasilha deite numa mesa polvilhada de farinha de trigo. Depois de estendida, distribua por ela 150 gr de manteiga e 150 de banha. Polvilhe com farinha, feche a massa e dobre em quatro partes.



Abra novamente, não muito fina e corte em duas grandes rodelas. Unte um tabuleiro com manteiga e coloque dentro uma das rodelas e deite no centro bananas ou maçãs cortadas em rodelas finas e passadas em açúcar. Pode também rechear, se preferir, com qualquer doce de fruta ou marmeladas desmanchadas com vinho e açúcar. Cubra o recheio com a outra rodela, colocando as beiradas com clara de ôvo, decore com os retalhos da massa e doure. Leve a assar no forno, e logo que retirar polvilhe com açúcar.

A BELEZA DOS OLHOS



INDISCUTÌVELMENTE a beleza dos olhos constituem um dos pontos essenciais para que você apresente sempre uma fisionomia viva e alegre. Alguns pequenos cuidados farão com que você também possua olhos expressivos e joviais, as pestanas, os cílios, as pálpebras e as pestanas devem merecer tôda a sua atenção para que sua beleza não fique prejudicada por uma fisionomia cansada e inexpressiva. Nestas fotos vemos a encantadora Janis Carter da R.K.O. mostrando como você deve proceder.



A SAÚDE DO BEBÊ

CORIZA E CATARRO DAS VIAS RESPIRATÓRIAS

DR. SABOIA RIBEIRO

Os resfriados infantis, não obstante suas repercussões sôbre o estado geral, atestado principalmente na perda do apetite, palidez, atraso do desenvolvimento, (humor) alterado da criança, tristonha ou cheia de rabujice, são em geral levados sòmente à conta das simples mudanças de tempo, sem maiores cuidados pelos responsáveis por ela.

Antes de mais nada cumpre admitir sempre o perigo da difteria em crianças portadoras de resfriados constantes, e não sòmente nas que trazem amigdalas hipertrofiadas, sujeitas a surtos periodicos frequentes e mesmo naqueles ue apenas apresentam um corrimento nasal com secreção serosanguinolenta ou sanguino-purulenta.

A suspeita de *sifiles congenita* a seu turno, não deve ser desprezada quando, nos primeiros meses, a criancinha é portadora de obstrução nasal, com abundante secreção purulenta, ou sanguino-purulenta, com acumulo de secreção na borda das narinas, que se mostram infiltrados e com pequenos sulcos (ragadas), e até ulceradas.

No lactente, excluida a sifilis e a difteria, em faces do coriza, resta uma afecção muito frequente nela benigna muitas vêzes, porém duradoura às vêzes e de grandes repercussões sôbre o estado geral. São os *sinofaringites*, umas vêzes surgindo como manifestações de veios leves, noutros com sintomas mais intensas. Quer umas quer outras dificultam à criança a sucção do seio, impedindo a respiração nasal, sempre necessária durante a sucção. O processo de desenvolve para o fundo das fossas nasais posteriores, e os gânglios relacionados com a região, costumam reagir, tomando parte nessa reação, inclusive, os da nuca, de modo que a palpação desta revela o entumescimento dos gânglios. Com a repetição de surtos surge a inflamação crônica dêstes, dispondo-se aí em rosário, e duros, mais ou menos volumesos.

A região dos fossos nasais posteriores é bastante rica em gânglios, a começar pelos que se desenvolve em plena parede posterior de foringe (*gânglios de Gillette*); nalguns casos podem dar lugar ou *abscesso retro-faringeo*, de modo que, inspeccionada a faringe, nota-se a sua parede posterior sensivelmente abaulada. Acima dos 2 anos costumam atrofiar-se os gânglios de Gillette, de maneira que também o obcesso retrofaringeo se torna, em conseguência, bem mais raro.

Na criança mais desenvolvida os resfriados sugerem os processos infecciosos das amigdalas e das ademoides. De fato, é justamente do 2.º ano em diante que semelhantes órgãos se desenvolvem e se tornam séde dos processos infecciosos sendo essa idade, portanto, a idade das amigdalas e das vegetações adenoides doentes.

As crianças portadoras da hipertrofia das amigdalas, e vegetações adenoides, tornam-se facilmente reconheciveis, já pelo exame objetivo da cavidade oral, como ainda (e isto ao alcance até de leigos) pela própria fisionomia da criança. Esta se denuncia, logo, pelo nariz estreito, boca sempre entre-aberta alongamento e estreitamento da metade inferior da face (que parece ainda mais longa, devido à boca entre-aberta). Não é raridade, ao mesmo tempo, a surdez, devido às relações de comunicação e visinhança do ouvido com a cavidade bucal e de faringe, onde se desenvolvem aquêles órgãos doentes.

Fazendo-se a palpação com o indicador, introduzido pela boca, as adenoides são facilmente alcançadas, sentidas como uma massa mole à altura das fossas nasais posteriores.

Ai se instala, por vêzes, uma inflamação, crônica com curtos periodicos agudos. E' a *angina vetronal*, acompanhando-se de febre umas vêzes continua e duração de semanas, outros de tipo interminente ou remitente.

A ocorrência dêsses estados na criança sugere uma investigação que deve ser feita em multiplos sentidos.

Primeiro há ver se, no ambiente da família, não existem pessoas portadoras de catorro que pelo contagio estão permanentemente entretendo o estado de injecção periodica da criança.

Segundo se a criança não é, ela mesma, portadora de uma predisposição, especial, às infecções dessa natureza e localisação, o que é confirmado, por exemplo, quando seu estado nutritivo se ressente de uma iunidade baixa, ou quando uma diatese, como a *Diatese Exsudativa*, torna-a particularmente sujeita às afecções catarrais.

A observação mostra que, criada debaixo de proteção contra o contagio das afecções catarrais, e possuindo uma boa nutrição alicerçada num regimen alimentar vigoroso e bem orientada, a criança escapa de maneira brilhante ao estado crônico das afecções catarrais das vias aereas altas, e processos inficciosos constantes das amigdalas e ademoides.

Instalados já êstes, porém, sòmente um tratamento mais radical, da competência do especialista, poderá deter, de vez, a repetição das crises, consistindo na extirpação das massas carnosas infectadas, o recurso de escolha para a cura.

Deve-se ainda acrescentar que, infelizmente, as mais das vêzes, as coisas chegou a êsse ponto devido a uma contemporização grande diante dos primeiros surtos, onde a vacinação aerogena exerce uma ação notável sôbre os focos, inpedindo muitas vêzes a marcha para a cronicidade com tôdas suas conseguências.

O Jôgo
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantís exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientìficamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"
R. Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

MÚSICA

FIRKUSNY, STERN, MARIAN ANDERSON E JASHA HORENSTEIN

ROBERTO LYRA FILHO

A temporada musical de 1950 está se revelando uma das mais ricas dos últimos tempos. Já assinalamos, em crônicas anteriores, a presença, entre nós, de alguns dos principais valores artísticos internacionais, trazidos, pela A.B.C., pela O.S.B., pela O.S.R.J. e diversas outras coleções de iniciais que identificam as emprêsas em atividade.

Mais cinco nomes podem ser acrescentados à lista, todos entrando, cada um com sua percentagem de talento, na constelação que se exibe, atualmente, no Teatro Municipal.

Rudolf Firkusny, um pianista que já nos visitou em outras ocasiões, é uma das figuras consagradas que tivemos oportunidade de ouvir mais uma vez. Se, no primeiro concêrto, êle pouco fêz no sentido de honrar a sua fama, mostrando-se nervoso, inquieto e apressado, ao exibir-se novamente mostrou que tinha recuperado a boa forma, impressionando favoràvelmente. As afinidades mais poderosas de seu temperamento são com as obras de um lirismo discreto, se bem que ataque com tôda propriedade as vigorosas e sugestivas páginas modernas. O ponto mais alto de Firkusny permanece, entretanto, a pureza dos clássicos, sempre muito nítidos e precisos, na sua execução, ou a emoção envolvente das páginas menos veementes dos românticos. Define-se, assim, a sensibilidade do artista tcheco, cuja "rentrée" foi acolhida com simpatia pelo público.

Já Isaac Stern revela um caráter diferente. Técnica perfeita, indicando um perfeito domínio do violino, que é seu instrumento, êle se deixa levar, às vêzes, pelo desejo de agradar, procurando o brilho fácil do estilo "a la zingara" o que lhe quebra a linha harmoniosa do estilo. Essas quedas do nível mais elevado em que êle sabe e pode situar a sua arte foram, entretanto, compensadas pela demonstração de que o bom-gôsto vigilante não autoriza a persistência nesses recursos menos recomendáveis de procurar popularidade. Assim, se o concêrto de Wieniawski, veículo adequado para as exibições do virtuosismo arrebatado, nos mostrou um Stern demasiadamente preocupado com qualidades superficiais, as Danças de Bartok, ou do Romeu e Julieta de Prokofieff (estas em extra), bem como o Encantamento de Camargo Guarnieri desfizeram as restrições e atestaram a presença de uma fina sensibilidade.

Voltou, também, êste ano, ao Rio, a cantora Marian Anderson. Atravessando, agora, uma maturidade atestada pela segurança na utilização de uma técnica impecável, ela foi responsável, em seus recitais, pela criação de sucessivos momentos de beleza. Voz extensa de contralto que toca os limites do soprano, nos agudos, e atinge graves de uma rica sonoridade, Marian Anderson se recomenda à admiração dos apreciadores dêsse gênero difícil e trabalhoso, que é a música de câmera, pela propriedade de estilo com que domina um repertório variado e seleto. O clássico, o romântico, o lied alemão ou a canção brasileira, o sabor espanhol da Andaluzia, de Granados, ou o clima de sugestão poética de um Debussy — qualquer matiz especial é captado e transmitido num esfôrço de arte, compreensão e cultura.

Os recitais de Marian Anderson não serão esquecidos, pois representaram alguns dos melhores instantes desta temporada, já tão movimentada.

A Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro trouxe-nos, novamente, Jasha Horenstein, cujo temperamento vibrante e arrebatado nos ofereceu interpretações brilhantes, se bem que nem sempre de um perfeito equilíbrio. A qualidade dos metais, da O.S.R.J., superior à das cordas, ainda foi mais acentuada pelo entusiasmo de Horenstein e o resultado foi, na 5ª Sinfonia de Beethoven, por exemplo, uma impressão de gritaria estridente quando se deveria sentir eloquência majestosa.

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67
Telefone 4-1569



não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Os gatos da Academia

(Cont. da pág. 28)

DEPOIMENTOS

Depois de nos despedirmos da distinta senhora, fomos abordados por dois soldados da policia militar, que montam guarda, à noite, no Tribunal de Recursos, próximo à Academia. Curiosos e depois cientificados de que éramos da imprensa assim se expressaram:

— Olhe, "seu" moço, todo mundo fala que essa mulherzinha é louquinha... por gato. Imagine o senhor que uma noite dessas chovia de fazer mêdo. Era mais de meia-noite. ·Eu e meu colega estávamos no nosso pôsto. Não havia viva alma na rua. Daí há pouco veio vindo um vulto embuçado numa capa. Veio vindo... veio vindo... Vinha do meu lado, isto é, do lado da Avenida Rio Branco — disse um. Fiz sinal para meu companheiro. Êle respondeu... Examinei o fuzil... Botei a bala na agulha... O vulto veio vindo... veio vindo.. em nossa direção O senhor sabe, a gente precisa ter precaução E' justamente nas noites chuvosas que os malfeitores aparecem... Já estávamos receiosos... O meu colega achou prudente perguntar: — "Quem vem lá?" — Que alívio! Era a mulherzinha que dá comida aos gatos. Apesar de todo temporal ela veio do Engenho Novo ver uns gatinhos recém-nascidos que estavam na chuva.

A êsse tempo outras pessoas da redondeza nos relataram outros fatos que bem atestam o desmedido zêlo com que são tratados os gatos da Academia Brasileira de Letras — vulgarmente chamados "os gatos acadêmicos".

LUZ QUE NÃO AMORTECE

(Cont. da pág. 33)

comparecimento a um de seus distritos. O arrematante lá se encontrava com suas feições quase repulsivas. Um olhar enviesado que parecia não se fixar em parte nenhuma. A "conversa" começou:

— Chamei o senhor aqui para esclarecer o caso das alianças. O valôr delas é pequeno, mas êste senhor faz questão de recuperá-las.

— E se eu quizesse pagá-las?

— Já lhe tinha consultado sôbre esta hipótese. Êle não concorda.

— Está bem... não posso compreender como pode haver gente tão perversa e mesquinha no mundo...

O homem apenas olhava o chão e não dizia nada, mas o delegado retrucou, enérgico:

— Eu não admito que o senhor venha me desacatar aqui dentro. Tenha mais respeito! Eu já tenho sido muito benigno com o senhor, em atenção aos seus bons antecedentes. Mas se continuar assim, sou obrigado a tomar medidas mais enérgicas.

— Está bem, doutor. Eu só falei que êste homem é...

— Chega! As alianças são dele, e por isso êle tem o direito de fazer o que quizer. O senhor pode entregá-las, imediatamente!

Eduardo, sem palavras, entregou-as. Com um rápido olhar, lançado a medo, o individuo pôde observar todo o ódio que ia na alma dequele.

Idéias estranhas começaram a tomar conta de seu espirito. Êle precisava vingar-se do desgraçado. Tipos iguais àquele não deviam existir. Velhos maniacos que não têm onde pôr o dinheiro e ficam inventando bobagens para encher suas vidas vazias. Êle não tivera a coragem de dizer que era "colecionador" de alianças? Tinha que dar ao menos uma surra naquele feixe de rugas. Covardia? Covardia nada. Êle também não o atingira no fundo do coração? Se era mais fraco, não tinha nada com isso. Então que não insultasse os outros com suas atitudes ridiculas.

Cada dia que passava as idéias o atormentavam mais. A surra inicial que imaginara foi aumentando e progredindo, até transformar-se num assassinato frio e perverso.

Naquela noite, êle disse a Helena que voltaria mais tarde. Já havia localizado a residência e o quarto de seu inimigo. Quando o movimento ia diminuindo nas ruas, Eduardo começou a rondar a casa. O lugar escuro e não policiado e a noite custava a adiantar-se.

Com habilidade de que nunca se julgara capaz, conseguiu penetrar na habitação, usando um par de "tênis" que comprara para êsse fim. A porta do quarto estava fechada, mas o trinco cedeu: não fôra trancada à chave. Seu coração disparou, sentindo que ia realizar sua absorvente vingança. Dentro de poucos minutos, aquêle indecente não existiria mais — pensava. Não furtaria mais alianças. Não faria, à maneira de corvos, compras a individuos que estavam morrendo financeiramente. Com essas idéias ganhou coragem e seu cuidado redobrou. Tacteava no quarto escuro, não conseguindo ouvir a respiração de sua vítima.

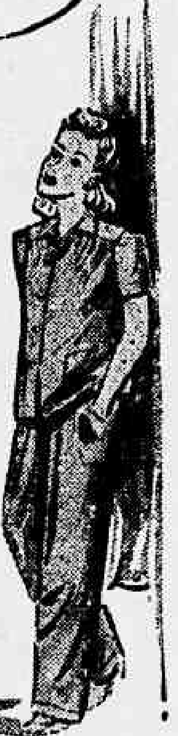
Um cheiro de naftalina penetrou em suas narinas. Deviam ser as naftalinas que êle punha em alguma coleção de qualquer coisa. Tudo servia para excitá-lo. O cheiro inocen-



Metrolina



antisséptico
adstringente
bactericida



O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.



ENLACE FERNANDEZ ALVAREZ-LEIRO LORENZO — Realizou-se, na Bahia, no dia 29 de abril último, o enlace matrimonial da senhorita Erundina Fernandez Alvarez, filha do casal Manoel Fernandez Giraldez-Preciosa Alvarez de Fernandez, com o sr. Manoel Leiro Lorenzo, filho do casal Aurélio Leiro Duran-Clementina Lorenzo de Leiro, elementos de realce da colônia espanhola e da alta sociedade baiana, que prestigiou com sua presença as solenidades civil e religiosa. Ao alto vemos os jovens nubentes, que realizaram sua viagem de núpcias à Espanha, cercados das suas «demoiselles-d'honneur».

te provocou-lhe um ódio mais doentio ainda. "Vou amarrá-lo — foi bom eu ter trazido corda — vedar-lhe a boca e depois com calma acordar o bicho... assim é que vai ser bom... êsse canalha, essa pustula tem que sofrer muito..."

Eduardo já não estava regulando. Uma espécie de loucura, de sadismo de estranha maldade, parecia dominá-lo inteiramente. Foi andando devagar. Tacteou com as mãos. Imprudente, riscou um pau de fósforo. Ninguém. A cama não fôra desmanchada. Oh! inferno! O miserável não estava ali.

Saiu com os nervos em brasa. Entrou no primeiro bar que encontrou e virou quanta pinga lhe serviram. Tinha vontade de cometer uma brutalidade qualquer para vingar-se de tôdas as injustiças que sofrera, de tôdas as incompreensões e estupidêzes.

Aos poucos, o alcóol foi atuando e, a uma super-excitação, sucedeu-lhe um grande abatimento. Resolveu ir para casa.

Na manhã seguinte acordou com péssima disposição. O desejo de exterminar o velho ainda o envenenava. Com certeza o diabo tinha ido a alguma farra. Mas hoje não podia falhar. Êle o mataria. Naturalmente o individuo não ia ficar duas noites em seguida fora de casa. Era velho e não aguentava essas proesas. Naquela noite, tudo havia de dar certo. Estava a barbear-se enquanto pensava. Foi quando Helena chegou:

— Uma carta... há bem tempo o Correio não trás uma, ein?

— E' mesmo... e quando trás alguma coisa pode-se logo saber que não é carta nem nada, mas uma conta... essas malditas contas!

— Tudo há de consertar, Eduardo, calma...

— Consertar? Já "tem" dois meses que não arranjo serviço. Procurando o dia inteiro e nada. Enquanto isto, ainda há gente que "coleciona" alianças. Ah, êste mundo!

— Calma, Eduardo, não fica assim não.

— Que diabo! só dizes isto!

— Não é não, meu bem. Não adianta nada ficar nervoso.

(Cont. na pág. 48)

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

Magnetismo!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

Passou a dôr?

-um SORRISO-



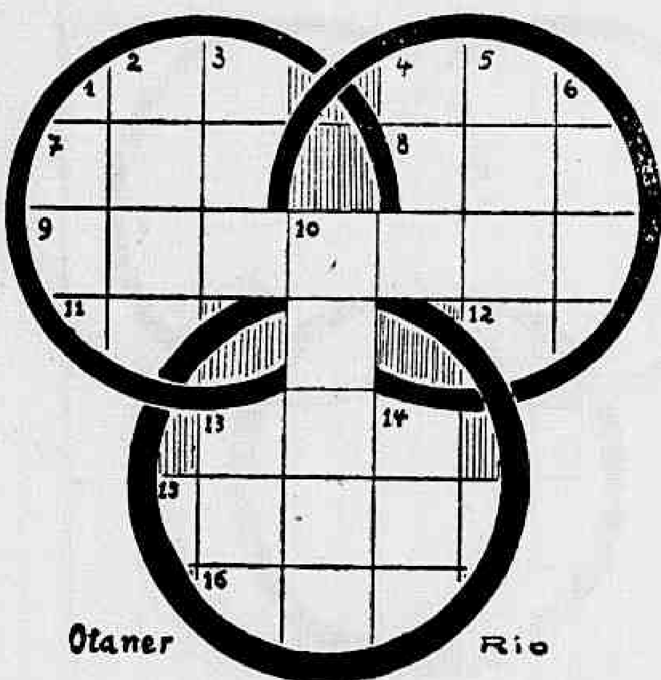
graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



PALAVRAS CRUZADAS



PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 11

HORIZONTAIS: — 1. Toma — 4. Desejo de vingança — 7. Aia — 8. Possui — 9. Vencedor — 11. Sufixo que indica ofício — 12. Intervalo de um semiton na música chinesa — 13. Atua — 15. Elegante, sóbrio (estilo) — 16. Interjeição de saudação.

VERTICAIS: — 1. Traste sem valor — 2. Gostar muito — 3. Segulam — 4. Insípido — 5. Verdadeiro — 6. Desejou — 10. Atleta — 13. Fruta do Conde — 14. Fama.

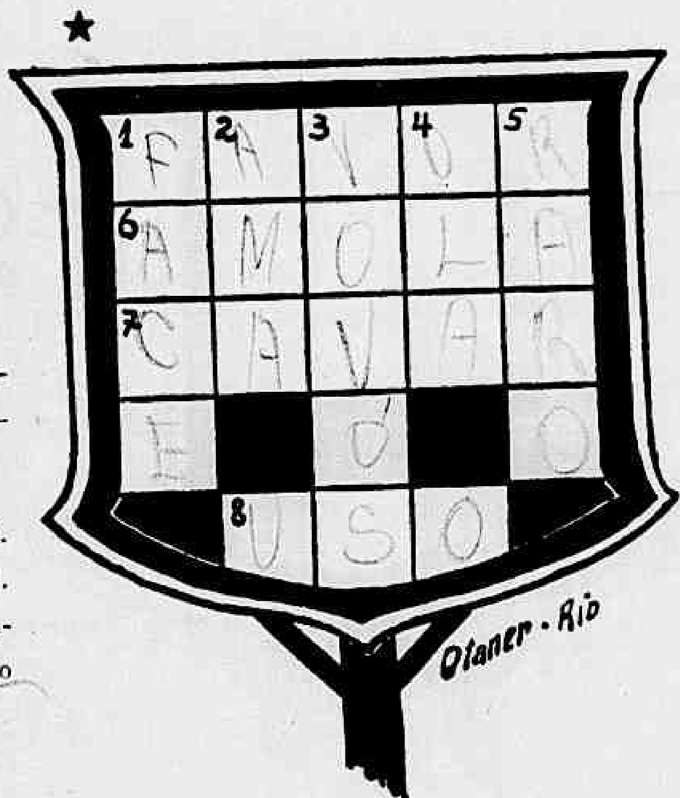
★

PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 11

HORIZONTAIS: — 1. Obséquio — 6. Afia — 7. Fazer buraco — 8. Uso.

VERTICAIS: — 1. Cara — 2. Gosta muito — 3. Avós — 4. Interjeição para chamar a atenção, para saudar — 5. Pouco comum.



★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Ma — Os — Cérulas — Ana — Ala — Aroma — Vis — Por — Irado — Alia — Edam — Atritos — Aa — Ar.

VERTICAIS: — Menorita — Aram — Olá! — Salvador — Carola — Saidas — Apa — Ai! — Som — Reta — Ara.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Cá — Ar — Ódio — És — Ápices — Morada — Brasil — Tia — Lar.

VERTICAIS: — Cadeira — Ariscas — Ambi — Porá — Edil — Sala.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

AEROVIAS BRASIL

Anápolis — Aracaju — Araguari — Belém — Belo Horizonte — Bom Jesus da Lapa — Carolina — Coronel Fabriciano — Curitiba — Fortaleza — Goiânia — Ilhéus — La Guaira (Venezuela) — Londrina — Macció — Miami (Estados Unidos) — Natal — Paramaribo (Guiana Holandesa) — Parnaíba — Pedro Afonso — Petrolina — Pôrto Alegre — Pôrto Nacional — Port of Spain (Trinidad) — Recife — Rio de Janeiro — São Paulo — São Luiz — Salvador — Terezina — Trujillo (Rep. Dominicana) — Uberaba — Uberlândia — Varginha — Vitória

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

LUZ QUE NÃO AMORTECE

(Cont. da pág. 46)

— Sabes de uma coisa, Helena? Se não fôsse por ti eu já teria estourado os miólos com uma bala.

— Não fala bobagem!

— Não, é verdade. És um anjo. Tu és que ainda me dás fôrças para aguentar essas contrariedades tôdas.

— Não diz isto... Mas e a carta? Não vais abrir a carta? é para ti.

— Podes abrir...

Helena rasgou o envelope. Eduardo perguntou, desinteressado, o que era. Ela:

— Mas o que isto?! Escuta só:

"Senhor Eduardo.

Segue junto a esta o seu par de alianças.

Quero dizer ao amigo — estou quase a considerá-lo assim — que não as entreguei há mais tempo porque achei que devia dar-lhe uma pequena lição. Mania de velho, pode ser... O senhor furtou-as (desculpe o termo forte, mas verdadeiro) e por isto eu quiz mostrar-lhe que nesta vida nem tudo se consegue pela fôrça. Mais podem o amor e a compreensão.

Vou confessar-lhe o meu fraco: há muito tempo arremato alianças. São dois os motivos principais que me levaram a êsse gênero de "coleções". Primeiro: imaginar, contemplando cada par, tôda a história de um amor que cresceu feliz, tomou fôrça e ganhou vida. Depois, bem sei, na maioria dos casos, êle deve ter sido enfraquecido pelas circunstâncias de nossa existência trabalhosa. Outros resistem a tôdas as adversidades e crescem cada vez mais.

Bem sei, Eduardo, que uns me chamam de poeta e outros de doido. Talvez eu seja, realmente, as duas coisas, não sei... nem quero saber. Gosto, isto sim, de ressuscitar, em minha imaginação, essas amizades que não têm fim; pois acho, e sempre achei, que o amor é a coisa que mais importa nesta vida. Quando falo nêste sentimento refiro-me ao seu sentido mais amplo e humano e não às contrafacções. Êle é que constroe o que há de mais duradouro no mundo, iluminando as nossas almas com uma luz que não amortece.

(Cont. no próx. número)

A ARTE IMORTAL DE...

(Cont. da pág. 51)

mira pelo fato de tornar uma criatura infeliz por si mesma, digna de ser protegida pela emoção dos espectadores e tornar-se digna ainda diante de sua própria desventura.

Foi assim que o genial Carlitos chegou a construir os alicerces imortais de sua grande arte, entrando em grandes complicações no decorrer da filmagem, parecendo um maluco, um ser desprezível, mas que, de um momento para outro assume proporções admiráveis, domina a platéia, vence pela ingenuidade e conquista corações pela ternura e boa-fé.

Charles Chaplin, o grande inimitável Carlitos que a mocidade de hoje não vê como o viram as gerações passadas, quando imperava o cinema mudo e as entradas a poucos níqueis, continua a ocupar o seu pedestal na Sétima Arte, de cujo trono, talvez nenhum artista o derrube.

A arte de Chaplin é imortal como a própria Arte.

A história que o Diabo me contou

(Cont. da pág. 23)

e da morte, nem penetravam os segredos da natureza."

— Todo conhecimento vem de Deus. Como pretendes, pois, ser o mestre dos homens? — e ostensivamente fiz o sinal da cruz. O Diabo se impacientou, fêz gesto de descaso, e retrucou:

— "Não seja ridículo, êste sinal já não me assusta, de tanto repetido à-toa. Há dois séculos eu fugia dêle, mas então os homens, executando-o, invocavam com fé o nome do Senhor".

Depois duma pausa, e mais calmo:

— "O conhecimento vem pelo espírito. Deus é espírito, também sou. A vitória no cérebro do homem é de quem chegar primeiro. Ora, sendo Deus um justo, um bom, perdoa sempre e muitas vêzes nem se lembra de que a malícia supera a honestidade. E eu me aproveito, e venço, porque sempre agi pelos caminhos sinuosos. E os que me seguem não têm outra atitude. Muitas vêzes queimaram homens esclarecidos por mim, mas só lhes queimaram o cérebro, a matéria. A idéia, impalpável, imaterial, se evolava e novamente eu a introduzia noutra cabeça pensante. Não se lembra de Galileu? Estêve a pique de sumir nas chamas, e isto, certamente, ter-me-ia atrasado um pouco a vitória. Felizmente, êle dissimulou e sobreviveu. Depois outros vieram e dêles me aproveitei: Voltaire, Rousseau e um Eça, no campo social; Newton e Leibnitz, no campo matemático. Sempre houve gente minha em todos os setores, constantemente inovando, e os meus adversários sempre se opondo. Depois fingiam esquecer o passado e repetiam as lições dos meus discípulos. Fraquezas."

— "Olhe aquêle casal se beijando à sombra da árvore!" — mostrou-me o Diabo. — "Vá ver que nem acreditam em mim, e até escarneçam de quem lhes recorda meu nome, tentando desviá-los do Inferno. Por estas e outras me arrependi de haver ensinado aos homens. Tornaram-se exigentes, arrogantes e perspicazes. Já não sou absoluto senhor do Inferno. Veja pois, não me convir tentá-los mais. O Inferno anda cheio de arruaceiros, e eu entediado. Profunda melancolia me tortura a existência. Vivo triste, pensativo, e só procuro paz entre os vivos da terra. Mas a tal ponto chegou a desconsideração por mim, que fui tentado pelo italiano de quem falei. Por cima, dia a dia, invadem meus domínios e riem de mim, e nem concebem minhas façanhas medievais. Até me dizem, de cara, que não passo dum velho sem imaginação, que não sei me renovar. Resolvi, portanto, destruir os homens e o mundo. Quando minha querida Marie Curie e seus epígonos penetraram o segrêdo dos átomos, me alegrei. Era o prenúncio do fim e antevi o seguro caminho da destruição. Quando aquelas duas cidades orientais sumiram numa explosão atômica, disse cá comigo:

— "Enfim já comecei. Só mais um pouquinho, e tudo estará consumado".

"Já agora meus iluminados descobriram que o hidrogênio é destruidor também. Combinado com oxigênio é vida, reduzido aos seus átomos é a destruição total, é a morte, é o fim de um mundo cansativo, sem atrações, já sem rasgos de ingenuidade, povoado de vermes exigentes, inquietos e inquietantes. O pior é um homem magro e justo, que se diz ministro do meu adversário, falar tentando esclarecer os homens. Certamente reconheceram que as idéias não se extinguem queimando cérebros, nem aferrolhando homens nos calaboços, nem os destruindo com maldições. Já combatem idéia com idéia, e isto é grave, menino, muito grave... Devo agir velozmente se não quiser perder o trabalho de tantos séculos. Cuido, entretanto, que não perderei terreno. Para cada adversário tenho dois mil aliados inconscientes. A vitória é certa e a breve destruição do mundo irremediável".

E tendo assim falado, o Diabo pulou donde estava e vi seu corpo se tornar luminoso, descer no abismo, depois alçar-se em forma de disco e velozmente sumir no horizonte azul.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitsko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super ...	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir B Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Prets — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55.00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70,00	70.00
Biarrits LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70.00	70.00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

FÁBRICA BANGÚ

TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil

BANGÚ

Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA

BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

A BELEZA DOS SEIOS

BEL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BEL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

O Rio corre para o Maracanã

(Cont. da pág. 4)

nal, e muitos nêle não acreditavam, teria que baixar a cabeça, dando-se por irremediàvelmente vencido.

A guerra na Coréia não conseguiu, nem ela, com suas perspectivas de servir de rastilho para nova convulsão mundial, neutralizar as atenções do povo pelo Maracanã. E as "manchettes" das lutas no oriente ficaram também transferidas, porque interessavam menos ao leitor, ávido de mais pormenores sôbre a contusão de Maneca, o estado moral e físico de Zizinho, Ademir, Barbosa, nomes que se impuseram e viveram nos lábios de dois milhões de almas. Os candidatos presidenciais, em pura perda, iam fazendo seus giros pelo país, ou não os faziam, convocavam convenções, ou as transferiam, porque até os senhores parlamentares decretavam feriado por conta própria, para não perder a hora e o lugar em Maracanã.

O Rio correu para o Maracanã. E aquêle pedaço da cidade que muita gente ignorava onde ficasse situado, mesmo com os remanescentes do saudoso Derby Clube dos tempos do senador Frontin, foi o mais frequentado. Para êle convergiam quase duzentos mil sêres humanos, de cada vez, e os que não podiam ir, ficavam em casa, acompanhando os lances dos nossos rapazes, através do rádio, que uma vez mais prestou inestimáveis serviços. Sem êle, a Copa do Mundo teria a metade do interêsse.

★

Não nos enganávamos quando, há dois meses, dizíamos para esta revista, de terras européias, que a Copa do Mundo faria mais pela divulgação do Brasil, que muitas embaixadas diplomáticas. Na Itália, França, Espanha e Portugal, não eram apenas os desportista que se interessavam pelos detalhes do "estádio maior do mundo", mas tôda a população. E gente do velho mundo que ainda confundia o Rio de Janeiro com Buenos Aires, graças a êsse acontecimento, pelo menos aprendeu que Buenos Aires fica na Argentina — e a Argentina não veio. Foram poucos os turistas? Tanto melhor, desde que nos encontrávamos pouco habilitados a lhes dar hospedagem. Mas os que vieram, incumbem-se de levar para suas terras a impressão esmagadora do que acabaram de ver na cidade mais bela do mundo, que tem agora o estádio maior do mundo.

Com qualquer desfecho do campeonato, o Brasil viveu uma hora de evidência mundial. E, o que mais importa, por um motivo meramente desportivo, que chegou mesmo a abalar a imprensa britânica, ao cobrir-se de luto, nos jornais mais representativos, pelo rendimento escasso de seus jogadores de ponta-pés.

Até aqui, a evocação mais grata ao brasileiro, no campo desportivo, era o memorável lance de Freinderach no Sul-Americano de 1919. A partir de agora, êsse goal terá perdido muito de sua expressão histórica. Os componentes da equipe de 1950 tomaram-lhe a vez.

E o Rio foi falado. Muito falado, até, por êsse mundo além...

Pena não haver outro acontecimento igual em perspectiva tão cedo.



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUE NOME SE DÁ AO INTERCAMBIO ENTRE OS CORPOS VIVOS E O MEIO AMBIENTE:

— Sociologia?
— Ecologia?
— Metabolismo?

2 DA GUERRA QUE O CHILE DECLAROU À BOLÍVIA E AO PERU, EM 1879, QUAL FOI O RESULTADO:

— Venceu o Chile?
— Venceram os aliados?
— Decisão por arbitramento?

3 POR QUE NÃO TEM A BOLÍVIA UMA SAÍDA PARA O PACÍFICO:

— Pela presença dos Andes?
— Por que a perdeu na guerra com o Chile?
— Por ter trocado o pôrto por terras ao Norte?

4 QUE SIGNIFICAM AS INICIAIS MAIÚSCULAS CS EM CHAPAS DE AUTOMÓVEIS:

— Tchecoslováquia?
— Trânsito Livre?
— Santa Catarina?

5 QUANTO PESARÁ NO POLO NORTE UM VOLUME DE 10 MIL LIBRAS NO EQUADOR:

— O mesmo?
— Menos?
— Mais?

6 QUAL A EXTENSÃO DO EIXO TERRESTRE DE POLO A POLO:

— 20 mil léguas?
— 12.712 quilômetros?
— 15.305 quilômetros?

7 QUAL O MENOR ESTADO BRASILEIRO EM EXPRESSÃO TERRITORIAL:

— Alagoas?
— Espírito Santo?
— Sergipe?

8 QUE SIGNIFICA OXIMEL:

— Um veneno extraído das abelhas selvagens?
— Mel medicinal?
— Mistura de vinagre, água e mel?

9 QUANTAS ESPÉCIES DE SANGUE CORREM EM NOSSO CORPO:

— Uma?
— Duas?
— Três?

10 POR QUE DENOMINAMOS SANGUE VENOSO A UMA DAS ESPÉCIES DE SANGUE:

— Por que se supunha vir de Vênus?
— Por ser venal?
— Por que corre nas veias?

11 SE HÁ HABITANTES NA LUA, DE QUE TAMANHO VERÃO ÊLES A TERRA:

— Treze vêzes maior do que vemos a Lua?
— Do mesmo tamanho?
— Muito menor?

12 QUE NOME TINHA, ANTIGAMENTE, A ILHA FISCAL:

— Ilha das Cabras?
— Dos Ratos?
— São Diogo?

13 QUAL O PAÍS DA EUROPA QUE TEM O HINO NACIONAL CHAMADO "LA BRABANÇONNE":

— O Luxemburgo?
— A Bélgica?
— A França?

14 EM QUE ANO FOI ADMIRADO NOS CÉUS DO BRASIL O DESLUMBRANTE COMETA DE HALLEY:

— 1905?
— 1910?
— 1912?

15 A QUE ELEMENTO DA NATUREZA DEVEMOS A VIDA NA TERRA:

— Ao Sol?
— Às chuvas?
— Às fases da Lua?

16 QUE QUER DIZER MOLÉCULA:

— Uma parte da moleira?
— A combustão do oxigênio?
— Partículas que compõem os corpos?

17 QUE ÊRRO DE LINGUAGEM HÁ NA EXPRESSÃO "JORNAL DIARIO":

— Pleonasmo?
— Cacofonia?
— Suarabacti?

18 DE QUE ÉPOCA DATA A TEORIA ATÔMICA:

— De séculos antes de Cristo?
— Da Idade-Média?
— Do século XX?

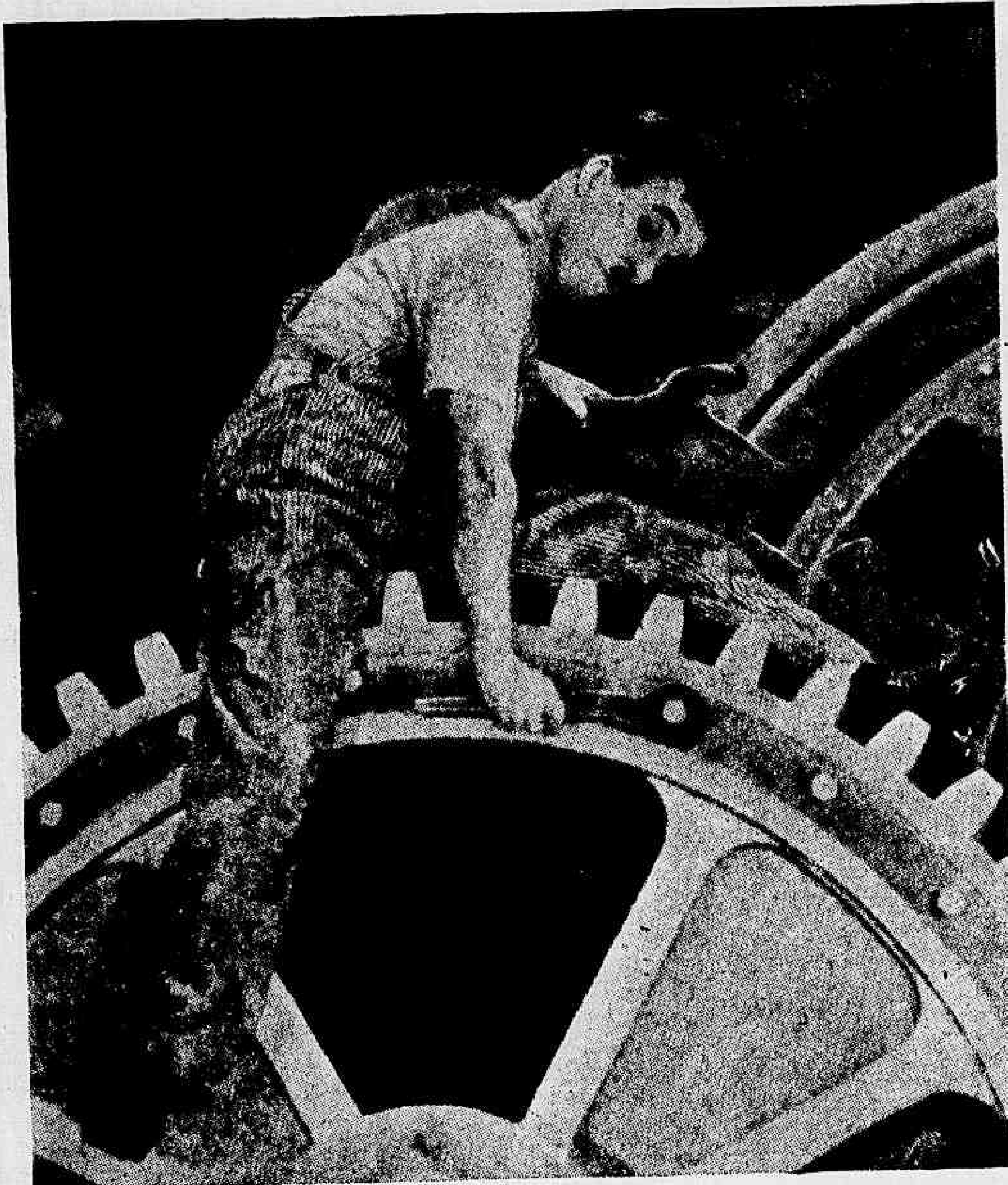
19 QUAL A CAUSA DA "VISTA CANSADA" NAS PESSOAS IDOSAS":

— Enfraquecimento do nervo ótico?
— Diminuição da pupila?
— Endurecimento do cristalino?

20 QUE PODER DE AMPLIAÇÃO POSSUEM OS BINÓCULOS COMUNS:

— Cinco vêzes?
— Três?
— Duas?

(Respostas na pág. 48)



TEMPOS MODERNOS (1936)



"BETREWN SHOWERS" (1914)



A ARTE IMORTAL DE CARLITOS

JUSTAMENTE COMO FAZIA HÁ 25 ANOS, CONTINUA O INCOMPARÁVEL HUMORISTA A SOFRER AFLIÇÕES, DORES MORAIS, NA COMÉDIA DA HUMANIDADE. OPINAM GRANDES CRÍTICOS SÔBRE O SEGRÊDO DO ÊXITO DE CARLITOS



Já lá se vão os anos em que o cinema podia ser frequentado mediante alguns níqueis e a música nos era oferecida, tanto ao lado da tela, como nas "salas de espera", por pianos ou orquestras. Foi nessa época que escolares da América descobriram um pantomimista chamado Charlie Chaplin, ou, em língua portuguêsa, Carlitos Chaplin.

Sua maneira de rir e o aspécto grotesco abriram-lhe a estrada da fama e da fortuna. Vinte e cinco anos mais tarde, novo grupo de estudantes redescobriram Chaplin, ou melhor, ajudaram o próprio Chaplin a descobrir-se a si mesmo.

O fato se passou mais ou menos assim: após as críticas azedas e das reações publicas em tôrno do seu filme "Monsieur Verdoux", há três anos, Chaplin retirou a película da circulação no país, isto é, nos Estados Unidos. Com efeito, Chaplin jámais gostou de que os seus filmes fossem exibidos puramente sob o ponto de vista comercial. Se bem que "Monsieur Verdoux' fôsse proclamado, em votos, a melhor fita de 1947, pelo "National Board of Review", e conquistasse vários "Oscars" no estrangeiro, Chaplin sentiu que o público já não estava apreciando muito os seus filmes. Com razão ou sem ela, atribuiu essa frieza aos ataques pessoais e políticos que lhe faziam e não como uma resultante de seu fracasso como ator para fazer rir ou divertir.

Há poucos meses passados, a escola em que sua filha Geraldine, de sete anos estuda, precisou reunir certa importância em dinheiro por meio de doações. Chaplin aproveitou então o ensejo

de também ajudar e mandou uma cópia do seu filme "City Lights" (Luzes da Cidade, nome em português), afim de que fôsse exibido e o apurado entregue ao estabelecimento como benefício.

Se bem que as crianças de hoje conheçam Chaplin como ouvem falar de Cristóvão Colombo, o espetaculo lhe encheu as medidas. Enquanto o filme passava na tela, Chaplin sentou-se a um canto da última fila e ficou a observar atentamente a meninada afim de penetrar-lhe o ânimo. E, de acôrdo com suas próprias palavras, a meninada gostou daquilo.

A reação dos escolares diante da exibição de "Luzes da Cidade" fêz que Chaplin reconhecesse que, talvez, houvesse êle antes julgado mal o público em relação aos seus filmes, que, talvez, ainda possuisse aquêle antigo atrativo de comediante e que por fim, talvez ainda estivesse em condições de fazer o povo rir. Imediatamente Chaplin, o comediante, entrou em entendimentos com Chaplin, o produtor a êste com Chaplin, o associado da United Artists, a emprêsa distribuidora de seus filmes. Tudo isso reunido, ficou decidido que se re-filmasse "Luzes da Cidade".

O gênio antigo ainda lá estava, sem dúvida alguma. O filme foi lançado em Manhattan a 8 de abril e, desde então, conquistou as preferências do público. O sucesso foi tão grande que a United Artists" está trabalhando para re-editar "Modern Times" (Tempos Modernos), "The Great Dictator" (O Grande Ditador) e, possivelmente, outras produções de Chaplin.

Repousa na arte de Chaplin o gênio daquela sabedoria, daquela técnica de fazer rir o espectador, ao mesmo tempo que o comove, despertando sentimentos que são tão velhos como os próprios séculos, arte essa que muitos outros países a praticaram também, como sucedeu com a Itália nas improvisadas comédias de arte, ao Japão com seu teatro estilizado de Kabuki, arte da pantomima.

Quando Chaplin posou o seu primeiro filme em 1913, levava êle tôda a absorção das ricas tradições do "music hall" inglês. Os originais de pantomimas nos quais tinha êle estudado seus papéis ainda em começo da carreira, haviam também obtido exito em Londres, Paris, Buenos Aires e Nova York.

A começar de Marck Sennett, começou Chaplin a subir, a conquistar plateias, a construir uma arte e uma técnica até então desconhecidas, cujo ritmo é ainda hoje insuperável. Criou apenas um tipo humano, o vagabundo, o vadio, o "João Ninguém", cujo aspécto é identificavel em qualquer parte do mundo, tipo internacionalizado e fixo como Arlequim, Escaramouche, Papai Noel ou Mickey Mouse.

Como costuma suceder com os grandes pantomimeiros ou comicos, foi Chaplin idolatrado, primeiramente, por aquêles que viam em si mesmos àquelas emoções do artista inimitável; depois conquistou os demais espectadores já num plano intelectual mais elevado.

Nos velhos tempos do cinema mudo a poucos tostões por entrada, as comédias da Keystone eram consideradas primitivas, toscas. Nos domingos, os pastores em seus pulpitos as fulminavam, censurando-lhes pela vulgaridade e cenas grosseiras. Mas a criançada gostava delas e ia com seus níqueis à bilheteria e Charles Chaplin era seu ídolo.

Dêsde o momento em que uma classe mais elevada, intelectualmente falando, começou a aplaudir os filmes de Carlitos, sua produção aumentou chegando a mais de cinqüenta. Em 1916, Mrs. Minnie Maddern Fiske, grande interprete do teatro, declarou o seguinte ao "Harper's Weekly": "E' surpreendente para numerosos americanos esclarecidos o reconhecer o crescimento constante de gente que neste país esteja vendo no jovem bufo Charles Chaplin, um extraordinário artista, um cômico de gênio".

Qual teria sido o segrêdo do sucesso de Chaplin? A isso responde a mesma Mrs. Fiske: "Imaginação inesgotável", guiada pela precisão infalivel de perfeita técnica".

Literatos e críticos de todo o mundo procuraram analisar a arte e o sucesso de Chaplin e chegaram à conclusão de que o triunfo que lhe veio foi devido ao desnorteante e genial lirismo só encontrado em Shakespeare, esta a opinião da famosa criticista de arte, a francêsa Elie Faure. Por sua vez, St. John Ervine, o ensaista britânico e crítico teatral observa: "Tôda a graça realizada por Chaplin vem, não de qualquer esfôrço estudado previamente, mas da impossibilidade em que qualquer uma outra pessoa está de fazê-lo".

Outro inglês, Thomas Burke, amigo de Chaplin, escreveu: "O seu segrêdo de agradar e comover está na sua meiguice e é isto que domina a terra".

Chaplin, concorda, mais ou menos com Burke, embora êle mesmo ache que em tudo isso que fêz e faz, há grande dose de fantasia, capricho, simpatia na interpretação.

Explicou, certa vez o grande comediante que, para êxito na interpretação, para ter sucesso na mesma, é necessário conhecer a natureza humana. E explica sua tése dizendo que o povo o ad-

(Continua na pág. 48)



O GARÔTO (1920)



LUZES DA CIDADE (1931)



O GRANDE DITADOR (1940)



MONSIEUR VERDOUX (1947)



OMBRO ARMAS! (1918)

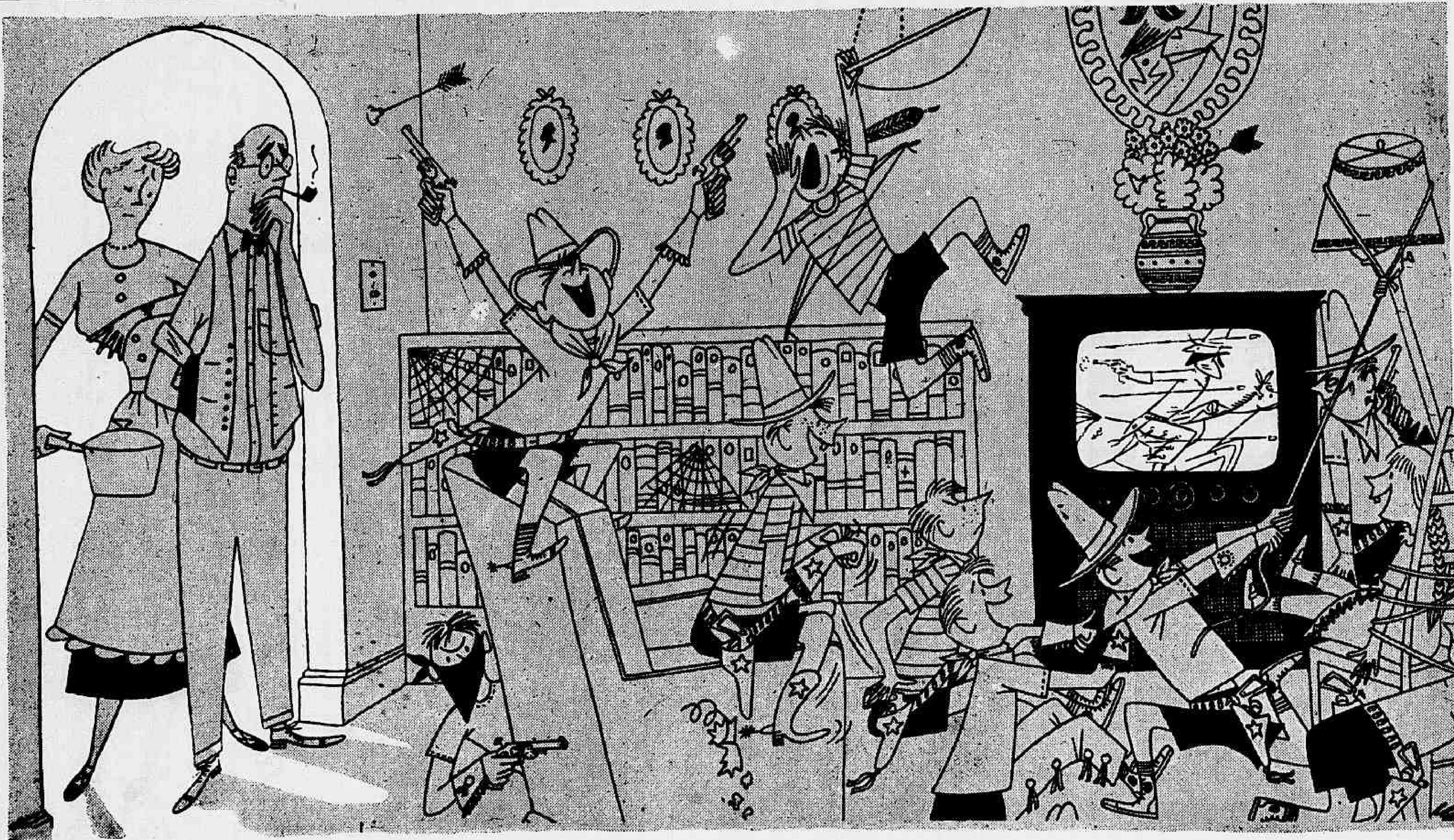


EM BUSCA DO OURO (1925)

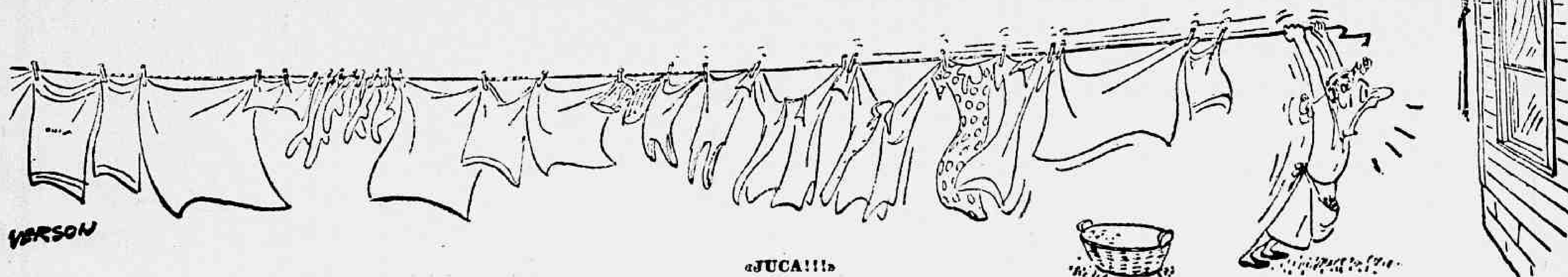


BOM HUMOR

STEINBERG



UM PROGRAMA INFANTIL RADIOTELEVISIONADO EM 1950



«JUCA!!!»



Antônio César, fantasiado de «General da Banda», ao lado de sua irmã Penhita, e de «sua namorada» Jesuina



Agora, o velocípede, mais tarde o automóvel. Mas por ora, essa é a pôse da predileção de sua adorada mamãe D. Analide Monteiro



Êle adora a vida ao ar livre. E nada lhe é mais agradável que um longo passeio em companhia de «sua namorada»

HOMENAGEM À DRA. JESUÍNA REIS FERREIRA LIMA

ESTES flagrantes são da vida real da nossa admirada obstetra Jesuina Reis Ferreira Lima, que os utilizamos agora com o objetivo de homenagem solidária, prestada pela passagem do seu natalício.

A nossa diplomada pela Faculdade Fluminense de Medicina é também funcionária do Ministério de Educação e Saúde. O motivo da nossa apreciação pela srta. Jesuina, é sua reconhecida elevação cultural, o que conseguiu apesar de ter lutado com grande esfôrço, pois, além de descendente de família pobre, perdeu seus pais com tenra idade.

Perguntamos se ela já havia concluído os seus planos. Respondeu-nos que para tal continua estudando, e, no momento, está se aperfeiçoando em Inglês e Francês no Curso da Associação Cristã de Moços.

Adiantou-nos ainda que os conhecimentos já adquiridos têm sido de fato a táboa de orientação na sua vida estudantil.

Além das crianças, que constituem o seu ideal, disse-nos também gostar imensamente da companhia do casal amigo de japonêses, "pois êstes japonezinhos são de gôsto apurado, são êles os meus maiores amigos e me querem sempre" — segundo suas próprias palavras.

— "Quando chego em casa deles, além do alarido que significa alegria no japonês, logo após começam a me dar ordem: "água bem fresquinha!" Isto é, água num pratinho esterilizado, pois não se servem no de uso anterior, sem a devida esterilização para o segundo. "Agora queremos cadeira; bom, já chega, mudamos o cenário; queremos colo. Já são 20 horas? Vamos jantar, precisamos de boa tagarelice como aperitivo, senão iremos dormir com o estômago vazio". — Vejam só; êles, como tudo aqui neste planeta, nos proporcionam felicidades e não são eternos, não são meus. São de propriedade de Madame Paiva Menezes, minha boa amiga. Ela tem grande desvêlo por êsses pequerruchos. Ela diz: "Êles são os meus presentes muito significativos".

O pequenino Antonio Cesar chama-lhe de "minha namorada". E' filho de modesta família de Paquetá, também sua amiga. Às vêzes ela lhe diz: "Estou trabalhando para quando estiveres na idade colegial poder custear os teus estudos, se Deus quiser, tal é o amor que lhe dedico. Êle: "está bem, porém, antes dos livros, quero um automóvel, pois é o que todo rapaz estudante precisa, sim, "minha namorada"?



Pôse inspirada por «sua namorada» para demonstrar como se come maçã e corre de velocípede ao mesmo tempo





Quando perguntamos a Mme. Paiva Menezes o significado dos pequerruchos, ela conta: «é linda história de um Príncipe que por fim desposou a Princesinha daquele Castelo».Eis duas poses do «casalzinho intrépido» que vive tão feliz

ANTES DO MEU CASAMENTO











Roberta surpreendeu os olhares ternos de Gene para os seus. E percebeu que o seu coração estava batendo demais. Sentia estranha sensação ao amarrar-lhe o braço.

















Os comentários de Gene sôbre Charles provaram perante Roberta o carretismo de Gene



QUE SUCEDERA' A ROBERTA? CHARLES, SEU NOIVO, ACABARÁ O CASAMENTO?

UM NOIVO SAIDO DO INFERNO



noivos que caem do céu. São que surgem diante de suas le maneira imprevista, como o Criador de tôdas as colhas sem maiores atrativos, uro amargo; de súbito apaipe Encantado. Elas descon- Não podem crer que a vida urpresas agradáveis. Consul- parentes mais velhos. Todo mirado e as primas começam iva «Gata Borralheira». Vem a jovem se enche de flores, de parabéns, de felicidade.

O noivo caíra do céu. E são felizes para o resto da vida. Há, porém, outros que saem do inferno. Vejam o que sucedeu recentemente com uma jovem patrícia nossa. Pensando, como tôda moça, em casar-se com um homem que reunisse tôdas as condições para uma lua de mel eterna, ela também vivia a suspirar pelo seu Príncipe Encantado. E um dia, ei-lo!

Era um jovem de belo aspecto físico, muito bem trajado, educadíssimo, natural de um dos mais civilizados países do mundo: a Suíça. Falando correntemente o português e sabendo várias outras línguas, possuía um futuro certo e brilhante: engenheiro civil.

Vira a jovem e por ela se apaixonara doidamente como Peri de Ceci, Romeu de Julieta e Dante de Margarida. A moça também o achou um encanto. Casaram-se. Mas... que decepção!

O suíço, depois de um mês de vida conjugal, mostrou que não estava apaixonado coisa nenhuma, não era enegenheiro, nem tão pouco solteirinho. A única verdade nisso tudo é que, realmente, nascera na Suíça.

Casado, lá deixara a espôsa a esperar por êle. A patrícia, desesperada e vendo cair por terra todo o seu sonho azul entrou com processo de anulação do casamento. Um noivo infernal!

AS AVENTURAS DE RUBY



Mrs. Ruby D. Bartges dava e filme entre o drama e a . Ainda jovem, essa mulher, atativos físicos, conseguiu fisonário de Kansas, de nome . Mas sua espôsa, mulher doto aventureiro e folgazão, passar o chofer do milionário. manhã de primavera, eis o emcompanhia da patroa numa rismo entre Wichita e Limon, nsas ao Colorado. Quando o ube do passeio fora do programa, pisou nos calos e bufou. Brigaram. O caso assumiu proporções de escândalo e veio o divórcio. Para não aborrecer-se mais, o espôso ultrajado deu, como indenização, 325 mil dólares. Com essa importância, Ruby achou que tudo estaria azul e se casou com o seu sedutor, o chofer Warren Bartges, passando de Mrs. Dickey, espôsa de um milionário, a Mrs. Ruby Dickey Bartges, espôsa de um chofer. Para mostrar que a vida estava para êles, preparou maravilhosa viagem de núpcias. Comprou um iate muito alvo e luxuoso encheu-o de tudo o que é necessário para uma viagem de lua de mel e se largou a velejar para o México. Sucede, porém, que dinheiro sempre retirado sem nenhum depósito, acaba, um dia... E êsse dia chegou. Ruby ficou lisinha da silva. Resultado: empregou-se como "garçonette" num restaurante dos Estados Unidos enquanto seu amado era levado à prisão por crime de roubo lá para as bandas do Arizona. Mas Ruby nasceu mesmo empelicada. Morre agora o seu primeiro marido deixando uma fortuna de 3 milhões e oitocentos mil dólares. Surgiu um advogado e convenceu Ruby que ela tinha direito à metade daquela riqueza. E foi barbada: o juiz mandou que lhe entregassem 1.575.00 dólares! E agora a irrequieta Ruby terá mais cuidado com iates e choferes...

DRAMA FORA DA TELA



os visse um ao lado do outro, : «que casal feliz!» Na verdaa estrelinha cinematográfica drix, ao casar com Audie Murcondecorado militar dos Estapor suas bravuras na última rra, se julgava também a mais ulheres. Murphy, jovem, atlétimpático, era o seu ideal. Mas, ue reluz é ouro, diz o matuto bem. Muito cedo, logo em seatrimônio a 8 de janeiro de 1949, viu a artista que o espôso podia ser tudo: belo, herói, musculoso, mas que não podia ser o homem-ideal.

Vivia êle a criticá-la, a fazê-la chorar, a humilhá-la, a censurar-lhe o vestir, o andar, o falar... Até lhe censurava o falar! Vejam que marido imprudente! E os laços da harmonia conjugal se foram rompendo, rompendo, até que se aniquilaram de uma vez. Wanda pediu divórcio. Audiência marcada, ela explicou ao Juiz todos os motivos do seu requerimento. E desfiou todo um rosário de lamúrias, chorando constantemente, deplorando o seu êrro. O rapaz a torturava sempre, mesmo diante de pessoas estranhas. Um horror! Wanda sentiu tanto que adoeceu. Estava esgotada física e espiritualmente. Médicos a socorreram e lhe prescreveram repouso. Como conseguiu-lo em companhia do homem que não tinha piedade de seu estado nervoso? O Juiz ouviu o acusado. Murphy não negou as brigas com a caríssima metade; entretanto também disse coisas. Uma delas parecia mesmo muito importante e que retratava definitivamente a desavença conjugal: «Sr. Juiz, — disse êle pausadamente — eu nesta vida conjugal lutei mais em alguns meses do que durante tôda a guerra!» Concedido...

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR À ROMA



Um dia também a famosa "estrêla" de Hollywood, Jennifer Jones foi à Cidade Eterna. Como não podia deixar de acontecer, o povo, os fotógrafos, os cronistas, assediaram a vitoriosa intérprete de Bernadette, a menina que viu N. S. em Lourdes, e lhe causaram sérios aborrecimentos. Jennifer já não é apenas uma artista e sim a espôsa de David O. Selznick. Por essa razão se tornou inimiga de fotógrafos e de curiosos. Aqui está ela a passeio em Ciampino, logo depois de ter sua secretária negra que lhe guarda as costas, esbofeteado um atrevido fotógrafo que se aproximara perigosamente de Mrs. Selznick. Os romanos e, especialmente, as romanas, acharam que Jennifer estava um tanto gorda... Mas, que querem? Bons passeios, boas roupas, nenhum trabalho, nada de preocupações, excelentes hotéis, vinhos de primeira ordem e um atencioso marido, como não engordar?



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS:

O Rio corre para o Maracanã (Celestino Silveira) 4/9
Festa Veneziana (Sabino Canalini) 11/13
Uma operação de tireóide (Carlos Tenório) 16/21
Os gatos da Academia (Abdias Rodrigues) 24/28
Coisas que não estão na História (Armando Pacheco) 29/32

CURIOSIDADES

A arte imortal de Carlitos . 50/51

LITERATURA

Dos cadernos de Mister Hyde (Edmundo Lys) ... 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 14/15
A história que o diabo me contou (A. S. de Figueiredo) 23
Luz que não amortece (Euclides M. de Andrade) . 33

FEMININAS

Copas Modernas 35
Vestidos Plissados 36/37
Esportes de Inverno 38
Blusas para Tailleurs 39
Novos chapéus 40
Para a manhã 41
Week-End na Cozinha 42/43
Penteados Modernos 42
A beleza dos olhos 43

HUMORISMO

Nicodemus oferece... 22
A arma do cidadão (Théo) 34
Bom-Humor 52

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10
Personagem da Semana ... 10
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Fº) 47
Palavras Cruzadas 48
Correio da Revista 48
Puxe pelo cérebro 49
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Antes do meu casamento . 54

FOTOS

Newton Viana — Arnaldo Veira — José Santos — Arnaldo Vieira Fº — Sabino Canalini — Antônio Lima — Adir Vieira — Avulsas.

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

BONECOS

Rafael

NA CAPA

Gaby André
(M.G.M.)

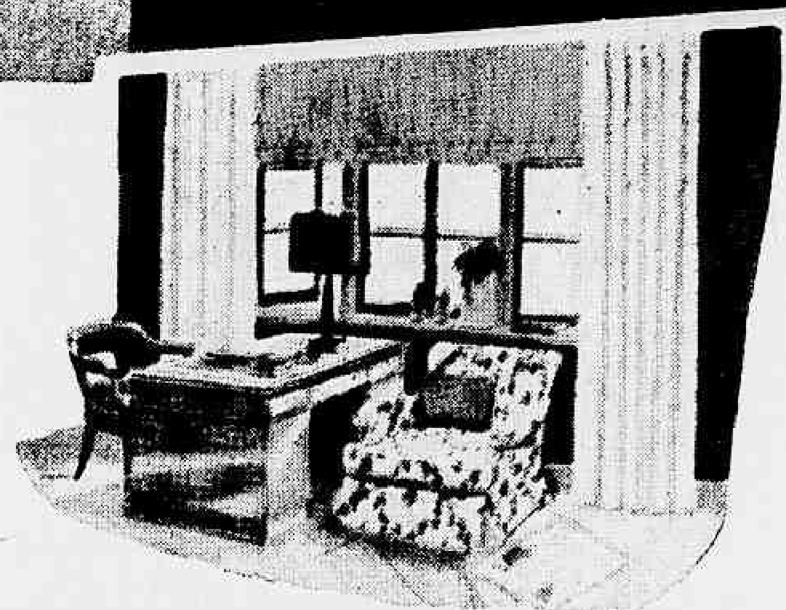
QUANDO HAVIA ESPERANÇAS...

QUANDO os espanhóis pensavam que o "stock" de goals brasileiros estivesse consumido com os sete a um nos suecos, incidiram no grande êrro: subestimaram as possibilidades dos nossos. E chegaram, mesmo, a dizer à reportagem que se os pupilos de Flávio Costa haviam vasado as rêdes suecas sete vêzes — êles o fariam não sete, mas oito, na baliza de Barbosa. Enganavam-se. Nenhum dêles esperava a investida brasileira com aquêle mecanismo infalível, propulsor, que investe do princípio ao fim, levando tudo de arrancada e esmagadoramente. Seis vêzes Ramalhete teve de ir buscar o couro no fundo da rêde — e apenas uma a façanha se registrou do outro lado. Com o que menos contavam os espanhóis, era com o "ballet" estilizado de Zizinho, que aí está, na gravura, mostrando um passo novo, talvez inspirado no frevo pernambucano... Entre os heróis das grandes jornadas do Maracanã, Zizinho foi um dos pontos altos, em conexão com seus valorosos companheiros. Aí o vemos, marcado por um castelhano que não levou a melhor, curvando-se, em atitude de extrema agilidade, trincando o lábio inferior, num cacoête muito dêle, e movimentando-se com engenho e arte, na direção de Ramalhete. Quase duzentas mil pessoas assistiram a essa investida, que se repetiu dezenas de vêzes. E o marcador do "maior do mundo" ia mostrando à assistência, a soma cada vez mais alta do "score". Meia dúzia de goals incontestáveis, de soberba expressão técnica, serviram para eliminar o último adversário europeu. Nesse instante ainda se sonhava com a Taça. Depois... (Foto José Santos)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Ecologia.
2 — Venceu o Chile.
3 — Porque a perdeu na guerra com o Chile (Tratado de 1884).
4 — Tchecoeslováquia (Convenção Internacional de Trânsito).
5 — Mais (5 libras).
6 — 12.712 quilômetros.
7 — Sergipe.
8 — Mistura de vinagre, água e mel.
9 — Duas (venosa e arterial).
10 — Porque corre nas veias.
11 — 13 vêzes maior do que vemos a Lua.
12 — Ilha dos Ratos.
13 — A Bélgica.
14 — 1910 (Maio).
15 — Ao Sol.
16 — Partículas que compõe os corpos.
17 — Pleonasmo.
18 — De antes de Cristo (mais de 300 anos).
19 — Endurecimento do cristalino.
20 — Três.





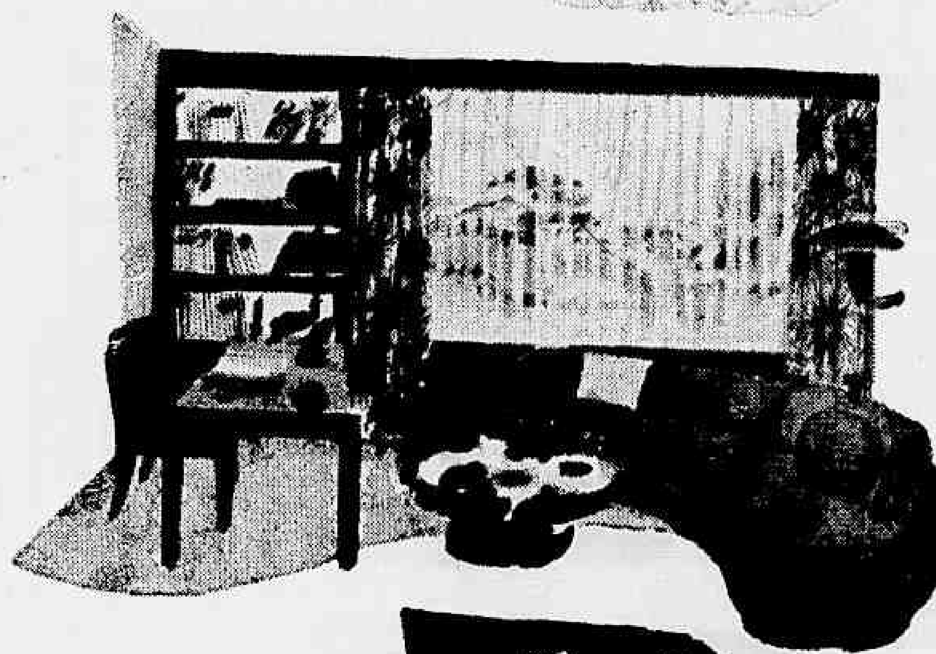
38ª. Tradicional **venda anual**

SALDOS DO BALANÇO

TECIDOS - PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES

MOVEIS AVULSOS - RÚSTICOS E DE ESTILO

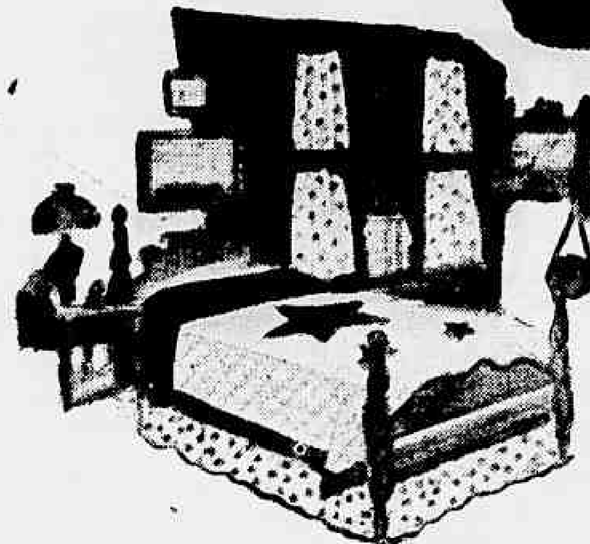
GRANDE SORTIMENTO DE

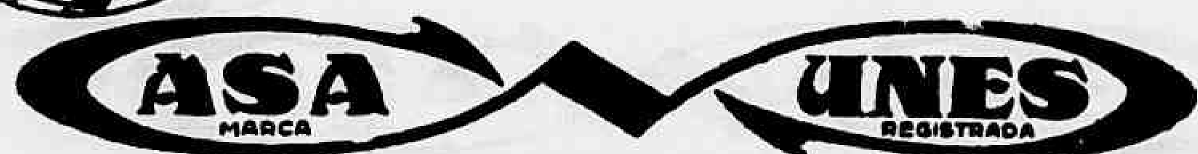


TAPETES E PASSADEIRAS



artigos modernos
aos preços antigos





65 RUA DA CARIOCA, 67 -- RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.030-II